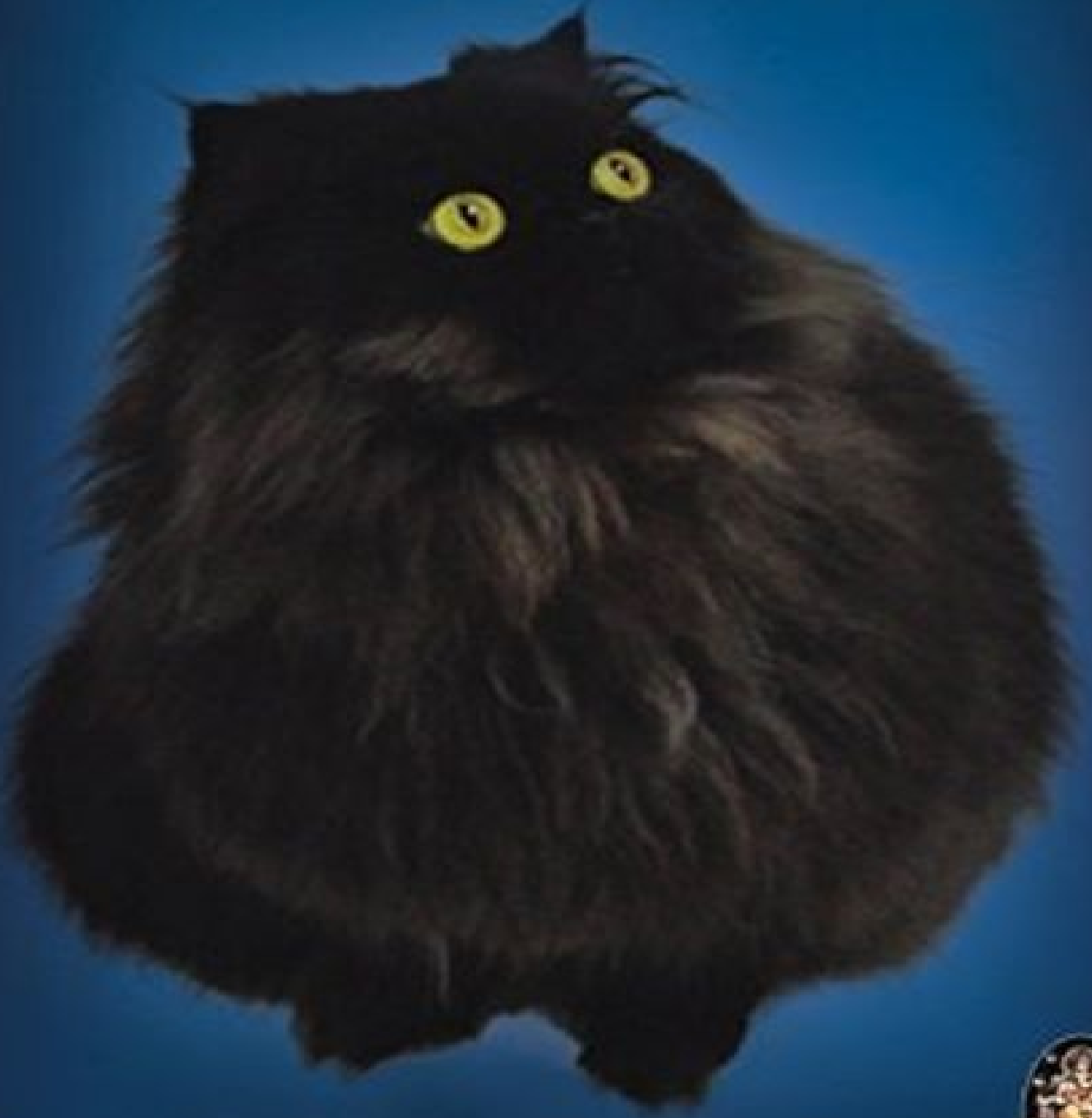
PSICO-GATO?

ENTENDENDO O COMPORTAMENTO "LOUCO" DO SEU GATO



Pam Johnson-Bennett

MADRAS

Pam Johnson-Bennet
Psico-Gato? Entendendo o comportamento louco do seu gato
Madras - 2004
ISBN 978-85-737-4819-2
Título original: Psycho Kitty? Understanding Your Cat's Crazy Behavior”
Crossing Press, 1998

Introdução

Você adotou um cão. Sim, um cão. Você chama o adestrador de cães para ajudar o cãozinho a superar alguns problemas domésticos, ou talvez porque ele necessite de treinamento para acabar com um comportamento agressivo diante de estranhos. Nenhum dos seus vizinhos ri de você ou o chama de maluco porque você chamou um adestrador. De fato, estão contentes por não precisarem ser vizinhos de um cão mal-educado. Por outro lado, conte aos seus vizinhos que você está chamando alguém para trabalhar com os problemas do seu gato com relação à sua caixinha de areia ou por causa da sua agressividade, e você vai virar piada entre a vizinhança.

Desde que decidi dedicar minha vida a ajudar os donos a resolverem os problemas de comportamento dos seus gatos, tenho ouvido todas as desculpas e declarações de que isso não pode ser feito.

"Os gatos não são treináveis!" "Os gatos são independentes demais!" "Os gatos fazem o que querem!" "Os gatos treinam seus donos!"

Há muitos anos, quando tive meu primeiro gato, eu também achava impossível treinar gatos. Quanto mais familiarizada ficava com eles, mais percebia que eu podia influenciar suas personalidades, fortalecer os laços que nos uniam e corrigir problemas de comportamento. A maneira como os gatos pensam começou a me fascinar. Fiquei espantada ao perceber quão pouco conhecemos a respeito do comportamento desses lindos animais com os quais muitos de nós compartilhamos nossas vidas.

Deparei-me com essa interessante carreira de Consultora de Comportamento Felino simplesmente por acidente. Ao tentar resolver os problemas comportamentais periódicos dos meus gatos, vime mergulhando cada vez mais fundo na psicologia animal. Não queria apenas corrigir aquilo que rotulamos como mau comportamento. Queria saber por que meus gatos faziam aquilo. Comecei a tentar mudar o comportamento dos meus gatos, depois passei a ajudar meus amigos a resolverem seus problemas com gatos. Quando me dei conta, havia-me tornado consultora de veterinários. Todos os anos, gatos sofrem eutanásia por problemas de comportamento mais do que por qualquer outro motivo. Isso é um fato terrível.

A coisa mais importante que você vai aprender neste livro é ver o mundo pelos olhos do seu gato. Esse é o segredo para solucionar problemas de

comportamento. Você não consegue resolver de fato um problema comportamental se não descobrir sua causa. Ao tentar ver as coisas como os gatos, você será capaz de deixar para trás todas essas noções preconcebidas de que seu gato se comporta assim do nada.

Vamos assumir que o problema que você está vivendo com o seu gato é comportamental. Eis a ordem das coisas se o veterinário sente que é preciso recorrer a um profissional de comportamento: observe que o final do quadro do plano de tratamento é dividido em três partes — dono, animal de estimação e ambiente. Um profissional de comportamento deve avaliar os três para elaborar um plano de tratamento completo.

Neste livro, usei casos reais para ajudar a ilustrar os diversos pontos de vista: o dono frustrado, o gatinho culpado, familiares céticos e outros animais de estimação confusos. Também espero que essa abordagem ajude você a sentir que não é o único a experimentar um problema em particular com um gato.

Frequentemente, quando visito um novo cliente, ele fica chocado ao saber que outros donos de gatos tiveram as mesmas crises. Isso ajuda você a saber que não está sozinho.

Se você estiver lidando com uma crise de comportamento agora, vou fazer dois pedidos muito importantes. Primeiro, se você estiver tentando disciplinar seu gato por causa do seu mau comportamento, quero que pare.

Castigo não funciona. Repito: Não funciona! De fato, pode ter o efeito contrário e tornar ainda pior uma situação ruim. Sei que provavelmente lhe disseram para esfregar o focinho do gato nos seus excrementos quando ele não usa a caixa de areia, ou bater no seu focinho com o dedo quando ele tentar morder. Errado, errado, errado. A punição física pode aumentar a agressão porque aumenta o medo do animal. Um gato agressivo já está num mundo conturbado e, ao puni-lo fisicamente, você poderá fazê-lo ficar ainda mais defensivo. Bater num gato também causa confusão porque ele não saberá se a mão vai acariciá-lo ou espancá-lo. Ele logo aprenderá a associar suas mãos à dor e vai ficar com medo de você. Não é exatamente o efeito que estava procurando, é? Outra punição comum infligida aos gatos — esfregar seus focinhos nos seus próprios excrementos — é a coisa mais destrutiva que você pode fazer. Você não estará ensinando ao seu gato que urinar fora da caixa de areia é ruim. Estará ensinando que urinar é ruim e ponto final! Isso vai deixar seu gato tão estressado que você vai apenas piorar um problema que já é sério.

O que o castigo acarreta:

. Confusão no gato sobre o porquê de ele estar sendo castigado.
. Medo e distância do dono.
. Continuação do comportamento indesejado na ausência do dono.
. Mais problemas comportamentais como resultado da disciplina contraproducente.

Por meio dos relatos das minhas visitas, você verá os erros que os donos cometem e como, com a mudança para o comportamento correto, conseguimos harmonia da relação dono/gato agora ameaçada.

Às vezes, demora um pouco, dependendo de quanto tempo o problema ficou sem solução antes que se fosse buscar ajuda, mas na maioria dos casos os laços entre o dono e seu gato podem ser repara-os e fortalecidos.

Se você comprou este livro porque seu gato está demonstrando problemas de comportamento, então é provável que vocês dois estejam vivendo sob tensão. Você olha para o seu bichano e imagina doce e meigo gato que ele costumava ser. Mas, hoje, ele é um gato possesso. Você pensa: por que ele está fazendo isso? Do outro lado o quarto, seu gato olha para você com igual confusão e com

as mesmas perguntas. O problema é a comunicação entre vocês dois. Vocês não estão falando a mesma linguagem. De fato, não importa o quanto seu gato possa ser esperto, a chance de ele aprender a sua linguagem é quase nula. Penso que cabe a você aprender a dele. É aqui que eu entro. As histórias reunidas neste livro ajudarão você a ver a situação do ponto de vista do gato e isso é muito esclarecedor. A vantagem aqui é que, uma vez entendido o ponto de vista do gato, você pode aplicar esse conhecimento para resolver futuros problemas de comportamento do seu gato. Mas o ideal é usar o conhecimento para se antecipar aos problemas antes mesmo de eles acontecerem.

Um termo que você verá repetidas vezes por todo este livro é terapia de brincadeira. As pessoas que já conhecem meus livros anteriores sabem o quanto vale brincar com seu gato. Em Twisted Whiskers: Solving Your Cat's Behavior Problems, devotei um capítulo inteiro para discutir a fundo o grande impacto que as brincadeiras podem ter sobre os problemas de comportamento. Basicamente, a terapia de brincadeira usa um brinquedo interativo (como uma vara de pesca, linha e um pequeno brinquedo na ponta para ser balançado). Gosto mais de brinquedos interativos do que dos ratinhos peludos jogados no chão e esquecidos por diversos motivos. Primeiro, porque o brinquedo interativo permite a você fazer exatamente isso: interagir com seu gato. É uma maneira maravilhosa de fortalecer os laços, construir confiança, ajudar um gato tímido a se soltar ou acelerar o processo de aceitação entre seu gato e um novo membro da família. A brincadeira interativa também é extremamente valiosa para se lidar com gatos agressivos porque redireciona a agressão para o brinquedo na ponta da linha, em vez de redirecionar para você. E, também, a vara de pesca mantém sua mão a uma distância segura dos dentes do gato.

Se você estiver familiarizado com meus métodos de treinamento, sabe que uso uma abordagem positiva para corrigir o comportamento, e os brinquedos interativos são minhas armas secretas. Sendo o gato um predador, é muito difícil para ele resistir a um pássaro voando por perto ou um camundongo correndo pelo assoalho. Um gato com comportamento inaceitável normalmente pode distrair-se com o brinquedo interativo.

Redirecionar o comportamento agressivo para o brinquedo torna positiva uma situação negativa. Pode parecer que você esteja recompensando o comportamento negativo, mas não está. Você, na realidade, está retreinando o gato. Por exemplo, digamos que seu gato recém-adotado está prestes a pular sobre seu velho gato de doze anos de idade que, sem suspeitar de nada, está dormindo inocentemente na cadeira. Talvez o novo gato ainda não tenha aceitado completamente sua nova casa, ou o gato residente, por isso sempre o ataca e pula sobre ele quando este está distraído. Você pode gritar com o novo

gato, bater no seu focinho, ou persegui-lo até o outro quarto, mas tudo o que vai conseguir é convencê-lo de que ele estava certo em odiar o seu gato. Nunca serão amigos. Mas se você redirecionar o comportamento para o brinquedo, você o distrairá dos seus ataques. O predador vai preferir muito mais perseguir o ratinho atado ao brinquedo do que brigar com o outro gato. Além do mais, por meio dessa distração, você também faz seu novo gato começar a associar coisas positivas — tal como maior tempo de brincadeira — na presença do outro gato.

Brinquedos interativos deveriam ser o equipamento padrão dos donos de gatos, tanto quanto caixas de areia e ração. Mas aqui vai uma palavra de alerta: certifique-se de guardar os brinquedos quando a brincadeira acabar, para que seu gato não mastigue a linha. Os brinquedos ficam ainda mais especiais na próxima vez que você os trouxer para a terapia de brincadeira. Você vai aprender mais acerca dos diferentes usos da terapia de brincadeira em todo este livro.

"Meu gato não é normal!". Ouço isso de donos de gatos o tempo todo.

Talvez você mesmo suspeite que seu próprio gato não é normal. Vamos pegar um minuto e tentar imaginar se seu gato é realmente louco. Problemas de comportamento caem em duas categorias: normal e anormal. Muitos donos de gatos pensam que seus gatos pertencem à categoria anormal. Em sua maioria, estão enganados. E claro que há gatos com problemas anormais, mas a maior parte do mau comportamento do seu gato é do tipo normal. Sei que você não acredita em mim ainda, mas é verdade. Digamos que seu gato rejeite a caixa de areia e esteja urinando e defecando no tapete atrás do sofá. Isso seria normal?

Se você respondeu não, terá errado. Seria, de fato, um comportamento normal.

Não, não estou louca; siga meu raciocínio: se sentir que não pode usar a caixa de areia por qualquer motivo (um problema médico, caixa de areia suja, razões emocionais, um problema com outro gato na casa, etc.), seu gato vai escolher um lugar que ofereça a ele uma sensação de conforto ou segurança. Mas, só porque eu disse que esse comportamento é normal, não quer dizer que seja aceitável.

Ao perceber, porém, que esse comportamento é a reação normal do gato a uma crise, você pode começar a resolver o problema ao encontrar a causa. Vamos tomar o exemplo da caixa de areia suja demais. Entenda isso em termos humanos: você está viajando de carro e pára no posto de gasolina para usar o banheiro. Quando você entra, descobre que o local está imundo. Você opta por voltar ao carro e tentar ir ao banheiro do posto da outra rua. Bem, o seu gato não tem essa opção. Se ele vai até a caixa de areia e encontra-a suja demais para usar, ele pode sentir vontade, se estiver muito desesperado, de procurar um local mais limpo. Ao reconhecer que seu gato está tentando resolver um problema da única

maneira que sabe, você abandonará sua velha convicção de que ele está sendo deliberadamente estúpido e provocador. Mudar sua interpretação a respeito do comportamento animal lhe permitirá identificar as possíveis causas com mais precisão.

Outro exemplo de comportamento normal (porém inaceitável) é o gato que arranha os móveis. Arranhar é uma coisa normal e é parte essencial da vida do gato. Em vez de castigar o seu gato, ao considerar o comportamento normal e não mais deliberativamente destrutivo, você pode providenciar uma superfície para ele arranhar.

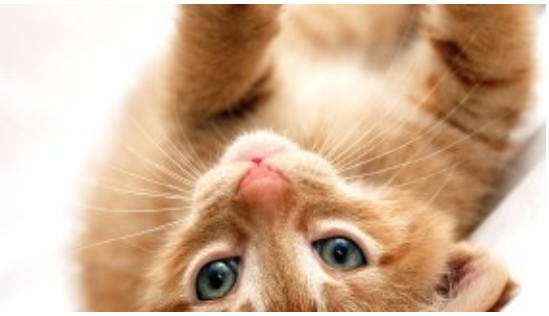
Comportamentos verdadeiramente anormais existem (um exemplo poderia ser um gato que exibe agressão extrema sem ser provocado, talvez devido a algum desequilíbrio químico). Essas condições exigem que seu gato esteja sob o cuidado de um veterinário, talvez junto a um profissional de comportamento.

Na maioria das vezes, os problemas de comportamento encontrados serão normais, embora isso não os torne necessariamente menos frustrantes.

Mas, agora que estabelecemos os parâmetros, você pode abordar o problema de forma mais positiva. Veja o mundo do seu gato através dos olhos dele e você provavelmente encontrará a solução bem à sua frente.

Espero que você aproveite essas histórias de alguns dos meus casos.

Talvez, em algum deles, você encontre situação semelhante à sua. Ao menos, saberá que você não é o único e que seu gato não é louco.



Capítulo Um

Errando o Alvo • Problemas com a Caixa de Areia

Para os donos de gatos, creio não haver problema mais mal-compreendido e complexo do que um gato parar de usar a caixa de areia.

Também é uma situação muito triste, pois muitos donos, convencidos de que se trata de um problema causado por decisão consciente de mau comportamento, decidem disciplinar seus bichos. Também é triste porque, às vezes, os donos de gatos têm tanta certeza de se tratar de problema de comportamento que sequer pensam em levá-lo ao veterinário. Isso pode resultar numa piora do comportamento, uma vez que pode haver causas médicas. O que isso quer dizer para o gato? Castigo por algo que ele não controla, acrescido de dor e desconforto por estar sofrendo algum mal. Se o comportamento relacionado ao problema de saúde continuar sem ser verificado, o animal poderá até morrer. Isso deve ser preocupação especial dos donos de gatos machos, pois estes tendem a ter mais problemas urinários em razão de sua uretra ser mais comprida e estreita do que a da fêmea. Se o problema não for checado, poderá haver o bloqueio total do canal, tornando a passagem da urina impossível.

Os problemas com caixa de areia são muitos; desde o gato se recusar a usar a nova marca de areia que você colocou na caixa, até ele ignorar sua caixa de areia porque se encontra em meio a uma disputa territorial com outro gato.

A sequência para combater esse problema possui três estágios:

1. Certifique-se de que o problema não é médico (por exemplo, doença do trato urinário inferior, falhas renais, diabetes, quadro geriátrico).

2. Verifique a caixa de areia. Ela está limpa? Você mudou a marca da areia? A caixa é pequena demais ou coberta? Está numa área de passagem?

Está longe demais? Há um número adequado de caixas?

3. Procure problemas emocionais em potencial: morte, divórcio, um novo bebê, novo animal de estimação, reforma na casa, mudança na agenda do dono — qualquer crise ou mudança, por mais insignificante que seja, deve ser analisada.

Alguns problemas comportamentais são difíceis de se detectar sozinho, e a rejeição da caixa de areia é um deles. Não hesite em consultar seu veterinário.

Ele pode aconselhar você a procurar um profissional de comportamento.

O Efeito Dominó

Gretchen, uma gata da raça Maine Coon, um ano, seis quilos e meio, sentava-se no colo de um dos seus donos. Dos dois donos, Eddie e Evelyn Clegg, Gretchen tinha escolhido sabiamente Eddie — era dele o colo maior para ela descansar. O tamanho grande de Gretchen e seu pêlo abundante fazem uma bela presença. Mas, apesar do seu tamanho, ela parecia nervosa e apreensiva enquanto eu percebia seus olhos intensamente fixos no cãozinho de cinco meses, ocupado em mastigar um brinquedo do outro lado da sala.

Eu tinha sido chamada à casa dos Cleggs porque Gretchen tinha parado de usar sua caixa de areia desde a chegada do pequeno Dominó.

"Achávamos estar fazendo uma coisa boa", explicou Evelyn, olhando tristemente Dominó mordendo alegremente seu brinquedo, totalmente alheio ao caos que ele havia causado desde a sua chegada havia um mês. Provavelmente, do seu ponto de vista, a vida era uma aventura entusiasmante que deveria ser abraçada com gosto. Ele queria fazer amizade a qualquer custo, mas não entendeu que Gretchen não compartilhava seu entusiasmo.

Eddie e Evelyn, ambos na casa dos 60 anos de idade, tinham-se mudado para Nashvil e dois anos antes, vindos da Califórnia. O marido da filha deles tinha sido transferido para essa cidade, e, sendo uma família unida, os Cleggs queriam estar próximos. Tinham esperado tanto para serem avós que não queriam perder a chance de ver seu netinho de 2 anos crescer.

"Jamais tivemos um gato antes", disse Eddie, enquanto agradava gentilmente Gretchen. Fechou seus olhos com prazer por um momento e então, rapidamente, dirigiu um olhar atento ao cãozinho. "Tínhamos um cachorro quando Laurie era criança, mas as coisas são bem diferentes com um gato", balançou a cabeça e sorriu.

Evelyn, sentada no sofá perto de mim, aproximou-se ainda mais. "Laurie

achou que deveríamos ter outro animal de estimação. Ela adora gatos e um dia chegou com esta gata para nós. Eddie não ligava para a gata no começo". Eddie interrompeu: "Isso não é verdade", defendeu-se. "Edward Wil iam Clegg, na primeira noite, você disse que a gata podia ficar na cozinha, mas tinha de ir embora na manhã seguinte", disparou ela contra seu marido. "Isso é como você se lembra disso", ele se endireitou no sofá, e Gretchen parou de olhar Dominó o suficiente para verificar o que seu dono fazia. Eddie acariciou-a e ela voltou a patrulhar o cãozinho.

Evelyn alisou algum vinco imaginário na sua saia e, então, apontou o dedo para o marido. Seu sorriso e uma piscada de olho me disseram que eles estavam brincando um com o outro. Evelyn continuou com sua história.

"Gretchen não largava do Eddie. Ela o seguia por toda parte. Era como se soubesse que teria de convencê-lo". Seu rosto tornou-se consideravelmente suave: "São inseparáveis desde então".

Embora Eddie tentasse esconder, um sorriso brotou no seu largo rosto enquanto ele olhava para Gretchen.

"Esse é o caso", declarou Evelyn.

Assim, a princípio, tudo estava maravilhoso na família Clegg quando Gretchen se tornou um membro da família. Sob a orientação da filha, Eddie e Evelyn instalaram uma caixa de areia e um poste para arranhar. Ela os instruiu a respeito de como alimentar o gato novo e trouxe-lhes muitos brinquedos de gato.

Durante meses, a vida era boa para todos. De acordo com Evelyn, Gretchen estava tornando-se uma linda gata de comportamento perfeito.

As coisas mudaram com o súbito aparecimento de Dominó. "Tudo começou porque ele engordou demais", acusou Evelyn enquanto apontava para o marido.

Eddie girou os olhos, desgostoso. Eu me mexi no sofá, achando que isso ia virar uma discussão entre eles. O peso de um cônjuge pode ser um assunto delicado e eu não queria ficar no meio. "Você engordou, admita, sim?", continuou Evelyn, "O médico falou". Sua voz se elevou um pouco para dar ênfase ao que dizia. "E você nunca engordou?", ele perguntou como uma lâmina e acrescentou escarnecendo-lhe: "Eddie, estou gorda com este vestido? Eddie, meus quadris estão grandes? Eddie...". "Chega!", cortou Evelyn.

Eu disse a você, o peso de um cônjuge... assunto temerário. Eddie recostou-se no sofá, balançando as mãos em direção à sua esposa. Gretchen, percebendo a tensão, resolveu achar outra acomodação. Com um rápido olhar para Dominó (que estava agora dormindo em sua própria cama), pulou do colo de Eddie e saiu rápido da sala. "Viu o que você fez?", disse Eddie a Evelyn apontando para a gata. Evelyn resolveu ignorar seu comentário e voltou sua atenção para mim. "De qualquer maneira", prosseguiu apesar do olhar bem-humorado de

desaprovação no rosto do seu marido. "Eddie engordou vinte quilos desde que nos mudamos para cá, por isso o médico receitou-lhe um regime rigoroso. Também recomendou a Eddie que se exercitasse todos os dias; especificamente, disse que ele caminhasse. Bem, ele fez isso durante uma semana e depois desistiu. Disse que era enfadonho demais. Então, Laurie decidiu dar a ele um filhote de cão para que eles caminhassem juntos."

De acordo com Evelyn, Eddie esperava ansioso para caminhar com Dominó. Por outro lado, a chegada de Dominó não fizera sucesso com Gretchen.

Evelyn me mostrou a casa e os dois lugares que Gretchen escolhia repetidamente como suas caixas de areia improvisadas. Ambos os locais eram na sala de jantar, debaixo da mesa de jantar.

A caixa de areia ficava no banheiro, colocada entre o toucador e a banheira.

Passei tempo individualmente com Gretchen e com Dominó. Achei Gretchen uma gata dócil e brincalhona. Dominó era um filhote curioso e amigável, sempre em busca de divertimento. Quando os dois animais ficavam juntos, porém, Dominó ultrapassava continuamente o que era obviamente a zona de segurança de Gretchen. Evelyn explicou o padrão: ele costumava correr até ela, querendo brincar, e era saudado com rosnados. Gretchen, então, fugia, normalmente indo para o quarto, onde se escondia debaixo da cama até que a área estivesse livre. Quanto mais Dominó tentava fazer amizade, mais ela o rejeitava. Era compreensível que Eddie e Evelyn estivessem aborrecidos.

Enquanto andávamos pela casa, Dominó andava nos nossos calcanhares, determinado a não ficar de fora da aventura. Quando chegamos ao banheiro, onde estava a caixa de areia de Gretchen, Evelyn, Eddie e eu entramos, mas Dominó parou à porta, recuou e sentou com suas patas dianteiras sobre o limite da porta. Notei que a expressão no seu rosto mudara dramaticamente. Ele parecia estar amuado. Perguntei aos Cleggs o porquê do comportamento. "Nós o treinamos para ficar fora do banheiro", respondeu Eddie.

"Ele importunava Gretchen quando ela estava na sua caixa e agora ele não pode entrar. Ele é bom nisso. Ele senta no corredor e fica olhando para ela". "Ele sempre a segue até aqui?", perguntei, enquanto olhava novamente para Dominó, que agora estava de pé no corredor, balançando a cauda. Evelyn balançou a cabeça positivamente. "Estamos tentando treiná-lo. Ele está começando a aprender, mas acho que é tarde demais para Gretchen", Eddie acrescentou referindo-se ao fato de a gata estar emporcalhando a casa.

Enquanto voltávamos para a sala, Dominó parou, preferindo ficar no meio da sala, no meio do caminho entre o banheiro e a sala.

"Ele já fez isso antes?", perguntei apontando para Dominó. "Sim", respondeu Eddie. "Acho que ele gosta do frio do chão". Então, Gretchen saiu do

quarto e virou em direção ao corredor. Quando viu Dominó, ela parou. As orelhas de Dominó se ergueram, sua cauda começou a balançar. Ele queria brincar.

Gretchen virou o rosto e correu para a sala. Sentou-se no lugar mais alto, o encosto de cabeça da poltrona. Dominó balançou a cauda, de maneira hesitante, duas vezes antes de afundar de novo no chão.

As peças estavam se juntando.

Expliquei a Evelyn e a Eddie que Gretchen não se sentia segura para usar sua caixa de areia por causa do Dominó. Inicialmente, ele entrava correndo no banheiro e a assustava enquanto ela estava usando a caixa. Estar na caixa de areia coloca os gatos numa posição muito vulnerável. Embora os Cleggs tenham treinado bem Dominó para ficar fora do banheiro, sua presença nas proximidades ainda representava uma ameaça.

"Ficar na caixa com o Dominó esperando ansiosamente na porta ainda cria uma sensação de medo", esclareci.

"Além do mais", expliquei, "há alguns comportamentos sutis acontecendo aqui na sala que estão causando sérios problemas". Prossegui explicando que, embora parecesse relaxado e inocente no meio da sala, ele estava barrando a passagem segura de Gretchen até a caixa de areia. Percebi que Dominó escolhera aquele local por saber que, com certeza, encontraria a gata se ela tivesse de passar. O problema é que Gretchen logo ficou intimidada demais para passar. Sua única opção, portanto, foi encontrar um local mais seguro para fazer suas necessidades. E não foi uma simples coincidência que sua escolha foi a sala de jantar. Era o único espaço com três entradas e saídas: uma para a cozinha, outra para a sala e uma terceira para o corredor da sala. Ao ir para debaixo da mesa de jantar, Gretchen sentia-se escondida, e a abertura da sala de jantar dava a ela um amplo campo de visão. Haveria tempo suficiente para reagir se ela visse Dominó. A caixa de areia no banheiro estava ao lado do toucador, escondida da porta, de forma que Gretchen não saberia se Dominó estava aproximando-se.

"Numa casa com animais diferentes, você tem de tomar cuidado para não esconder a caixa de areia num canto onde o gato se sinta encurralado", expliquei aos Cleggs, enquanto conversávamos de pé na sala de jantar.

"Veja a coisa sob o ponto de vista do seu gato", eu dizia, mostrando os diferentes pontos da sala de jantar que davam vantagem à gata. "Isso quer dizer que vamos ter de colocar a caixa de areia debaixo da mesa da sala de jantar?", Evelyn perguntou carrancuda. Para alívio deles, respondi que não.

Plano de Tratamento

A primeira coisa que fiz foi usar luz negra para procurar locais onde ela urinou que não tinham sido vistos. A luz negra torna a urina fluorescente.

Lâmpadas de luz negra estão disponíveis na maioria das lojas de animais de estimação e algumas até mesmo as alugam. Pode-se também comprar as lâmpadas pelo correio.

Marquei, com pedaços de fita adesiva, os lugares, no tapete, em que os Cleggs não viam a urina. Dessa forma, poderíamos vê-los quando eu desligasse a luz negra. Apliquei, então, um produto enzimático sobre essas áreas para neutralizar completamente o cheiro e eliminar as manchas. É essencial usar um produto que declare, especificamente, neutralizar o odor. As lavanderias normalmente tiram a mancha e mascaram o cheiro. Se você não sente o cheiro, isso não quer dizer que seu gato não o detecte. Lembre-se de que o olfato do gato é muito mais sensível do que o dos humanos.

Depois de termos limpado o tapete debaixo da mesa de jantar e enxugado bem com toalhas, direcionei um pequeno ventilador sobre o local para acelerar a secagem. Uma vez limpo o tapete, coloquei caixas debaixo da mesa para evitar que Gretchen voltasse lá. Ficaria estranho durante um tempo, eu disse aos Cleggs, mas era apenas temporário.

A próxima medida da lista era colocar uma segunda caixa de areia num local que daria a Gretchen o mesmo nível de conforto que ela sentia na sala de jantar. Os Cleggs tinham um quarto de dormir extra que havia sido transformado num espaço para guardar objetos. Sugeri que colocássemos a caixa de areia lá.

A caixa teria de ser posta longe da parede, sem estar encurralada num canto. Eu queria que Gretchen sentisse que tinha várias opções de fuga. Também instruí os Cleggs para que instalassem um portão de bebês no corredor. Dessa maneira, Gretchen poderia facilmente entrar e sair do quarto. Com ajuda da obediência que o treino daria, o portão manteria Dominó fora da área de Gretchen. Por comodidade, usar um portão que se abre ao empurrar facilitaria a entrada e saída de Evelyn e Eddie do quarto. Conforme Dominó fosse treinado a ficar fora do quarto, o portão poderia ser finalmente removido. Agora, porém, ele daria conforto para Gretchen.

Tendo duas caixas de areia em extremos opostos da casa, Gretchen teria outra opção se Dominó bloqueasse seu caminho em direção a uma delas.

Para ajudar Gretchen a se familiarizar com sua nova área, colocamos um pouco da areia suja da primeira caixa na nova. Então, depois de alimentar Gretchen, Eddie a carregaria cuidadosamente até o quarto extra. Ali, ele se sentaria na escrivaninha e leria, enquanto Gretchen se familiarizava com os

novos arredores. Como Gretchen era bastante ligada a Eddie, tê-lo no quarto poderia deixá-la mais à vontade. Criar um santuário seguro e confortável no quarto extra daria a Gretchen a tranquilidade necessária quando o cãozinho tentasse importuná-la. Para garantir isso, trouxemos para dentro duas árvores de gatos. Uma foi colocada no quarto (que logo ficou conhecido como "quarto da Gretchen"), ao lado da janela, e a outra, na sala. O motivo de eu querer uma árvore lá era que Gretchen poderia ficar no quarto com seus donos sem ser incomodada por Dominó.

Instruí os Cleggs sobre como se envolver em sessões de brincadeiras com Gretchen para redirecionar sua atenção se ela começasse a ficar nervosa com Dominó. Eles também deveriam continuar treinando o cãozinho a responder comandos de voz para que eles pudessem controlá-lo antes que ele queimasse os limites da gata. Usar o treinador de cães ajudaria a fazer de Dominó um cão bem treinado e evitaria problemas futuros. Dei aos Cleggs os nomes dos treinadores com quem eu normalmente trabalho.

Acompanhamento

Dar uma caixa de areia adicional a Gretchen fez uma grande diferença.

Ela não tinha problemas para pular sobre o portão e usou ambas as caixas. As caixas debaixo da mesa de jantar foram retiradas em uma semana.

As árvores de gatos foram uma bênção para Gretchen, enquanto ela ainda não estava certa das intenções de Dominó. Ela se sentava no alto da árvore da sala, enquanto o observava. Finalmente, começou a descer para rápidas explorações, mas saber que podia sair rapidamente do alcance do Dominó a fez sentir segura e acelerou sua aceitação ao cãozinho.

Segredos Malcheirosos

A rejeição à caixa de areia é o problema mais comum pelo qual sou consultada. Em quase todos os casos, o dono acredita que o gato está se comportando assim de propósito. Tento passar a mensagem aos meus clientes de que o fato de não poder usar sua caixa de areia causa muito estresse ao gato.

Os donos sempre ficam surpresos com esse fato. Os gatos, instintivamente, eliminam seus dejetos longe da sua toca, portanto, quando ele urina no tapete da sala é porque não tem outra escolha — está desesperado!

Margaret Christensen, uma dessas donas, convenceu-se de que Stinky,*

seu gato persa de nove meses, tinha se tornado malcriado repentinamente.

"Falei com a criadora", disse Margaret durante nossa conversa inicial pelo telefone. "Ela disse que Stinky tinha aprendido a usar a caixa de areia facilmente.

Não sei por que ele está fazendo isso."

Durante nossa conversa, perguntei a Margaret se ela havia levado Stinky (N. do T.: Fedido; malcheiroso.) ao veterinário para examinar sua urina. Sim, confirmou, ela tinha feito tudo isso, e o veterinário disse que não havia nada errado a esse respeito.

Margaret começara a notar o problema quando Deborah, uma das suas três filhas adolescentes, mencionou ter visto Stinky urinando na cesta de roupa suja. Cheia de roupas sujas, a cesta estava ao lado da lavadora. A descoberta de Deborah lembrou Margaret de que ela quase sempre julgava sentir um cheiro semelhante à urina de gato sempre que ia à lavanderia. Na época, não levou isso em consideração, achando que era uma combinação dos cheiros da pilha de roupas sujas. Depois da descoberta de Deborah, Margaret levou Stinky ao veterinário para fazer um exame.

O exame físico revelou que Stinky estava com a saúde perfeita, e por isso eu fui a próxima a ser chamada, segundo recomendação do veterinário.

"Não percebi que o problema tinha ficado tão ruim", disseme pelo telefone, "até que, quando eu estava abrindo as janelas do jardim de inverno, senti um cheiro desagradável. Olhei em volta e achei pilhas de cocô de gato num canto, ao lado dos vasos de plantas."

Margaret pensou que tinha resolvido o problema da caixa de areia de Stinky ao trocar a cesta de roupas sujas por um cesto com tampa. Ninguém na família contou sobre acidentes, e ela julgou que tudo estava normal de novo. A recente descoberta do cocô de gato mudou tudo.

Quando cheguei na casa dos Christensens, fui recebida por toda a família. Margaret e seu marido, Phil, haviam pedido que as três filhas participassem da sessão, pois eram elas quem mais interagiam com Stinky.

Enquanto caminhávamos pelo vestíbulo em direção ao quarto da família, passamos pela cozinha, onde notei uma mulher trabalhando atarefada. Um cheiro delicioso de biscoitos de chocolate recém-assados veio daquela direção.

Meu estômago roncou de aprovação, e Margaret percebeu o quanto eu tinha gostado do aroma. "Maria vem três vezes por semana limpar a casa e ela sempre assa alguma coisa para nós", disse.

Concordei com um aceno de cabeça, percebendo que o que eu tinha visto da casa até então era, com certeza, imaculado, e havia no ar um leve cheiro de polidor de móveis com perfume de limão.

De início, minha discussão com a família Christensen não revelou nada notável. Não, não haviam ocorrido mudanças na casa... a rotina era basicamente a mesma... nenhum trauma ou situações estressantes tinham acontecido.

Basicamente, Stinky era um gato feliz (ou assim eles pensavam) que vivia com cinco carinhosos membros da família. "Quando foi a última vez que Stinky deixou de usar a caixa de areia?", perguntei. "Sem contar com a cesta de roupa, que eu tirei, foi há três dias, quando encontrei sujeira de gato no jardim de inverno", contou Margaret, acrescentando que dera uma bronca no gato.

"Então isso tem sido esporádico?", perguntei, dirigindo-me a toda a família. Phil encolheu os ombros. "Deve ser. Não achei evidência de coisa nenhuma."

"Contem-me a respeito dos seus hábitos relacionados com a caixa de areia", pedi. "Quantas vezes ele vai, e vocês percebem qualquer coisa em particular referente ao seu comportamento quando ele a usa?"

Observei os membros da família se entreolharem. Deborah se voluntariou a responder: "Eu não o vejo muito na sua caixa. Acho que ele é muito acanhado", e os outros membros da família balançaram a cabeça concordando.

"Quem costuma limpar a caixa?"

"Nós todos", respondeu Margaret. "Insisto para que todos a limpem cada vez que passem por ela."

Enquanto prosseguia com minhas perguntas, fui percebendo que ninguém se lembrava da última vez que tinha limpado a caixa. Com tantas pessoas responsáveis por fazer isso, cada uma delas presumia que alguém a tinha limpado, e era por isso que estava sempre limpa. Mas alguém tinha que ter limpado alguma coisa. Isso não era um bom sinal.

O melhor lugar para começar a resolver esse mistério era a própria caixa.

Na minha rotina habitual, andar pela casa e olhar a caixa de areia é essencial.

Quando entrei no banheiro de hóspedes, onde ficava a caixa, minha antena imediatamente captou alguma coisa. "Esse é o espaço de Stinky. Ninguém mais o usa", afirmou orgulhosamente Margaret, enquanto acendia a luz. O que vi foi a grande ofensa número um no livro de etiquetas dos gatos. A caixa de Stinky, embora com um bom tamanho e muito limpa, estava a apenas uns poucos centímetros das suas tigelas de água e comida. Por motivos de sobrevivência, um gato nunca elimina seus dejetos na área da sua toca (o lugar onde ele come, dorme, brinca e cria seus filhotes), pois isso seria um tremendo atrativo para predadores. Até mesmo os gatos criados sempre dentro de casa ainda conservam esse instinto de sobrevivência. Assim, Stinky ficou diante de um sério dilema: ou ele comeria no banheiro, ou ele usaria a caixa de areia. Logicamente, como a fonte de comida estava naquele local, ele não tinha escolha. Ele tinha de procurar um lugar melhor onde satisfazer suas necessidades, longe da sua comida e da sua "toca".

Frequentemente, os donos costumam criar uma área exclusiva para a comida e a caixa de areia do gato. Tive um cliente que julgou que isso seria uma boa forma de treinar seu gato a usar a caixa de areia, porque ele era visualmente lembrado da caixa assim que tirasse a cabeça da tigela de ração. O cliente ficou chocado ao saber que isso tinha o efeito oposto.

Depois de explicar aos Christensens a teoria por trás da distância entre a comida e a caixa de areia, passei um tempo com Stinky para saber se algo mais estava acontecendo. Ele parecia meio estressado, e a melhor maneira na qual posso descrever isso é dizendo que dava a impressão de ser um gato com peso nos ombros. E certamente havia esse peso, pois ele nunca sabia onde era aceitável satisfazer suas necessidades.

Tudo isso estava começando a fazer sentido para a família Christensen.

Estavam entendendo melhor como funcionava a mente do seu gato. Todos estavam querendo fazer as mudanças necessárias para ajudar Stinky. Uma coisa ainda me incomodava. O número de vezes que seus donos descobriram uma evacuação feita fora do lugar e o número de vezes que ele deveria ter evacuado (baseado em duas refeições por dia) não estavam batendo. Perguntei de novo aos donos quem tinha limpado algo da caixa de areia nos últimos dias e ninguém se lembrava de nada específico. "Stinky deve estar indo a algum outro lugar", eu disse, enquanto diferentes preocupações cruzavam minha mente. Temia que, se realmente procurássemos em todos os cantos da casa, encontraríamos manchas escondidas e sujeira. O queixo de Margaret caiu quando expus minhas suspeitas.

"Bem, então vamos procurar agora mesmo", disse ela preocupada olhando de um membro a outro da família. "Cada um procura num quarto diferente."

Separamo-nos, indo para uma busca bizarra. Stinky só ficava olhando,

empoleirado no alto do encosto do sofá. "Você pode ao menos me dar uma dica?", sussurrei enquanto passava, roçando minha mão pelas suas costas. Ele não estava revelando segredos. Meia hora depois, estávamos todos de volta reunidos na sala. Nenhum de nós tivera sucesso em descobrir os lugares secretos de Stinky. Peguei as chaves da minha bolsa. "Vou pegar a luz negra no leu carro", disse, enquanto me dirigia à porta. "A luz negra faz as manchas de urina ficarem fluorescentes, tornando fácil vê-las."

No caminho, passei pela cozinha e olhei distraidamente para Maria, mergulhada no trabalho. Ela rapidamente olhou para mim e desviou o olhar. Será que era apenas minha imaginação, ou ela realmente tentou evitar fazer contato com os olhos? Não seja boba, Pam, pensei comigo mesma, enquanto saía pela porta. Então, a ficha caiu. Voltei para a cozinha. Maria me viu e se entregou ainda mais ao trabalho. Fui até ela e sorri. Ela não comprou o meu peixe e não sorriu de volta. "Maria", comecei, "posso fazer algumas perguntas a respeito do Stinky?" Ela consentiu com a cabeça, mas continuou com seu trabalho, que parecia ser apenas arrumar e desarrumar objetos no balcão. Por que ela estava tão nervosa?

"Quando você limpa a casa, já encontrou alguma sujeira de Stinky?", perguntei.

Ela respondeu rapidamente: "Não".

"Tem certeza?", insisti.

Maria ficou quieta por um momento, depois olhou em direção à porta da cozinha, antes de se aproximar de mim. "Não quero causar problemas para o Stinky", sussurrou. "Eu o adoro e temo que eles o ponham para dormir."

"Então você *limpou* a sujeira dele?"

"Sim, muitas vezes", respondeu olhando o chão. "Ele nunca usa sua caixa. Ele sempre vai no jardim de inverno. Conheço todos os seus lugares preferidos e limpo-os logo que chego." Pus minha mão no ombro de Maria e disselhe que não se preocupasse. Ninguém ia acabar com Stinky e agora eu tinha a informação da qual precisava para ajudá-lo. O rosto de Maria se iluminou de repente.

Voltei até os Christensens, na sala, pronta para mapear o plano de tratamento. Eu já tinha todas as peças do quebra-cabeça. Estava confirmado que Stinky não estava usando sua caixa de areia.

Plano de Tratamento

A primeira coisa a fazer era localizar todas as "caixas de areia" improvisadas por Stinky, limpar e neutralizar minuciosamente as manchas.

Usando a luz negra, pudemos encontrar as áreas que Maria não tinha visto.

Usamos uma enzima líquida especificamente para neutralizar o cheiro para que Stinky não voltasse lá. O jardim de inverno tinha portas, por isso eu disse que elas ficassem fechadas durante uma semana. Queria quebrar o padrão de comportamento que Stinky tinha estabelecido. Por enquanto, o jardim de inverno ficaria fora dos limites. Depois de uma semana, poderia ser aberto de novo, mas com pequenos pratos de ração sobre as áreas neutralizadas, transformando assim as caixas de areia em abrigo. Os pratos deveriam ficar lá durante várias semanas. Instruí Margaret a ir retirando-os aos poucos, um a um, à medida que Stinky voltasse a usar sua caixa de areia.

As vasilhas de ração e de água foram tiradas do banheiro e colocadas na cozinha. Como Stinky sempre vem correndo quando ouve o som da ração caindo na vasilha, disse a Margaret que pusesse bastante na hora do jantar.

Ela deveria chamar seu nome, elogiá-lo e certificar-se de que ele se acostumaria à sua nova sala de jantar.

Depois do jantar, Margaret devia levá-lo até a caixa de areia (ele adora segui-la; isso foi fácil, portanto). Em vez de colocá-lo diretamente na caixa, pedi a Margaret que raspasse o dedo na caixa para que Stinky ouvisse. Não queria que isso fosse algo demais, e não era para ela ficar muito tempo no banheiro. Stinky deveria ter sua privacidade. Ele logo perceberia que o cheiro e a visão da comida não estavam mais inapropriadamente próximos da sua caixa.

Usando brinquedos interativos, a família deveria distrair a atenção de Stinky do jardim de inverno sempre que começasse a farejá-lo. A menor suspeita de que Stinky quisesse se aliviar fora da sua caixa, eles deveriam distraí-lo com um brinquedo. Isso, expliquei, transformaria seus sentimentos negativos em positivos. Ele se concentraria no brinquedo e isso lhe traria a confiança associada ao fato de ser um predador. Então, quando a minibrincadeira acabasse, alguém deveria arranhar sua caixa de areia. Tudo isso de forma discreta. Ninguém deveria enxotá-lo ou colocá-lo à força na caixa, insistindo para ficar lá até fazer o que era preciso. Esse método não funciona e só estressa o gato. Finalmente, instruí os Christensens para que nunca punissem Stinky se deparassem com um acidente ou se o pegassem no ato. O castigo só faz os gatos pensarem que o ato da eliminação é ruim. Ele não entenderia que estaria sendo castigado por fazer suas necessidades fora do lugar apropriado. Toda vez que tiver de se aliviar, ficará nervoso sabendo que poderá arranjar encrenca. Isso resulta em duas coisas: primeiro, num gato que acaba achando lugares mais escondidos e, segundo, num gato que tem medo do seu dono.

Os Christensens sentiram confiança ao saber que poderiam lidar com a situação, e Maria ficou aliviada porque a vida de Stinky seria poupada.

Acompanhamento

Ao nos referirmos ao instinto do gato de evacuar longe da sua toca, fomos capazes de retreinar Stinky rapidamente. Depois de apenas duas tentativas de evacuar fora da caixa de areia, ele começou a usá-la novamente.

Quando o jardim de inverno foi reaberto, Stinky procurou seus antigos pontos, farejou a ração que tinha sido estrategicamente colocada e nunca mais causou nenhum acidente. Um mês depois da minha visita, o último prato foi tirado do chão. Quando fiz meu telefonema de acompanhamento, seis meses mais tarde, fiquei feliz ao saber que Stinky estava usando a caixa de areia e passando seu tempo tentando roubar a comida que Maria tanto se esforçava para fazer para a família.

Pouco Demais, Tarde Demais

Fiz uma visita à casa de Bárbara Cunningham para verificar um problema com caixa de areia que seus três gatos estavam tendo. Eles tinham decidido parar de usar a caixa e, em vez disso, estavam usando o chão para satisfazer suas necessidades. Fiz todas as perguntas rotineiras pelo telefone. Ela já havia levado os três gatos para serem examinados pelo veterinário, possuía mais de uma caixa de areia e sempre as limpava. Não tivera nenhuma mudança na sua vida, recentemente. Portanto, marcamos uma visita.

Bem, em minha carreira, já houve vezes em que os clientes tentaram convencer-me de que eles deveriam vir ao meu escritório, em vez de eu ir às suas casas. Diziam que isso aumentaria o número de clientes que eu poderia atender. Até mesmo alguns profissionais de comportamento crêem que visitas não são necessárias; acreditam que você pode aprender tudo o que precisa numa visita ao escritório. Para eles, eu digo: "Sem chance." Aqui está um caso que provou estar correta minha decisão de fazer visitas. Se alguma vez eu estiver dirigindo para fazer uma visita numa noite fria ou chuvosa e desejar trabalhar no escritório, vou me lembrar dos três gatos de Bárbara Cunningham.

Quando entrei na casa, fui saudada por Bárbara, uma mulher muito atraente e bem vestida, de cerca de 45 anos. Atrás dela estavam o marido e dois filhos adolescentes. Todos estavam ansiosos pela visita do psicanalista de gatos para saber a respeito da estranha desordem emocional dos seus bichanos. Os três gatos himalaios, todos companheiros, comprados de um criador, não estavam em lugar nenhum. "Passam grande parte do seu tempo dormindo", disse Bárbara ao perceber que eu procurava por eles. Bárbara insistiu em me mostrar imediatamente as caixas de areia para ver a "cena do crime", conforme colocou.

Bem, às vezes, os gatos param de usar suas caixas de areia por motivos emocionais, e dá muito trabalho descobrir o que há de errado. E, também, há casos, como esse, em que basta dar uma olhada nas condições das caixas de areia. O motivo do comportamento ficou imediatamente claro e a solução era simples. Nem mesmo precisei tirar meu casaco, nem coloquei minha pasta sobre a mesa, e já tinha a resposta. Vi duas caixas de areia, distantes um metro uma da outra na lavanderia. As caixas não estavam cobertas (graças a Deus, ao menos isso), mas eram muito pequenas. Com caixas tão pequenas, imagina-se que os animais poderiam virar-se, mas os gatos himalaios não são conhecidos por serem pequenos. Mesmo quando percebo a solução do problema à minha frente, continuo com o procedimento de entrevistar os donos e passar algum tempo com os gatos. Sempre há chance de que surja nova informação para alterar minha

teoria. Esse não foi o caso com os Cunningham. Ao entrevistar a família, descobri que os gatos se davam maravilhosamente bem. Com nove meses de idade, todos brincavam, dormiam e comiam juntos. Sua operação de castração, três meses antes, tinha sido um sucesso, sem nenhuma confusão depois de voltarem do hospital.

Estava evidente para mim que a visita era necessária, pois a informação dada por Bárbara pelo telefone não coincidia com o que eu via. Eu perguntara a ela pelo telefone acerca do tamanho e da localização das caixas de areia e ela me havia dito que eram grandes, ficavam muito distantes uma da outra e em quartos diferentes. Percebi que ela dividia a lavanderia em dois espaços, mas para mim aquilo continuava a ser um único espaço. E quanto ao tamanho das caixas, a impressão de grande para uma pessoa pode não ser igual para outra.

Quando chegou a hora de ver Ling Ling, Ming e Yoki, não me surpreendi ao ver três enormes montanhas de pêlo. Quando entrei no ensolarado quarto onde passam a maior parte do tempo, fui saudada por um olhar curioso de cada um deles, antes de decidirem que eu não era tão interessante a ponto de fazerem uma investigação. Os três gatos baixaram suas cabeças e continuaram a tirar a sua soneca. Para ter certeza de que eram apenas sedentários e não deprimidos, peguei meus brinquedos e os fiz brincar. É claro que tive de esperar até que os três tivessem bocejado e se espreguiçado suficientemente, além de se consultarem mutuamente. Uma vez que as formalidades foram removidas, eles cederam a mim e realizamos uma curta terapia de brincadeiras.

Depois de entrevistar a família e da minha terapia de brincadeira com os gatos, minha teoria inicial a respeito da causa da evacuação em lugar inapropriado se confirmou. Basicamente, surgiu pelo bom senso (ou falta dele).

Eis aqui os fatos: três gatos grandes com muita coisa para pôr para fora e duas caixas de areia pequenas com muita coisa dentro. Além desse problema, havia pouca areia nas caixas. A solução envolvia alguns passos básicos e, claro, bom senso. Como a família de Bárbara não tinha percebido que as caixas eram sujas e inadequadas? A casa deles parecia muito limpa e bem decorada. Então, o que acontecia com relação às caixas de areia? Minha teoria era "fora da vista, fora da mente". A limpeza das caixas de areia não é a coisa mais agradável de se fazer, assim procuramos por todos os subterfúgios para reduzir nossa exposição a elas.

É só dar uma olhada nas revistas sobre gatos e ver a quantidade de propagandas das últimas caixas de areia autolimpantes (não estou brincando), areia especial, caixas descartáveis, produtos para treinar os gatos a usarem a caixa (uma péssima idéia, acredite), aditivos para a areia e até mesmo pás bem compridas para você não ter de chegar perto demais da areia suja. Você vai

encontrar caixas de areia disfarçadas em floreiras, telas para a privacidade do seu gato e a lista continua. É um bom negócio. Por quê? Porque odiamos limpar a caixa de areia. Foi por isso que Bárbara Cunningham colocou duas pequenas caixas nos fundos da sua casa, aonde ninguém da família vai. Bárbara me disse que ninguém vai até a lavanderia, exceto ela, três vezes por semana, para lavar roupa.

A rotina de limpeza das caixas que eles estabeleceram quando os gatos eram pequenos era adequada, mas o que os Cunningham não levaram em consideração foi a quantidade crescente de dejetos que os gatos foram produzindo à medida que cresciam. Bárbara não ajustou o tamanho das caixas ou a rotina de limpeza conforme os gatos cresciam. Isso levantou uma outra questão com a qual ainda tínhamos de lidar: seus gatos estavam gordos demais.

"Li no rótulo do saco de areia que devemos limpar apenas uma vez ao dia", Bárbara afirmou, quando comecei a dar meu diagnóstico. "Você tem de ajustar tudo o que faz conforme sua situação individual", expliquei. "Com três gatos grandes para duas caixas pequenas, elas vão ficar cheias mais rapidamente. É por isso que os gatos estão fazendo suas necessidades fora da caixa." Expliquei a Bárbara e à sua família que os gatos ainda não pareciam estar muito estressados, embora soubesse que não estavam contentes com a situação. Eles encontraram uma solução ao usar o chão ao redor da caixa. Era a melhor opção que tinham.

Plano de Tratamento

As duas caixas pequenas funcionavam quando os gatos de Bárbara eram filhotes, mas, agora que tinham crescido, ela tinha de fazer algumas mudanças.

Recomendei que conseguisse duas caixas maiores. Eles certamente tinham espaço na lavanderia para colocá-las. Seria melhor se ela colocasse mais uma caixa no segundo andar da casa, pois acredito ser necessário haver caixa em cada andar, mas o marido de Bárbara não queria nem saber disso. Então, tivemos de nos virar com aquele único local.

Depois, vinha a quantidade de excremento. Aparentemente, Bárbara estava mais uma vez seguindo as instruções do rótulo do saco de areia, mas sem prestar atenção ao fato de ela ter três gatos que produziam grande volume de urina e faziam grande esforço para esconder suas excreções com a pequena quantidade de areia disponível. Bárbara precisava cobrir o fundo da caixa com uma boa quantidade de areia. Em regra, uma camada de duas polegadas de areia é

suficiente para se começar. Você, então, faz os ajustes necessários aos hábitos do seu gato.

Depois, discutimos a parte mais crucial da manutenção da caixa de areia: a limpeza. As caixas tinham de ser limpas várias vezes ao dia. Para ficar mais fácil administrar esse problema, achei que a tarefa não devia ser responsabilidade somente de Bárbara; todos deviam responsabilizar-se pela limpeza de rotina.

Como ninguém, a não ser Bárbara, ia até a área da lavanderia, sugeri fixar horários para verificação das caixas. Isso os ajudaria a desenvolver uma rotina. Por exemplo: a primeira coisa de manhã, depois do almoço, ou quando os garotos chegassem da escola, e a última coisa antes de dormir. Eles tinham, basicamente, de pensar num sistema que os lembrasse de checar as caixas de areia. Não importava se fosse por meio de uma nota colada à porta da geladeira, ou horários estabelecidos para cada membro da família, desde que funcionasse.

Finalmente, discutimos a alimentação. Soube que os gatos consumiam comida feita em casa, segundo recomendação do criador. Sugeri a ela conversar com seu veterinário sobre mudar a dieta dos gatos. Cozinhar para os gatos pode ser um caminho perigoso, se você não souber o que está fazendo. Instruções específicas acerca da terapia de brincadeiras também foram incluídas no plano de tratamento. Eu queria que cada gato tivesse, pelo menos, duas sessões de 15 minutos todos os dias. Aqueles gatos eram muito novos para estarem tão obesos.

Acompanhamento

Aconteceu tudo conforme o previsto. Bárbara saiu para comprar caixas novas, e eles começaram um programa familiar de limpeza das caixas. Não houve mais acidentes depois disso.

Ling Ling, Ming e Yoki não comem mais comida feita em casa e sua dieta é baseada em ração para gatos de primeira linha. A mudança de dieta e a terapia de brincadeiras os ajudou a entrar em forma. Sem todo aquele peso extra, os gatos ficaram mais ativos e interagiram mais com a família.

A lição aqui é que, algumas vezes, todos precisamos de um lembrete para termos bom senso. Posso pensar em muitas outras coisas que preferiria fazer em vez de limpar a caixa de areia, mas isso precisa ser feito e meu gatos contam comigo. Também precisamos fazer ajustes à medida que nossos gatos crescem e mudam. Adequar a caixa de areia do seu gato ao seu peso, idade e saúde física é muito importante. Um gato muito grande, por exemplo, sentir-se-á apertado numa caixa de areia coberta. Um gato pequeno pode ter dificuldades para subir

numa caixa tamanho família; portanto, você deve começar com uma caixa pequena e ir mudando à medida que ele cresce. Um gato idoso com artrite pode não ser mais capaz de subir numa caixa com os lados altos e, assim, precisará de uma caixa com os lados baixos.

Tapetes Mágicos

Há gatos que passam a vida sem dar problemas. São gatos que, apesar dos erros que nós, donos, cometemos, nunca urinam fora da caixa de areia, arranham os móveis, eriçam o pêlo para o bebê, ou mordem a mão que os alimenta.

Mas há gatos que não lidam direito com as esburacadas estradas da vida. A sobrevivência se torna para eles um desafio constante na superação das ameaças do inesperado. O som de um secador de cabelos ou o repentino surgimento de um travesseiro que caiu da cama podem ser suficientes para convencer certos gatos de que todos os quartos da casa são campos minados psicológicos. Gatos odeiam mudanças! Gatos odeiam mudanças! Gatos odeiam mudanças! Repito isso com tanta frequência para os donos de gatos, durante o dia, que tenho certeza de que também resmungo isso enquanto durmo.

Como nunca sabemos qual buraco na estrada nosso gato pode não superar, fazemos o melhor que podemos para expô-los gradualmente às mudanças necessárias. Muitas vezes funciona, mas às vezes aquele pequeno buraco se revela um precipício.

No ano passado, tive de dar um seminário educativo para o público em prol de uma organização humanitária local. Quando entrei, percebi que a sala estava lotada e fiquei feliz de ver que tanta gente se interessava em saber mais a respeito do comportamento felino. Nunca sei o que esperar quando dou um seminário como esse, pois o tópico ainda é controverso e causa certo desconforto. Portanto, quando vi todos os assentos tomados, percebi que estava ficando nervosa.

Embora cubra tantos tópicos básicos quantos sejam possíveis numa palestra de duas horas, sempre começo perguntando às pessoas da platéia quais tipos de problema estão tendo. Pedindo que levantem as mãos, pergunto quantos estão tendo problemas com caixa de areia, agressão com relação às pessoas e a outros animais de estimação, mobília arranhada, estresse, ansiedade, ciúme, depressão, comer demais e treinamento em geral. Normalmente, a maioria das mãos é erguida em resposta a uma infinidade de problemas. Pedindo que levantem as mãos, saberei o quanto precisarei aprofundar-me num determinado tópico, ou se posso deixá-lo de lado. Naquela noite, todas as mãos se ergueram quando perguntei sobre a caixa de areia. Olhei o salão cuidadosamente para ver se não estava perdendo ninguém, mas, conforme meus olhos percorriam a platéia, vi que todos erguiam suas mãos. Algumas se erguiam uns poucos centímetros, indicando provavelmente o embaraço que os donos sentiam. Muitos outros balançavam os braços sobre as cabeças, temendo que eu não os visse.

Percebendo que eu não tinha tempo a perder, deixei de lado minhas anotações referentes a móveis arranhados, ciúmes e outros problemas de comportamento e comecei uma profunda discussão acerca da evacuação felina inapropriada (mais exatamente, fazer xixi nos lugares errados). Como é normalmente o caso, conforme conversava com a platéia, descobri que muitos donos estavam tendo problemas por causa de erros básicos, como uma só caixa para muitos gatos, caixas sujas, marcas diferentes de areia, comida muito perto da caixa, *etc.* Eu tinha respostas prontas para aquelas perguntas. Além disso, havia duas pessoas no seminário em busca de respostas para suas caixas de areia que tinham uma coisa em comum: seus gatos estavam reagindo a algo que suas patas sentiam.

Essa coisa era o tapete. Eis as histórias: Cole Anderson, 36 anos, chegava finalmente no ponto da sua vida em que tinha juntado dinheiro suficiente para reformar sua casa. Desde o seu divórcio, há cinco anos, Cole estava vivendo somente com o básico, enquanto tentava sair de uma dívida. Agora, com um bom emprego e tendo tomado decisões financeiras melhores, queria renovar sua casa e livrar-se de algumas lembranças que considerava vindas do mau gosto da sua ex-mulher. Tendo crescido entre gatos, Cole decidiu que a primeira melhora a fazer na sua casa era dividi-la uma vez mais com um amigo felino. Sua ex-esposa era alérgica a gatos, e lá pelo sexto ano de casamento ele já tinha aceitado o fato de que o mais perto que chegaria de ter um gato seria cultivar a amizade do gato vira-lata que remexia o seu lixo. Agora que a Linda de olhos irritados tinha-se ido e o gato da rua saído em busca de latas de lixo mais cheias, Cole estava à procura de um gato. Não sabia que tipo de gato queria, nem onde encontrar. A sociedade humanitária local parecia a escolha óbvia, e assim ele foi lá um dia depois do café. Enquanto lia o jornal, deu uma olhada nos classificados para ver se algum gato estava sendo doado. E, de repente, lá estava ela. Atração, destino, ou seja lá como você quiser chamar, Cole sabia que tinha encontrado seu animal antes de vê-lo.

De graça, para um bom dono.
Quinze meses de idade.
Fêmea, raça manx.
Vacinas em dia.
Brincalhona e afetuosa. Preciso doar.
Esposa alérgica.

Foram as duas últimas palavras que capturaram seus olhos: esposa alérgica. Ele agarrou o telefone e discou o número. Não tinha idéia do que era a raça

manx, mas não se importava. Afinal de contas, pensou, desde que tivesse pêlo, duas orelhas, bigodes e uma cauda, ele a classificaria como uma gata.

"Onde está o rabo dela?", perguntou Cole aos donos, de pé na porta da casa deles. Ele tinha ido correndo assim que soube que a gata ainda estava disponível.

"Ela é uma manx", respondeu o marido, "essa *raça não possui rabo*".

Cole pensou que nunca podemos contar com uma coisa como certa.

Contudo, ele sentiu forte ligação com a gata e levou-a para casa.

Winsome demorou um pouco para se adaptar à sua casa nova. Ficou um pouco tímida durante umas duas semanas, mas com o tempo, paciência e carinho, Cole a conquistou.

Sentindo seu conhecimento sobre gatos um pouco enferrujado, Cole leu livros e aconselhou-se com amigos. Tendo planejado reformar sua casa antes que Winsome entrasse na sua vida, Cole sabia agora que teria de trabalhar com calma. Sabia que uma mudança muito brusca poderia assustar a gata e ele tinha dado um duro para desenvolver uma relação de proximidade com ela. Não queria estragar tudo.

O projeto de melhoria da casa começou tendo em vista as necessidades de Winsome. Cole pintava um quarto de cada vez e mantinha Winsome no outro canto da casa, enquanto pintava. Comprou mobília nova para a sala e a sala de jantar, uma peça por vez, e deixou que Winsome se esfregasse e brincasse em cada nova mobília que chegava. Inclusa no seu projeto de decoração, havia uma grande árvore de gatos que ficaria na janela da frente.

Tudo estava indo bem. Até então, Cole tinha tido trabalho para minimizar as mudanças. Agora, ele chegava ao final da reforma. A única coisa que faltava era colocar carpetes, de parede a parede, no quarto. Cole decidiu dar-se ao luxo de comprar o de fios longos, mais caro. Imaginou que seria delicioso afundar nele os pés descalço todas as manhãs, quando saísse da cama. O que Cole não imaginava é que, a partir do momento em que o carpete fosse colocado, Winsome o usaria, em vez da caixa de areia.

"Tentei fazer tudo de forma bem gradual", disse Cole, olhando em volta do salão em busca de apoio. "Ela se deu bem com a mobília nova. Não houve problema com a pintura. Nem quando o decorador esnobe veio medir as janelas para fazer cortinas. Então, por que ela odeia o carpete?"

Obviamente, minha primeira impressão foi de que a mudança de um dono para outro e as várias mudanças na casa finalmente tinham cobrado seu preço.

Perguntei a Cole se a gata tinha sido levada ao veterinário e quais, se existiram, métodos de modificação de comportamento ele usou. Ele respondeu que sim, que tinha levado Winsome ao veterinário e que o animal estava saudável. Também mencionou ter lido muitos livros e usado um enzima líquido

para neutralizar o cheiro.

Colocou, então, vasilhas com comida sobre os lugares. Até mesmo tinha seguido minhas sugestões de terapia de brincadeira.

"Você cobriu o carpete?".

"Coloquei plástico em cima porque ela estava arruinando meu carpete novinho", respondeu Cole.

"Ela usou a caixa de areia quando o carpete estava coberto?", perguntei, enquanto caminhava do palco até a platéia, para melhor ouvir a resposta.

"Ela a usou muitas vezes. Então, logo que tirei o plástico, ela voltou a seus velhos truques."

Tive um pressentimento. "Ela não tem garras?"

"Não", respondeu ele. "Mas não fui eu que fiz isso. Foram os outros donos."

"Você usa a mesma marca de areia que os antigos donos usavam?", perguntei.

Cole sabia aonde eu queria chegar e estava pronto: "Usei exatamente a mesma marca", respondeu enfaticamente.

"Argila ou areia reutilizável?".

"Argila. Os outros donos usavam areia. Mas é do mesmo fabricante", replicou.

Caminhei até Cole Anderson. Ele começou a olhar para mim com suspeita. Não tenho uma presença que se impõe muito, mas ele me olhava como se eu fosse repreendê-lo. Sorri, para fazê-lo sentir-se à vontade, mas minha próxima pergunta o deixou de novo desconfortável. "Você pode descrever a rotina de Winsome quando está na caixa de areia?"

"A rotina dela?", ele olhou para mim com expressão pasma. "Ela faz xixi e cocô, o que mais há para ela fazer lá?"

Eu pressionei: "Ela passa bastante tempo cavando antes de realmente eliminar? Ela cobre depois ou simplesmente vai embora?"

Pude ver pela expressão de Cole que eu tinha chegado a um ponto. "Ela pula dentro, fica bem no canto e depois pula para fora. Toda tentativa de cobrir é feita no chão, fora da caixa. Ela nunca cobre, realmente, com areia."

Plano de tratamento

Depois de interpretar a série de eventos que Cole contou, eu tinha uma teoria sobre o problema. Winsome, uma gata sem garras, estava acostumada com

a maciez da areia reutilizável. Quando foi viver com Cole e teve de usar a áspera argila, tentou limitar seu contato com ela. Alguns sinais comuns de que o gato possa estar desconfortável com a areia que está sendo usada são: ficar no canto da caixa, não cobrir as excreções e sair correndo da caixa. O gato também pode tentar cobrir seus excrementos arranhando o chão ou a parede perto da caixa. Embora nem todo gato que não cobre seus excrementos esteja insatisfeito com a areia, no caso de Winsome todas as peças se encaixavam.

Quando Cole colocou um carpete macio no quarto, Winsome provavelmente se lembrou do toque da areia. O carpete era tudo o que Winsome queria. Macio, absorvente e não incomodava suas patas sensíveis. Algumas vezes, as patas de gatos que tiveram as garras removidas ficam moles por muito tempo depois da cirurgia, e em alguns, para o resto da vida.

Minha recomendação para Cole foi mudar da argila para a areia reutilizável. "Deixe o carpete coberto por um tempo para que Winsome tenha tempo de acostumar a sentir suas patas na caixa de areia."

Outro interessante problema, relacionado com carpete, tinha a ver com uma mulher que estava com os nervos à flor da pele com o gato vira-lata de sete anos que ela adotara dois meses antes. Peggy Bosh tentou tudo, segundo ela, para treinar seu gato a usar a caixa de areia. "Ele simplesmente não usa", disse suspirando. "Meu veterinário disse que não há nada errado com ele. Ele só não sabe para que serve a caixa."

"Quais métodos de treinamento você usou?", perguntei.

"Todos!", respondeu ela. Eu sorri: "Você poderia ser mais específica?"

Peggy tinha encontrado esse gato cinza, malcheiroso e imundo dentro do seu carro. Numa noite, um pouco antes de ir deitar, ela lembrou ter deixado a janela do carro aberta, e parecia que ia chover. Ela pôs as chinelas, vestiu um robe e foi até a rua. Quando abriu a porta, viu dois olhos a encarando do banco.

Ela tomou um susto, mas depois viu que era apenas um gatinho cinza e magro.

O gato eriçou seu pêlo e saiu como um raio pela porta.

Quando fechou a porta, Peggy pensou que teria de passar algum produto de limpeza no carro, pois o local estava cheirando a urina de gato.

Ao voltar para casa, caminhando com seus chinelos, ela ficou surpresa ao ver o gato sentado na varanda detrás da casa, observando-a.

Pensou que o gato iria correr assim que ela chegasse perto, mas ele continuou onde estava. Peggy passou por ele e entrou em casa. Estava certa de que ele iria embora em poucos minutos.

Um pouco antes de ir para a cama, ela deu uma rápida olhada para fora para ver se o gato já tinha ido. Mas ele continuava lá, na varanda dos fundos da casa,

olhando para ela. Peggy apagou a luz e foi para cama.

Só depois do terceiro trovão Peggy saiu da cama e foi até a cozinha para ver a porta dos fundos. Quando acendeu a luz, percebeu que a chuva tinha transformado a entrada da sua garagem num rio. Quando olhou na varanda dos fundos, viu o mesmo gato cinza olhando para ela, só que dessa vez ele estava encharcado.

Apesar de julgar que sua ação provavelmente resultaria num tapete cheio de pulgas, Peggy abriu a porta e observou o gato entrar na casa.

De chinelos e robe, desceu até o porão à procura de um saco de areia para gatos que ela tinha para emergências no inverno, caso seu carro ficasse preso no gelo. Tendo encontrado, vasculhou mais um pouco até achar uma velha fôrma para usar como caixa de areia.

Enchendo a fôrma com areia, ela a colocou na cozinha. Também colocou uma vasilha com água e pegou da geladeira alguns pedaços de frango para seu hóspede.

A última coisa que Peggy fez antes de ir dormir foi colocar um velho cobertor no chão para o gato e fechou a porta que separava a cozinha do resto da casa. E foi para a cama, sem estar totalmente certa, mas com o pressentimento de que tinha adotado um gato.

Depois de uma visita ao veterinário que incluiu um banho, o gato cinza que Peggy adotara revelou ser branco.

"Na noite em que o encontrei, eu sabia que, se ficasse com ele, seria uma luta para ensiná-lo a se comportar em casa, e de fato foi", disse Peggy.

"Consegui fazê-lo parar de roubar meu jantar, e ele se tornou muito carinhoso, mas não consegue aceitar a idéia da caixa de areia. Mandei castrá-lo e, na época, o veterinário sugeriu que eu o mantivesse confinado no banheiro com a sua caixa. O veterinário disse que logo ele saberia para que a caixa servia. Ele segurava até eu achar que ia explodir, então finalmente usava a caixa. Para dar a ele uma dica, eu até colocava seus excrementos na caixa, cada vez que os encontrava no tapete. Tenho coberto o tapete com algumas cortinas plásticas de banheiro, mas ele as rasga para chegar até o tapete. É no tapete que ele quer fazer xixi. Ele não liga para o chão ou para as passadeiras. Ele quer meu tapete."

Peggy levantou-se e apontou para Cole Anderson, que estava sentado duas fileiras atrás. "Como aquele senhor, coloquei comida sobre vários lugares no tapete, mas ele urina ao lado deles." Perguntei a Peggy se ela estava certa de que Oscar estava urinando e não borrifando. Quando um gato borrifa, ele se volta para um objeto na vertical, quase sempre contorcendo o rabo. Quando urinam, os gatos se agacham. Tanto machos quanto fêmeas normalmente se agacham para urinar. Os gatos machos não levantam as patas como os cães machos.

Peggy respondeu que com certeza Oscar não estava borrifando. Ele se agachava. Seus acidentes também incluíam a excreção de dejetos sólidos. Ele simplesmente não queria nada com a caixa de areia.

Oscar não cometia seus acidentes em nenhuma outra parte da casa e não se interessava pelas passadeiras colocadas sobre o chão. Ele tinha decidido que o tapete no escritório de Peggy era perfeito para suas necessidades.

Recusava comprometer-se.

Peggy estava olhando para mim com uma expressão de quem esperava uma solução para um problema de dois meses em dois minutos.

Eu dei um tiro. Todos os olhos estavam em mim. "Com um gato de rua, especialmente um com a idade do Oscar, nós não temos histórico. Quem sabe o que ele usou como banheiro durante toda sua vida? Normalmente, quando você traz um gato de rua para casa, eles não se importam quanto a que recurso usar.

Pode ser qualquer coisa: da sua floreira ao seu travesseiro. Ao que parece, Oscar tomou sua decisão, e nós podemos ou lutar contra ele, ou deixá-lo em paz.

Eu voto por deixá-lo em paz."

Todos olharam para mim. Será que eu tinha perdido a cabeça? Será que eu estava sugerindo que Peggy deixasse Oscar arruinar seu carpete?

"O que você está dizendo?", ela me perguntou de olhos arregalados.

"Você tem retalhos de carpete sobrando?", perguntei.

"Sim, no porão", respondeu ela.

"Vamos tentar fazer uma experiência", disse a ela e comecei a explicar o plano.

Plano de Tratamento

Sugeri que Peggy confinasse Oscar no banheiro de novo, por cinco dias.

Queria que ela cortasse um pedaço do carpete e o colocasse na caixa de areia.

Só o carpete, sem areia. Todo dia ela deveria colocar um pouco de areia no carpete (substituindo a tira de carpete conforme ela fosse ficando suja).

Aconselhei-a a não colocar areia demais; só um pouco, enquanto Oscar se adaptava.

"Quando ele começar a usar a caixa de forma mais consistente, você poderá deixá-lo sair, mas deixe o carpete, no seu escritório, coberto com plástico por mais uma semana", instruí.

Meu plano era que, quando Oscar começasse a usar a caixa, Peggy iria colocando tiras de carpete cada vez menores. Finalmente, haveria mais areia e menos carpete. Isso, pensei, seria uma transição gradual e indolor para Oscar.

Qualifiquei minhas recomendações para Cole e Peggy como respostas dadas em três minutos durante um seminário e que, sem uma visita, seria impossível ter certeza a respeito do problema de comportamento. Ambos entenderam isso, mas pelo menos tinham agora soluções plausíveis.

Acompanhamento

Em seminários, não tenho sempre a oportunidade de saber o resultado das minhas recomendações, portanto fiquei surpresa quando soube de Peggy Bosh e de Cole Anderson.

Numa carta, Peggy escreveu que o método da tira de carpete tinha funcionado como mágica. Ela admitiu que se sentiu uma tola as primeiras vezes que fez isso, e Oscar, de início, também a olhava com a suspeita de que aquilo fosse alguma armação. Durante os dois primeiros dias, Oscar teve alguns acidentes, pois Peggy esqueceu de trancar o banheiro e ele saiu. Mas depois de seis dias de confinamento, Oscar usou sua caixa de areia como se tivesse feito isso a vida inteira.

Cole Anderson me ligou quatro dias depois do seminário para dizer que devia ser a areia o problema de Winsome, pois ela usou a caixa de areia imediatamente após a troca e cumpriu o ritual de cobrir os excrementos. "Ela ainda fica empoleirada no canto da caixa?", perguntei.

Não", ele respondeu, "ela fica bem no meio agora". Cole me contatou de novo depois de ter tirado o plástico do carpete e relatou que Winsome não tinha outro interesse nele, a não ser quando, vez ou outra, vomitava uma bola de pêlo sobre ele. Disse a Cole que sempre tivesse limpador à base de enzima para o carpete e um remédio em gel para o problema das bolas de pêlo.

Capítulo Dois

Dentes e Garras • Agressão

Como sou uma autora que escreve a respeito de comportamento felino, recebo numerosos telefonemas para dar entrevistas. Ao mesmo tempo em que considero essas oportunidades para promover meus livros bem-vindas, também procuro ajudar donos frustrados a resolverem seus problemas. Além das frequentes perguntas relacionadas à caixa de areia, sempre me perguntam: "Por que meu gato morde?"

Agressão é um problema complexo. Quando respondo a essa pergunta, sempre digo ao dono que primeiro procure um veterinário e, então, se nenhum motivo de ordem médica for determinado, contate um profissional de comportamento animal. Um gato realmente agressivo é perigoso. A súbita percepção de que sua bolinha de pêlo possa misteriosamente se transformar num gato dos livros de Stephen King é terrível. Mas, quase sempre, os donos rotulam seus gatos de agressivos, quando, de fato, não o são.

A agressão requer que você deixe de lado sua subjetividade e olhe para a situação por meio dos olhos do seu gato. Seu gato é realmente agressivo o tempo todo, ou está agindo de maneira agressiva sob determinadas circunstâncias? Há muitos tipos de agressão — você é capaz de isolar aquele que seu gato demonstra? Ele demonstra agressão por causa do medo, digamos, quando vai ao veterinário, ou demonstra agressão durante a brincadeira, quando é estimulado demais? Fica agressivo com você sempre que vê outro gato do outro lado da janela? Ele pode estar exibindo sinais de agressão redirecionada.

Há muitos outros tipos de comportamento agressivo, mas acho que você entendeu o que eu queria dizer. Determinar se você está lidando com um gato verdadeiramente agressivo, ou com um gato que exibe sinais de agressividade sob certas condições é essencial para resolver o problema.

Se o seu gato exibe sinais de agressividade, para evitar ferimentos, medo e mais estresse, consulte sempre um veterinário. Ele será capaz de, se for o caso, indicar um profissional de comportamento. Comportamento agressivo não deve resultar numa sentença de morte para o gato. Identificar a causa do comportamento e usar os métodos corretos de modificação (talvez em combinação com uma terapia de remédios) são fatores cruciais para o sucesso.

Alguns casos de agressividade são bem sensíveis porque tanto o gato quanto a família estão numa crise. Há vezes em que a família desenvolveu tanto medo do gato que, mesmo sendo capaz de resolver o comportamento agressivo, tenho de trabalhar com o resto da família para restabelecer sua confiança no bicho. Mais frequentemente, a agressão é causada pela má comunicação, ou seja, o dono não entende o que o gato está sentindo e, assim, ignora sinais de aviso.

Expresso Quente Demais

A falta de entendimento na comunicação era uma grande parte do problema que Barry Turner e seu gato Expresso estavam vivendo.

Barry me ligou falando acerca do que descreveu como o comportamento muito agressivo do seu gato. Parece que Expresso, o amado Havana Brown de Barry, tinha se tornado agressivo com qualquer um que entrava na casa. Quando estava sozinho com Barry, Expresso era carinhoso e amigável, mas, com relação a todos os convidados, ele arrepiava o pêlo, miava e podia até afundar seus grandes caninos no pedaço mais próximo de carne humana. Pareço um pouco dramática? Bem, veja que Expresso aterrorizava tanto os amigos de Barry que eles não entravam até que o "Expresso Mau" estivesse trancado no quarto. A vida social de Barry afundou rapidamente. Levar uma namorada para casa estava fora de questão. Até mesmo os pais e a irmã mais nova de Barry se recusavam a entrar até que Expresso estivesse encarcerado. Todos sugeriam que Barry se livrasse do gato. Mas, apesar do ridículo e das críticas que recebia de todos, Barry se recusou a dar Expresso. Mesmo não estando contente com o comportamento do gato, eles estavam juntos há dois anos, quando Barry o comprou de um criador; Expresso tinha, então, 16 anos.

Quando Barry me ligou, disse que já tinha levado Expresso ao veterinário e soube que a causa da agressão não era de origem médica. Em muitos casos de agressividade, prefiro passar um fax ou entregar um questionário para o dono responder e devolver-me antes da visita. O questionário é muito minucioso e dá ao dono tempo para, calmamente, dar-me detalhes do comportamento recente do seu gato. Isso também me dá tempo para decidir qual método usar. A informação fornecida pelo cliente também determina se é melhor que o gato esteja em outro quarto quando eu chegar. As informações do questionário podem, além disso, ajudar-me a decidir se eu farei a visita durante o dia ou à noite.

Mandei o questionário para Barry por fax logo depois da nossa conversa pelo telefone. As respostas me foram devolvidas por fax na mesma noite, mais tarde. Elas se mostraram valiosas pistas do porquê de o comportamento de Expresso ter mudado. Antes da visita, eu tinha uma boa idéia da origem do problema. Uma bandeira vermelha se ergueu quando eu li que Barry tinha se mudado duas vezes desde que adotou Expresso. A primeira mudança foi um mês depois que trouxe o gato para casa. Ele estava esperando sua nova casa ficar pronta, e o contrato de aluguel do seu apartamento expirou. Uma mudança temporária foi feita para a casa de um amigo. Lá, Barry e Expresso podiam ficar

à vontade, mas tinham de dividir o espaço com o amigo de Barry, sua esposa, dois filhos (de sete e nove anos) e dois yorkshires bem opiniosos. No questionário sobre comportamento, Barry admitiu que Expresso passou a maior parte dos quatro meses debaixo da cama, ou no guarda-roupa. Com a construção da casa nova, todo o tempo livre de Barry era consumido por ela, e Expresso ficava sozinho. Fiz uma observação para mim mesma: perguntar a Barry se Expresso tinha tido algum confronto com os meninos ou os cães. Aparentemente, depois de quatro meses, a casa nova ficou pronta, e Barry levou Expresso para seu futuro lar.

Com relação à agressão de Expresso, Barry escreveu que o que o chocou era que todos os seus amigos eram loucos pelo gato, quando ele morava no apartamento. Todos cumprimentavam Expresso quando entravam, e ele sempre se deixava acariciar. Era tão amigável que muitos amigos de Barry o procuravam e punham-no sobre o colo assim que chegavam. É claro que isso mudou rapidamente quando a personalidade de Expresso deu uma guinada radical. Quando liguei para Barry para marcar a hora da visita, ele me assegurou que Expresso estaria trancado. "Não quero que o tranque", respondi. "Quê?", Barry respondeu chocado. "Deixe-o como normalmente faz. Não se preocupe sobre como ele vai reagir a mim." Barry ficou em silêncio. Ele não sabia se eu falava a sério ou se era louca. "Barry?", disse pelo telefone mudo. "Tem certeza de que o quer solto? E se ele atacar?", perguntou. "Tenho feito isso há um bom tempo. Posso me virar com Expresso, acredite. De qualquer forma, acho que ele não vai me atacar", assegurei-lhe, mas sabia que minhas palavras não o tinham convencido.

Sei que, enquanto você lê isso, deve estar se perguntando por que eu queria um gato, com um histórico de atacar visitas, solto. Não seria mais seguro mantê-lo preso num quarto? Será que Expresso ia pular sobre mim quando eu entrasse? Eu esperava que não. Contava com o fato de saber entrar no território de um gato sem parecer ameaçadora para causar uma reação agressiva.

Baseada na história que Barry contou, eu tinha uma boa idéia da causa do problema. Se eu estivesse certa, a forma como eu me comportasse ao entrar na casa e a maneira como Expresso reagiria a mim seria a primeira lição de mudança de comportamento para Barry (e seu gato).

Cheguei na hora marcada e toquei a campainha. Em segundos, a porta estava escancarada. "Oi, é a Pam", sussurrei da escuridão. "Ele está solto", disse a voz do outro lado da porta. "Tudo bem. Quanto mais ficarmos aqui, mais irritado ele pode ficar." Com isso, Barry abriu a guarda e deixou-me entrar. Entrei enquanto a porta era rapidamente fechada atrás de mim. Barry, um homem atraente de uns 35 anos, estava à minha frente, vestindo jeans e uma

camiseta branca. Embora estivesse tentando sorrir, seu rosto tinha a expressão familiar de frustração que os donos de gatos preocupados têm. Seus olhos corriam pela sala à procura de sinais do ataque do seu gato. "Vamos sentar", sugeri, indo até o sofá. Concordando relutantemente com a cabeça, Barry me levou pela sala.

Antes de se sentar, deu uma última olhada à procura de Expresso. O gato finalmente apareceu, quando sentamos. Expresso, um gato de aparência espetacular, com pêlos cor de chocolate, olhou para mim da sala, mas não fez nenhum movimento além de piscar seus olhos expressivos. Ficou assim por vários minutos. Nós três mantivemos nossas posições por uns bons dez minutos, e então Barry viu incrédulo seu gato se aproximar de mim e farejar meus sapatos.

Ele continuou a inspecionar minha bolsa e pasta. De repente, o brinquedo de gato que estava no tapete chamou sua atenção. Ele começou a mexer nele com a pata enquanto olhava para mim. Não fiz nenhum movimento para pegar o brinquedo e brincar com ele. Queria que ele tivesse o tempo que quisesse para avaliar a situação. "Ele nunca fica tão calmo assim", disse Barry baixinho, sem tirar os olhos de Expresso. Temporariamente satisfeito com sua investigação, Expresso se retirou para fora das nossas vistas, presumivelmente para o quarto.

Para um gato que normalmente teria sido agressivo com um visitante, seu comportamento foi exatamente o que eu esperava que fosse. E a maneira na qual o ajudei a se comportar assim não era um truque de mágica — simplesmente o deixei ter o controle do seu território. Isso parecia algo que ele não tinha podido fazer ultimamente. A mudança para a casa do amigo de Barry foi uma transição difícil para Expresso. Ele perdeu seu território familiar e, para completar, sua nova vizinhança era cheia de ameaças. Primeiro, o território era totalmente desconhecido. A tarefa que ele tinha pela frente de marcar e identificar o que era dele se mostrou impossível naquelas circunstâncias. Segundo, a casa incluía duas crianças, algo com que Expresso nunca tivera contato antes. Pela descrição da vida de Barry na casa do amigo, os garotos estavam acostumados com brincadeiras de perseguição que tinham com seus cães. Quando Expresso entrou em cena, os garotos o perseguiram, achando que ele ia gostar tanto quanto os cachorros (embora eu me questione o quanto os yorkshires realmente gostavam do jogo). Quando os garotos não estavam perseguindo Expresso, os cães estavam deixando evidente que ele não era bem-vindo à casa deles.

Expresso ficou recluso, preferindo ficar dentro do guarda-roupa do quarto de Barry. A noite, ele se aventurava para fora, mas saía com os olhos arregalados de medo. Perguntei a Barry se ele tinha explicado à família do seu amigo que Expresso estava assustado com tudo o que estava acontecendo. Ele respondeu

que sim, que tinha tentado, mas, quando suas sugestões não foram recebidas de forma positiva, percebeu ser melhor não forçar a barra, pois precisava de um lugar para ficar.

Ele esperava que Expresso pudesse suportar as duras condições, até que a casa nova ficasse pronta. O que Barry não percebeu, na época, é que Expresso já tinha ficado arisco e na defensiva. A mudança para outro lugar estranho o fez ficar escondido durante uma semana. As caixas sendo desempacotadas e o caos da mudança mantiveram Expresso encolhido no fundo do guarda-roupa, saindo apenas para comer e usar sua caixa de areia. Barry tentou muitas vezes atrair o gato para fora e foi bem-sucedido em algumas delas.

Barry tinha esperanças. Talvez a vida voltasse logo ao normal. Dois dias depois, Expresso estava andando pela casa, verificando tudo com curiosidade. A esperança de Barry aumentou. Pelo final da semana, Expresso parecia ser o mesmo de sempre uma vez mais.

No fim de semana seguinte, um amigo de Barry veio para ajudá-lo a instalar o sistema estéreo. Danny já tinha ido ao antigo apartamento de Barry e dera-se bem com Expresso. Quando Danny apertou a campainha, Barry abriu a porta e eles se cumprimentaram da maneira descontraída habitual, com vários gestos e tapas. Danny viu Expresso e foi andando de braços abertos na sua direção. Ele gostava do gato de Barry porque era o tipo de gato que ficava ao seu lado onde você estivesse. Abaixando-se para colocar Expresso no seu colo, Danny foi saudado com o que soou como um grito de guerra e uma chuva de dentes e garras. Foi necessário irem ao pronto-socorro para tratar as profundas dentadas. Todo mundo, particularmente Expresso, ficou em choque com o episódio. Quando voltou para casa, Barry encontrou Expresso de volta ao guarda-roupa. Mesmo apesar de o gato ter machucado muito o seu amigo, Barry não fez nada para reprimi-lo. Em vez disso, culpou-se por colocar Expresso em muitas situações difíceis em pouco tempo. Sem subestimar o perigoso evento de antes, Barry deixou Expresso em paz e foi dormir. De manhã, ele planejava chamar o veterinário. Barry acordou com Expresso perto do seu travesseiro se esfregando no seu pescoço. Depois de tomar um banho e vestir-se para ir ao trabalho, sentiu que o gato tinha voltado ao normal. O que tivesse detonado a agressão da noite anterior parecia ser coisa do passado, e Barry resolveu não ligar para o veterinário. Talvez o pior tivesse passado. Não tinha!

O segundo incidente aconteceu quando os pais de Barry vieram visitá-lo.

Dessa vez, o ataque foi direto contra a mãe de Barry, quando ela se abaixou para acariciá-lo no queixo. O machucado não foi sério, mas o susto que todos levaram foi. Como no seu primeiro episódio agressivo, Expresso se escondeu no guarda-roupa e então reapareceu de manhã, aparentemente feliz e relaxado.

Uma visita ao veterinário mostrou que Expresso estava saudável. Uma receita de valium foi dada e Barry e seu gato voltaram para casa esperando continuar com a vida.

Duas semanas de valium pouco fizeram para controlar a agressão de Expresso com relação aos visitantes. Ele já havia encurralado a namorada de Barry no banheiro. Seus gritos fizeram Barry correr até o banheiro, onde a encontrou de pé no vaso sanitário batendo com uma toalha num Expresso que miava agressivo. Alguns outros episódios convenceram Barry de que ele ficaria sem amigos, se não mantivesse Expresso encarcerado. Será que Expresso estava condenado a ficar trancado para sempre? Será que Barry poderia ter uma vida social normal de novo? Será que Barry devia seguir os conselhos que todo mundo lhe dava e sacrificar o gato? Será que Expresso era mesmo um gato que atacava? Barry olhava para mim como se eu tivesse respostas para todo o seu futuro. Era óbvio o quanto ele gostava do seu gato e o quanto o comportamento de Expresso o preocupava. Depois de ouvir sua história, fechei meu caderno de anotações e parei durante alguns instantes para organizar meus pensamentos.

Sorrindo para Barry, disselhe que, se ele fosse paciente e se seguisse o plano e o tratamento que eu estava para lhe dar, teria uma chance de fazer as coisas voltarem ao normal. O rosto de Barry se iluminou. Continuei a lhe dizer que era impossível garantir resultados positivos, mas tínhamos a nosso favor muitos elementos para serem trabalhados; ou seja, o relacionamento de Expresso com Barry ainda era forte e podíamos usar isso como base. Barry sentou-se na beira do sofá, ansioso para começar. Como que adivinhando, Expresso apareceu num canto, mexendo as orelhas na minha direção. "Chamei sua atenção, não foi Expresso?", pensei comigo mesma, enquanto o gato entrava casualmente na sala, parecendo o dono do pedaço.

Plano de Tratamento

Senti que o comportamento agressivo de Expresso devia-se à falta de controle sobre seu território na sua casa anterior e aos constantes ataques que lá sofreu. Na casa do amigo de Barry, Expresso não teve chance para definir um território para si. Foi imediatamente barrado por cães, crianças, estranhos e um ambiente completamente estranho. Sua preocupação diária era com sua segurança, e a presença de Barry era sua única fonte de conforto.

A mudança para a outra casa fez Expresso ter de se adaptar a outro

ambiente completamente estranho. Percebendo ser aquele espaço só seu, creio que ele começou uma compensação exagerada quando as pessoas apareciam.

Em outras palavras, a melhor defesa era o ataque. Visitas que não suspeitavam de nada iam direto até o gato, sem saber que ele precisava de tempo para avaliar e julgar quem estava entrando em seu território. É por isso que eu tenho a teoria de que os gatos gostam das pessoas que são alérgicas a eles, ou então daquelas que não se interessam por eles. Esse tipo de visita apenas senta no sofá e ignora o gato. Isso dá ao gato tempo para dar uma olhada mais de perto sem ter de se preocupar em ser agarrado. O cheiro é muito importante para um gato; imagine, portanto, o quanto é crucial para um gato, lidando com problemas territoriais, poder aproximar-se no seu próprio ritmo para investigar. Ele pode decidir que você não representa perigo e ficar amigável, mas se você o provocar antes de ter atingido seu nível de conforto, ele se sentirá ameaçado. Por isso eu estava tão certa de que Expresso não me iria atacar durante minha visita. Eu dei a ele controle total sobre seu território. Não representei ameaça.

Para ajudar Barry a lidar com a atitude de Expresso e para o estimular a ser mais receptivo à modificação de comportamento, falei com o veterinário de Barry a respeito de uma mudança na sua medicação. Não sou fã de valium para gatos, especialmente quando tem a ver com agressão. Senti que a amitriptilina era mais apropriada ao caso de Expresso. Um antidepressivo, essa droga pode ter um efeito positivo no comportamento agressivo. Embora haja muitas drogas disponíveis, usadas para tratar a agressividade felina, cada caso é individual, e senti que essa droga ajudaria Expresso a remover o peso de seus pequenos ombros peludos. A terapia com remédio seria temporária, usada apenas para nos dar uma mão na mudança do comportamento.

Basicamente, a tarefa de Barry era ajudar Expresso a recuperar seu sentido de segurança territorial. A primeira coisa da lista seriam sessões de terapia de brincadeira diárias em todas as áreas da casa. Eu queria que Expresso associasse coisas positivas com cada centímetro do seu território. A parte principal das sessões seria conduzida na sala e seria incluído o corredor de entrada. Essa área representava a maior ameaça para Expresso e tinha a associação mais negativa. Precisávamos, portanto, mudar isso. Usando brinquedos interativos, Barry poderia trazer o predador confiante para fora de Expresso.

A próxima coisa a fazer seria trazer alguém para casa de uma forma que não fosse ameaçadora. Essa pessoa deveria sentar-se quieta no sofá, deixando que Expresso assumisse o controle da situação. Barry deveria ter o brinquedo interativo à mão, caso fosse necessário distraí-lo. O princípio do exercício era fazer Expresso se sentir gradualmente menos ameaçado. Como Barry respondeu positivamente a mim, voluntariei-me para ser a "visitante" nas primeiras vezes.

Se tudo corresse bem, incluiríamos, então, um dos amigos de Barry. Eu ainda estaria lá, como uma ponte entre o familiar e o amedrontador. De volta a tópicos ambientais (do Expresso, não os do mundo), precisávamos tornar a sala um lugar menos ameaçador e mais amigável para um gato. Sugeri a Barry que comprasse uma árvore de gato e colocasse perto da janela. Isso seria um ótimo ponto de observação do mundo exterior, e um móvel exclusivamente de Expresso. A árvore de gato, colocada no lado oposto ao sofá e às cadeiras, teria o cheiro confortador de Expresso. Dessa forma, se ele ficasse apreensivo com relação a uma visita, mas ainda assim curioso, poderia ficar na sala, em segurança, na sua própria árvore — um território dentro do território.

Acompanhamento

Expresso começou o tratamento com amitriptilina, e Barry seguiu à risca o programa de terapia de brincadeira. Expresso respondeu às brincadeiras com o entusiasmo de um filhote. No início, ele olhava ao redor, presumivelmente à procura de sinais de perigo, ou seja, os yorkshires, as crianças, mas logo via que a "presa" era só dele, e um mundo totalmente novo se abriu para ele — a vida era divertida, de fato.

Barry comprou duas árvores de gatos, uma para a sala e outra para o quarto. Expresso não perdeu tempo e apoderou-se delas.

Minhas visitas foram bem recebidas por Expresso. Fui até capaz de começar a brincar com ele, usando seu brinquedo interativo preferido. Depois da brincadeira, Expresso ficou perto de mim, do outro lado do sofá — um grande passo para ele.

Depois de duas semanas, Barry convidou um dos seus amigos para se juntar a mim durante uma visita. A resposta foi não. Barry pediu a um outro amigo. De novo, a mesma resposta. A reputação de Expresso era bem conhecida. Pedi a um dos meus amigos, alguém familiarizado com meus métodos e que sabia que eu não o colocaria numa situação perigosa. Meu amigo tinha instruções específicas a respeito do que fazer. Expresso respondeu favoravelmente.

Dez meses depois da minha última visita, o relato de Barry era brilhante.

Expresso parou com a medicação dois meses depois da minha primeira visita e ficou amigável com estranhos. Para evitar ameaças em potencial e para permitir que o gato tenha tempo para investigar, Barry sempre pede a todos os convidados que não se aproximem de Expresso, ao invés disso, que permitam

que o gato se aproxime deles.

A propósito, Barry queria que eu contasse que sua vida social melhorou muito. Expresso gosta da sua namorada, e o futuro parece promissor.

O Incidente do Mão-Pelada

Agressão redirecionada é um termo usado por profissionais de comportamento animal para descrever uma forma comum de agressão aparentemente não provocada. Um gato que tem agressão redirecionada pode descontar sua frustração em outro animal de estimação, ou num membro da família.

Para ajudar você a identificar a agressão redirecionada, imagine dirigir um carro em condições extremamente estressantes (tempestade, granizo, etc.) com seu marido ou mulher no banco de passageiros. Você aperta as mãos no volante, está tenso e assustado. De repente, sua mulher, ou marido, dá um palpite sobre como você está dirigindo. Sob essas circunstâncias, você agride a pessoa com uma saraivada de expressões verbais nada elogiosas. Sua mulher, ou marido, não é a causa da sua agitação, mas se torna o alvo redirecionado.

O exemplo mais comum de agressão redirecionada entre os gatos domésticos é a aparição repentina de um gato estranho no jardim. Por exemplo, dois gatos que sempre viveram pacificamente estão sentados na janela, olhando os pássaros. De repente, um gato estranho aparece na frente do jardim. Os dois gatos que estão observando o jardim ficam muito nervosos. Um dos gatos começa a miar, então, como um relâmpago, ataca seu amigo, os dentes e as garras à mostra. Se você tiver sorte, os gatos confusos se recuperam dessa crise relativamente rápido. Se você não tiver tanta sorte, ou se a causa original do problema continuar a provocar agitação, então a relação entre os gatos que antes eram amigos se deteriora.

Minha experiência mostrou que, se os gatos forem separados imediatamente depois do incidente, há uma boa chance de que isso seja esquecido na manhã seguinte. Infelizmente, na maioria dos casos que atendi, os gatos foram deixados juntos num lugar onde continuaram agitados um com o outro. Muito tempo depois de a verdadeira causa do problema ter deixado o quintal em busca de outros gatos para aterrorizar, os dois companheiros continuam de cara virada um para o outro. Esse foi o caso com Pedrita e Bam-bam, dois gatos de pêlo curto. Os dois eram companheiros que tinham sido resgatados com cinco semanas de idade por Roger Beresford. Beresford, um convicto solteirão de 62 anos, dividia sua tranquila vida com Pedrita e Bam-bam (nomes recebidos da sua sobrinha) havia dez anos. Os dois animais eram inseparáveis, sempre dormindo tão próximos um do outro que o senhor Beresford não podia dizer onde acabava um e começava o outro. Mas a paz e a harmonia foram quebradas quando um mão-pelada começou a fazer um pequeno buraco na tela da porta da cozinha. Bam-

bam estava fazendo um lanchinho na sua vasilha de ração, quando virou e deu com o mão-pelada do outro lado da porta. O

miado alto que Bam-bam deu fez o mão-pelada sair correndo e trouxe o senhor Beresford correndo da sala para ver o que estava acontecendo. Pedrita ficou atrás do seu dono, olhando com curiosidade entre suas pernas. Bam-bam, com o pêlo da cauda eriçado, foi até a porta da cozinha, miando e roncando. Sem nunca ter visto seu irmão agir daquela forma antes, Pedrita caminhou em sua direção e foi furiosamente atacada. Em segundos, Pedrita fugiu da cozinha com Bam-bam perseguindo-a de perto, com um chumaço dos pêlos de Pedrita na boca.

Fui chamada dois meses depois desse incidente, pois as coisas tinham ido de mal a pior. Enquanto eu me sentava na sala do senhor Beresford, decorada com fotos dos seus gatos nas mesas, ouvi sua história. Disse que tentara de tudo. Sempre que via Bam-bam atacando Pedrita, ele jogava água nele ou batia as mãos. Agora tinha chegado a um ponto no qual eles mal podiam ficar no mesmo lugar.

"Se as coisas não melhorarem, terei de dar um dos gatos", disse Beresford com o olhar fixo em Bam-bam, acomodado numa cadeira próxima.

"Infelizmente, Pedrita estava no lugar errado, na hora errada", comecei. "E como estava muito agitado, Bam-bam redirecionou sua agressão ao alvo mais próximo.

Quando os gatos não são separados logo depois de um episódio traumático como esse que você descreveu, a tensão pode continuar entre eles. Como resultado, cada gato reage de forma diferente daquela que o outro estava acostumado e eles se tornam defensivos com relação ao outro. Conforme o tempo passa, a causa original (ou seja, o mão-pelada) deixa de ser o problema.

Do ponto de vista de cada gato, o outro gato é agora um problema."

O senhor Beresford passou seus dedos delgados pelos cabelos grisalhos e, então, coçou o queixo distraidamente. Tentou sorrir antes de falar: "Você pode pensar que sou um velho sentimental, mas eu adoro estes gatos. Os homens não podem amar gatos, podem?", disse, inclinando-se na sua cadeira, como se compartilhasse um segredo comigo. "Eles têm sido meus melhores amigos; vamos, portanto, fazer o que for necessário para eles voltarem ao normal."

"Vou fazer o melhor", respondi. Sua expressão deixou de parecer preocupada e encheu-se de determinação. Era hora de começar a trabalhar.

Considerando que Bam-bam odiava até mesmo a visão de Pedrita, e que Pedrita fugisse à primeira sensação da sua presença na vizinhança, teríamos de suborná-los, distraí-los, usar estímulos positivos e uma boa dose de sorte para conquistar algum terreno.

Ao passar algum tempo com Bam-bam, achei-o brincalhão e vi que respondia aos meus estímulos. Depois de ter suspeitado de mim (algo com que estou muito acostumada), fui capaz de fazê-lo usar o brinquedo interativo. Saber que ele podia ser facilmente manipulado pelo uso de um brinquedo era de vital importância para que pudéssemos finalmente trazer Pedrita de volta à cena.

Depois disso, fui atrás de Pedrita até o quarto do seu dono e tentei fazer uma sessão de terapia de brincadeira com ela. Embora não respondesse da mesma maneira que Bam-bam, sua curiosidade tirou o melhor dela, e eu soube que, se o senhor Beresford trabalhasse com esse elemento, poderia fazê-la brincar.

Na volta que dei pela casa, encontrei uma caixa de areia da qual, no passado, os dois gatos compartilhavam sem problemas. Apesar de ter dito que eles não haviam urinado ou borrifado fora da caixa, o senhor Beresford me informou que Bam-bam sempre esperava do lado de fora do banheiro, sempre que ouvia Pedrita arranhando a areia. Quando ela saía da caixa, ele a atacava, fazendo-a correr para o quarto do dono, seu santuário. Eu disse ao senhor Beresford que ele tinha muita sorte, pois um problema por causa da caixa de areia estava para começar. Por estar sob constante ameaça e havendo apenas uma caixa de areia, Pedrita logo seria levada a procurar lugares mais seguros e reclusos. Para ter certeza, peguei minha luz negra e procurei manchas de urina pela casa, mas não encontrei nada.

Depois de passar algum tempo com os gatos e estudar a planta da casa, achei que podia elaborar um plano para o senhor Beresford. Queria tentar usar a modificação de comportamento primeiro, sem o auxílio de terapias à base de remédios. Mas, se fosse necessário, eu falaria com o veterinário do senhor Beresford com o intuito de colocar um, ou ambos os gatos sob medicamento.

Quando voltamos para a sala e nos sentamos, expliquei detalhadamente ao senhor Beresford como a agressão redirecionada funcionava e como os intensos sentimentos daquele episódio traumático tinham-se desenvolvido como uma bola de neve de tensão cotidiana. Precisávamos ajudar aqueles gatos a pararem de se ver como uma ameaça. Se conseguíssemos isso, poderíamos reconstruir o relacionamento. Eu não tinha certeza àquela altura se conseguiria fazer Pedrita e Bam-bam voltarem ao relacionamento anterior ao trauma do mão-pelada. Mas daríamos um passo de cada vez. Qualquer melhora nos eventos presentes seria muito apreciada pelo senhor Beresford.

Plano de Tratamento

O passo número um era dar aos gatos espaço próprio. Pedrita não precisava ficar com medo cada vez que tivesse de usar a caixa de areia, e Bam-bam não precisava sentir sua vida ameaçada pela presença de outro gato na mesma casa. Eu queria que cada gato se sentisse confortável, portanto pedi ao senhor Beresford que os separasse durante alguns dias. Enquanto estivessem separados, uma segunda caixa de areia deveria ser colocada para Pedrita na entrada do quarto do dono, do lado de fora. O senhor Beresford não se importou com a segunda caixa de areia, especialmente se significasse menos trauma para Pedrita. "Mesmo quando estivermos reintroduzindo os gatos", expliquei, "uma segunda caixa de areia vai diminuir a pressão. Dessa forma, se Bam-bam estiver vigiando uma caixa de areia, ou se a estiver usando, Pedrita tem a opção de usar a segunda."

Muito frequentemente, em casa com muitos gatos, o fato de haver apenas uma caixa e de, principalmente, o caminho para essa caixa ser estreito (ou seja, um corredor que leva ao banheiro) pode ser muito intimidante para o gato submisso.

A próxima tarefa da lista era estimular a autoconfiança de cada gato. Sim, sei que isso parece tolice, mas ajuda. A maneira como faço isso é por meio da velha terapia de brincadeira e associação positiva. Como não podemos sentar-nos com os gatos e ter uma conversa do fundo do coração explicando que não há motivo para se sentirem ameaçados, pois ambos têm direitos sobre este território, temos de fazer isso por meio de uma linguagem que eles entendam. O

que aprendi em todos os meus anos como consultora de comportamento animal é usar o que a natureza nos dá. Vejo o gato como ele é: um predador. Faz sentido, portanto, que um gato predador bem-sucedido seja um gato confiante.

Se não é um bom caçador e se fica assustado por qualquer som que ouve no bosque, ele não só vai morrer de fome, como também será presa de qualquer um que seja mais forte.

Meu plano era que o senhor Beresford brincasse individualmente com cada gato várias vezes ao dia. Para criar segurança completa e para evitar que um gato se distraísse com a aparição do outro, quando estivesse fazendo sessões individuais, ele teria de se certificar de que o outro gato estivesse fora do quarto. Não queríamos que Bam-bam atacasse no meio de uma sessão com Pedrita. Isso certamente não ajudaria a construir confiança, ajudaria? Portanto, a primeira coisa a fazer antes da terapia de brincadeira individual é deixar o gato perceber que está completamente a salvo. No começo, Pedrita poderia ficar distraída, achando que Bam-bam iria entrar como um trator pelo quarto.

Finalmente, quando percebesse que ele não estava por perto e que a presa (brinquedo interativo) se tornava irresistível demais para não ceder, ela começaria a fazer tentativas de pegá-lo. A cada sessão, ela se tornaria mais o predador e menos a vítima tímida. As sessões permitiriam a ela passar o tempo livre do estresse e também trariam associações positivas com certas partes da casa. De início, a terapia de brincadeira deveria ser feita num lugar onde ela se sentisse segura — talvez no quarto do seu dono —, mas as sessões deveriam estender-se para as outras partes da casa.

Para Bam-bam, essas sessões ajudariam a redirecionar sua energia negativa para algo positivo. Também o tornaria mais confiante ao fazê-lo sentir-se um caçador bem-sucedido, sem precisar atacar Pedrita.

Outra forma de gerar confiança durante as sessões de terapia de brincadeira é colocar caixas ou sacos de papel abertos no meio do quarto. Como os gatos gostam de se esconder atrás de árvores, arbustos e pedras para se aproximar das suas presas, o senhor Beresford arranjaria esconderijos adequados para o seu predador. Para um gato nervoso ou tímido, como era o caso de Pedrita, deixá-la esconder-se atrás de uma caixa no meio do quarto a ajudaria a se aventurar além dos móveis e da parede. Ela estaria tão distraída na sua perseguição ao brinquedo que sequer perceberia que tinha expandido sua zona de conforto.

Expliquei todos os pormenores da terapia de brincadeira para o senhor Beresford. Era importante que ele não cometesse o erro de muitos donos quando brincam com seus gatos: causar frustração. Eu queria que ele movimentasse os brinquedos interativos como se fossem presas, para que os gatos respondessem como predadores. Não queria que ele puxasse o brinquedo para longe deles, impedindo-os de capturá-lo. Nosso objetivo não era aeróbica para gatos. Queria que cada gato tivesse tempo para planejar, espreitar e conquistar várias vitórias.

Deixar o brinquedo fora de alcance ou mantê-lo em movimento constante não daria a Pedrita e a Bam-bam tempo para passarem por todas as preparações naturais, físicas e mentais. No caso de Pedrita, era crucial que ela tivesse tempo para espreitar e planejar, pois precisava sentir a captura da presa dentro das suas habilidades.

Outra importante parte da terapia de brincadeira seria a maneira como o senhor Beresford acabaria cada sessão. Simplesmente puxar o brinquedo e ir embora faria os gatos ficarem imaginando que diabo aconteceu com a sua presa.

Eles ainda podem estar estimulados e precisando de uma sessão mais longa.

Queria que o senhor Beresford simulasse o movimento de uma presa que estava fraca e que morreria. Disselhe que visse o exercício como qualquer outro: um aquecimento, exercício intenso e relaxamento. O relaxamento, feito nos dois últimos minutos da terapia de brincadeira, faria seus gatos sentirem que tinham,

de fato, capturado sua presa e ficarem mais tranquilos. Tudo o que o senhor Beresford tinha de fazer era movimentar o brinquedo mais vagarosamente. Por exemplo, se estivesse usando um brinquedo em forma de pássaro, ele teria de movimentá-lo como se o pássaro tivesse uma asa quebrada e estivesse enfraquecendo-se, ou incapaz de voar mais. Então, ele deixaria que Pedrita, ou Bam-bam, fizesse uma grande captura final.

A outra forma que o senhor Beresford poderia usar os brinquedos interativos seria para diversão. Expliquei que, quando reintegrasse os gatos, precisaria manter consigo um brinquedo interativo que pudesse ficar escondido dos animais. Por exemplo, o Gato Dançarino pode ser enrolado e levado discretamente de um quarto para outro. Sempre que Bam-bam estivesse para incomodar Pedrita, ele deveria atrair sua atenção com o brinquedo. A idéia era quebrar o padrão de Bam-bam de atacar imediatamente Pedrita. Ao usar um brinquedo interativo, o senhor Beresford estaria atraindo a atenção do gato para algo positivo. Bam-bam iria preferir atacar a presa a Pedrita. Nesse caso, uma situação negativa seria transformada em positiva. Ao mesmo tempo, Pedrita veria que, quando Bam-bam entrasse no quarto, não significava que ele iria atacá-la.

O terceiro estágio da terapia de brincadeira seria um jogo em grupo.

Deveria haver coordenação da parte do senhor Beresford, mas, se pudesse manusear um brinquedo com cada mão, ele poderia conduzir uma sessão com os dois gatos. O propósito de se fazer uma sessão em grupo com dois brinquedos era que um dos gatos não fosse incomodado ou perseguido. Eu queria fazê-los perceber que poderiam divertir-se juntos e sentirem-se seguros na presença um do outro. Eles estariam brincando juntos de alguma forma, mas estariam apenas vendo um ao outro com o rabo dos olhos. Eu disse ao senhor Beresford que sob nenhuma circunstância fizesse uma sessão em grupo com apenas um brinquedo. Pedrita inevitavelmente se sentiria ameaçada e retirar-se-ia do quarto.

Agora, vamos à parte do suborno no plano de modificação de comportamento. O suborno funciona, e não me envergonho de dizer que o uso sempre que posso. Só é necessário um agrado do qual os gatos gostem muito para lhes oferecer quando ambos estiverem presentes. Por exemplo, pode ser uma pequena guloseima, uma colherada de iogurte, uma porção de galinha cozida, qualquer coisa a que os gatos não resistam. Dar-lhes o agrado apenas quando os dois estiverem presentes permitirá a eles associar coisas boas um com o outro. Finalmente, o senhor Beresford pode permitir que eles apreciem suas delícias quando estiverem próximos um do outro. Entretanto, eu lhe avisei que não apressasse as coisas e os alimentasse juntos. Seria melhor não arriscar uma recaída. Depois de dar outras instruções menores ao senhor Beresford, deixei a

casa sentindo-me confiante de que ele faria tudo o que fosse necessário para trazer a paz de volta ao seu lar. Disselhe que me ligasse em uma semana com um relato a respeito do progresso. Nesse ponto, eu decidiria se ele deveria falar com seu veterinário acerca de alguma medicação.

Acompanhamento

O senhor Beresford seguiu minhas instruções ao pé da letra e logo se tornou adepto das sessões de terapia de brincadeiras cheias de fantasia felina. A terapia de distração funcionou bem no que dizia respeito a distrair Bam-bam para longe de Pedrita: ele ficava muito mais interessado em capturar a presa do que em perseguir Pedrita. Primeiro, Pedrita brincava com segurança e saía correndo do quarto assim que via Bam-bam. Finalmente, com ajuda da sua própria terapia de brincadeiras e o velho e bom suborno, ela começou a permanecer na sua posição e a observar com olhos cautelosos.

Com duas semanas de terapia, o senhor Beresford deixou a mensagem que eu estava esperando na minha secretária eletrônica. Ele dizia que, quando Bam-bam entrava no quarto, Pedrita erguia a cabeça, olhava para ele por um momento e voltava a dormir na poltrona. Sorri ao ouvir a mensagem, sabendo que ainda podia haver alguns percalços pela frente, mas que definitivamente estávamos no caminho certo.

A parte do suborno se mostrou nada menos que um milagre. Sempre que o senhor Beresford trazia os agrados, os dois gatos corriam em sua direção. Em um mês, eles estavam esfregando-se um no outro, enquanto seu dono abria um pacote e colocava uma delícia na frente de cada um.

Um ano depois da minha visita, a vida na casa do senhor Beresford estava feliz e pacifica. O senhor Beresford continua com as sessões de terapia de brincadeiras com os gatos e disse que é uma hora especial para os três. As sessões de brincadeiras em grupo são um ritual noturno. Tendo passado pela experiência de agressão redirecionada com Bam-bam, o senhor Beresford ficou mais alerta em relação ao potencial de uma repetição da crise. Ele me disse que um dia viu um gato de rua no seu quintal. Antes que ele pudesse persegui-lo, Bam-bam o viu e começou a miar ameaçadoramente. O senhor Beresford imediatamente levou Pedrita para o quarto para mantê-la longe da raiva redirecionada de Bam-bam. Ele, então, fechou a persiana da porta de vidro e pegou o pacote de guloseimas e sacudiu-o, algo que, segundo ele, sempre faz

Bam-bam vir correndo de onde quer que esteja. E não foi dessa vez que ele quebrou a tradição, esfregando-se nas pernas do senhor Beresford e ronronando.

Depois da guloseima, o senhor Beresford brincou com Bam-bam. Depois de capturar sua presa e quando estava pronto para dormir, ao lado da lareira, o senhor Beresford foi até o quarto e brincou com Pedrita. Mais tarde, ele abriu a porta do quarto, e Pedrita foi até a sala. Quando Bam-bam a viu, saudou-a da maneira que se havia tornado um padrão: cheirando seu rosto e lambendo suas orelhas.

A parte mais gratificante da modificação de comportamento veio quando o senhor Beresford ligou para dizer que seus dois gatos estavam de novo dormindo juntos na posição que costumavam dormir antes do incidente com o mão-pelada.

Aconselhamento Familiar

O número do telefone que aparecia no meu pager pertencia a um dos hospitais veterinários da cidade. O "911" depois do número indicava a urgência da mensagem. No meu caminho para casa, depois do meu último cliente do dia, respondi à chamada do celular e fui imediatamente passada para uma das técnicas.

"O doutor Fields está na sala de exames", disse a técnica numa torrente de palavras. "Pediu que ligasse para você porque há um casal aqui para vacinar um gato que arranhou a mulher diversas vezes. Não há nenhum problema com os arranhões, mas o gato está ficando maluco aqui, e também estão os seus donos — a mulher está gritando com o marido. O doutor Fields finalmente pegou o gato, e o doutor Whitson deu as vacinas", a técnica finalmente tomou fôlego antes de continuar. Enquanto eu ouvia, virei meu carro e fui para o hospital veterinário. A técnica continuava seu relato: "A mulher quer que o gato seja sacrificado. O marido se recusa a fazer isso. Pam, a coisa está feia aqui. O doutor Fields precisa de você. Há chance de você vir?".

"Já estou indo aí. Chego em dez minutos", disse eu, esperando não haver surpresas no trânsito.

Ao chegar à clínica, fui saudada por Cindy, a chefe dos técnicos, que me levou direto até a área do laboratório. "O doutor Fields quer falar com você primeiro", disse, desaparecendo pela porta da sala de exames.

Eu fiquei no balcão do laboratório observando a atividade de vários técnicos entrando e saindo da sala. Lembrava-me dos meus anos como técnica e o quanto eu ficava exausta no final do dia, quando finalmente a porta da sala de exames se abriu. O doutor Fields me saudou calorosamente com as mãos, enquanto vinha na minha direção.

"Oi, Pam. Desculpe fazer isso com você", disse, enquanto se recostava no balcão, cruzava seus braços e suspirava profundamente. Era um homem excepcionalmente alto, com ombros largos, braços fortes e grandes mãos. Ele passava por cima de todos os empregados e sempre parecia estranho quando segurava filhotes de cães ou gatinhos. "O gato pirou aí dentro. Os donos o trouxeram para tomar vacina e ninguém conseguia tirá-lo da gaiola. Nós finalmente conseguimos desmontá-la, mas a essa altura o bicho já estava louco."

O doutor Fields descruzou os braços e pude ver pequenas marcas vermelhas na frente do seu avental, onde seus braços estiveram cruzados. Olhei para suas mãos e vi vários arranhões. Ele percebeu onde meus olhos estavam e esticou

suas mãos. "Ebony conseguiu arranhar todo mundo", disse.

"O que você quer que eu faça?", perguntei, olhando para a sala de exames tenebrosamente silenciosa. "Aparentemente, de acordo com a senhora Stanley, o gato está mais agressivo em casa e, depois de hoje, ela não o quer mais. Ele tem ficado cada vez mais agressivo quando vem aqui. Nós o atendemos por causa de machucados causados em brigas com outros gatos, para uma cirurgia de castração, algumas infecções de ouvido e para tomar vacinas."

"Como outros animais, as únicas experiências que eles associam com o consultório veterinário são dolorosas", respondi.

Doutor Fields concordou com a cabeça. "Mas o marido adora o gato e recusa-se a fazer qualquer coisa. Ele acha que gato está agressivo porque ela o odeia."

"Eles querem uma consulta?", perguntei, sem estar ansiosa para trabalhar com um casal que parecia estar no fim da escala de tolerância com os gatos.

"Eles nem mesmo sabem que eu chamei você. Acho que não há nada de errado com o gato. Ele só odeia vir até aqui. Não sei por que ele ficou agressivo em casa. Seu exame físico está normal. Nós podemos lidar com um gato agressivo aqui no hospital; é o que está acontecendo entre o marido e a mulher que me preocupa. Você tem muito mais experiência com esse tipo de coisa", ele pôs a mão no meu ombro, e durante um segundo pensei no meu casaco novo e se ele não o estava sujando de sangue. "Você pode ficar o tempo que precisar", ofereceu-me. "A sala de exames é sua."

"Obrigada", respondi, com um tom de insinceridade, enquanto entrávamos na sala.

O doutor Fields apresentou-me e explicou por que me havia chamado.

Então saiu, dizendo que estaria atendendo um paciente se precisássemos dele.

Quando a porta fechou, olhei para o senhor e a senhora Stanley e sorri. Eles estavam no outro canto da sala. Fui saudada com um sorriso esperançoso do senhor Stanley. Quanto à senhora Stanley, digamos que o lado da sala onde ela permanecia estava um tanto gelado.

A gaiola de plástico azul estava entre eles. De onde eu estava, a única coisa que podia ver era uma sombra escura lá dentro.

Mesmo apesar de todos na sala estarem calmos — tensos, mas calmos —, os sinais da recente batalha estavam em todos os lugares. Pêlo de gato preto cobria a mesa e havia um pouco no chão. Duas toalhas brancas estavam jogadas num canto. A grande quantidade de pêlos negros nelas indicava que tinham sido usadas como escudos contra unhas e dentes.

Um par de tesouras, um rolo de gaze e uma garrafa de peróxido estavam no

balcão perto da pia, sinais de que alguém tinha sido mordido ou arranhado. A mão da senhora Stanley estava enfaixada com uma camada dupla de gaze.

Tendo sido arranhada por gatos muitas vezes, eu simpatizava com ela.

"Sei que essa foi uma experiência muito estressante para vocês três", comecei. "Gostaria de oferecer minha ajuda se vocês a quiserem. Talvez possamos estabelecer juntos um caminho a seguir."

"Ponha o gato para dormir", declarou calmamente a senhora Stanley; sua voz ainda soava nervosa por causa do trauma. "Ele muda demais. Especialmente quando temos de trazê-lo aqui. Ele vê a gaiola e é um inferno para colocá-lo aí dentro. Jim teve de enrolar um cobertor nele e jogá-lo aí dentro."

O senhor Stanley abaixou-se e colocou a gaiola azul mais perto dele, como se as palavras da mulher pudessem conter uma sentença de morte. "Ele só é assim quando vê esta gaiola. Ele sabe que está indo para o veterinário e ele odeia isso. Não posso culpá-lo", disse em defesa da sombra escura e silenciosa na gaiola aos seus pés.

"Como você explica ele ter me mordido em casa?", perguntou a senhora Stanley.

Caminhei até o balcão e puxei um banco. Enquanto eu sentava, apontei para as cadeiras ao longo da parede. "Por favor, sentem-se. Podemos conversar por alguns minutos? Talvez eu possa mostrar uma perspectiva diferente."

O senhor Stanley olhou para sua esposa. "Vamos, Judith. Você está falando em matar o meu gato. Não podemos ao menos discutir isso juntos?" A senhora Stanley foi relutantemente até a cadeira e sentou-se. Seu marido tomou o lugar ao seu lado e então começamos.

Perguntei-lhes como conseguiram Ebony, como ele se comportava em casa e, especificamente, como cada um interagia com ele. Ebony era o único animal de estimação na casa dos Stanley. Ele tinha entrado pela porta dos fundos há um ano. Apesar das reservas da senhora Stanley, eles o adotaram. Ele se tornou um gato que ficava tanto em casa quanto na rua e passava boa parte do seu tempo fora com o senhor Stanley, enquanto ele cuidava do jardim.

Aposentado, o senhor Stanley adorava ficar na garagem e mexer na propriedade.

Ebony fazia-lhe companhia em quase todos os projetos. O senhor Stanley adorava seu companheiro de dois anos. Ebony era um "tipo de gato que fica com o dono", conforme seu dono o descreveu. Um gato comum de pêlo curto preto com uma cara grande, era sólido, musculoso e ágil. "Um grande caçador de camundongos", disse o senhor Stanley com orgulho.

"Um ônibus de pulgas", interveio a senhora Stanley, "além disso, ele me morde".

"Conte-me a respeito das mordidas", pedi à senhora Stanley.

"Sempre que saio da cama, ou do chuveiro, ele morde meu calcanhar.

Como ele troca muito de pêlo, ó, Deus, estou sempre correndo atrás dele com a escova, mas ele se esconde. Quando o alcanço, escovo, escovo e tiro pilhas de pêlos. Ele odeia isso, mas não posso ficar com pilhas de pêlo de gato pela minha casa."

"Ele é um gato, Judith, e gatos trocam o pêlo", disse o senhor Stanley em defesa do gato.

"Mas ele também é bravo. Veja o que ele fez", disse ela, apontando para o curativo na sua mão.

Falamos um pouco mais a respeito da vida na casa dos Stanley. Uma imagem estava se formando. Esse gato não era agressivo, mas havia uma série de problemas acontecendo. Os problemas, porém, tinham mais a ver com os donos do que com o gato. Estava apenas reagindo ao que estavam fazendo para ele. Se os Stanley me permitissem (e eu sabia que o senhor Stanley permitiria), eu seria capaz de jogar uma luz sobre o comportamento do seu gato e melhorar o quadro geral de maneira eficiente.

Plano de Tratamento Passei por todas as informações específicas com os Stanley, começando com a agressão no consultório do veterinário. A maneira como os Stanley explicaram que colocam Ebony na gaiola, e que a gaiola só aparece quando é para levá-lo ao temido veterinário, significava que eles estavam gerando raiva no gato desde o começo. Ele sabia que alguma coisa ruim iria acontecer quando ela surgia e que seu amado dono começaria a persegui-lo e prendê-lo-ia com um cobertor. Aconselhei os Stanley a minimizar um pouco o medo do gato deixando a gaiola à vista o tempo todo. Ao colocar uma toalha lá dentro e ao deixá-la aberta num canto, Ebony se acostumaria a ela. Disselhes que colocassem uma guloseima perto da entrada da gaiola. Se Ebony respondesse bem a isso, então, no dia seguinte, eles poderiam colocar a guloseima bem na frente da gaiola. Aos poucos, eles deveriam colocar a guloseima dentro da gaiola, para que Ebony pudesse perceber que podia entrar e sair livremente. Expliquei aos Stanley um outro importante motivo para que fossem capazes de colocar Ebony na gaiola sem problema. Numa emergência, se você tiver de sair da sua casa rapidamente (um incêndio, por exemplo), ser capaz de colocar o gato na gaiola significa uma saída mais segura, sem chance de o gato pular dos seus braços.

Depois, meu plano previa diminuir o estresse que Ebony tinha de agüentar no veterinário. Soube, pelo senhor Stanley, que eles tiveram de ficar muito tempo na sala de espera, cercados por cães e outros gatos. Precisávamos reduzir esse tipo de ansiedade adicional que pode deixar um gato nervoso antes mesmo

de entrar no consultório. Sugeri que marcassem sua hora o mais cedo possível, antes que o veterinário ficasse cheio, e esperar com Ebony no carro.

Aparentemente, quando eles o colocavam na caixa, ele se acalmava durante a viagem. Sua agitação começava quando ele ficava na sala de espera mais de vinte minutos. Poder levá-lo direto ao consultório eliminaria a enorme quantidade de medo acumulado. Também senti que nem o senhor Stanley nem o técnico deveriam tentar tirar o gato de dentro da gaiola. Com Ebony, parecia que quanto mais rápida e eficientemente as coisas andassem, menos ele ficaria agitado. Meu conselho era que o veterinário e o técnico desmontassem a parte de cima, rapidamente imobilizassem o gato (sempre usando o mínimo de energia necessária) e fizessem o exame e as vacinas. Aparentemente, no passado, o pessoal do hospital usou focinheiras, sacos, etc., que fizeram Ebony lutar ainda mais e ficar ansioso. Parecia haver uma efêmera oportunidade com ele, antes de ficar agressivo, e eu esperava que eles usassem todo esse tempo precioso tentando todos esses métodos. Recomendei, então, que, depois de Ebony se sentir confortável com a gaiola, eles o levassem em curtos passeios de carro ao redor da quadra, por exemplo. Depois de chegar em casa, ele deveria ganhar uma guloseima. Queria que ele soubesse que nem toda viagem de carro acabava numa dolorosa visita ao veterinário. Queria também que eles levassem Ebony ao veterinário ocasionalmente sem motivo médico, apenas para dizer olá e para ele ver que nem toda visita ao veterinário queria dizer coisas ruins. Mas não era para eles ficarem muito tempo. Meus argumentos para a necessidade de sensibilizar Ebony a não temer ir ao veterinário eram que ele tinha acessos de brigas com outros gatos, era jovem (dois anos), e provavelmente ainda iria ao veterinário muitas vezes na sua vida.

Aparentemente, ele era um lutador, e a senhora Stanley não queria que ele ficasse só dentro de casa. Assim, infelizmente, provavelmente haveria mais acessos no futuro. Ele precisava ser um gato que o pessoal do hospital pudesse manusear e medicar com mais facilidade.

Expliquei que o comportamento "agressivo" de Ebony em casa, demonstrado ao morder os calcanhares da senhora Stanley, era agressividade de brincadeira. Basicamente, ele está num pique de brincadeira, e a súbita aparição de pés em movimento são muito irresistíveis para deixar passar.

Mergulhando mais no assunto, descobri que as mordidas aconteciam quando Ebony era mantido na casa por longos períodos. Ele adorava caçar e brincar fora de casa, sempre pulando em cima e espreitando atrás de folhas secas e galhos.

Quando estava fora com o senhor Stanley, Ebony era sempre tratado de forma brincalhona. Infelizmente, o senhor Stanley usava seus dedos para

provocar o gato. Ele admitiu que, à noite, quando estava reclinado na sua poltrona, costumava mexer os dedos dos pés, e Ebony os atacava de brincadeira.

Sempre que estava frio ou chovendo, Ebony escolhia não sair para brincar, mas ficava dentro de casa, indo de um quarto a outro. O senhor Stanley ficava na garagem, e a sua mulher dentro de casa. Era nessas horas que Ebony atacava seus pés. Expliquei que, ao usar os dedos como brinquedos, Ebony era ensinado que podia morder a pele. Além disso, havia o declínio abrupto das horas de brincadeira nos dias em que o gato ficava dentro de casa. Ele tinha um grande nível de energia e gostava de caçar camundongos; assim ele treinava atacando os calcanhares da senhora Stanley. A solução para o problema envolvia uma mudança na maneira como o senhor Stanley brincava com Ebony.

De agora em diante, deveria usar brinquedos interativos. Quando estava fora, se Ebony quisesse pular sobre uma folha ou flor, tudo bem, mas o senhor Stanley não deveria usar suas mãos, nem mesmo luvas (o senhor Stanley tentou negociar comigo).

Mostrei à senhora Stanley como o uso de um brinquedo interativo acabaria com as mordidas de Ebony nos seus pés. Também expliquei como arranjar as coisas dentro de casa para tornar a vida lá dentro um pouco mais interessante. Ela podia deixar uma bola de pingue-pongue numa caixa, ou deixar algum brinquedo leve no chão, ou o anel plástico da caixa de leite, para Ebony se distrair quando ela não tivesse tempo para brincar com ele.

Colocar uma árvore de gato perto da janela (Ebony não podia subir na mobília) daria ao gato um lugar para escalar e seria também um ótimo observatório para ver os pássaros.

Adicionada à atitude problemática de Ebony estava a maneira como ele era perseguido e torturado para ser escovado. Eu não o culpava por sair correndo toda vez que via a senhora Stanley vindo na sua direção com uma escova. Assim, tentaríamos uma nova abordagem para escová-lo que o faria até gostar do processo. A senhora Stanley ergueu os olhos incrédula, mas eu continuei. Ebony deveria ser escovado pelo senhor Stanley durante algum tempo.

A escovação consistiria em uma ou duas escovadas leves descendo pelas costas. Era só isso! A senhora Stanley argumentou que o gato se encheria de pêlo e a casa ficaria toda suja, mas eu expliquei que estávamos treinando Ebony para mudar seu ponto de vista com relação à escovação. Precisávamos ir devagar. A idéia do exercício seria tê-lo terminado antes que o gato percebesse o acontecido. Uma ou duas escovadas, seguidas de um carinho debaixo do queixo.

Gradualmente, eles podiam aumentar o número de escovadas, mas a chave era terminar antes que Ebony ficasse desconfortável. Ao ser escovado, de início, pelo senhor Stanley, Ebony poderia romper com as associações negativas com a

senhora Stanley, a escova e as imagens de tortura. Eu queria que a senhora Stanley fosse associada apenas a coisas positivas (ou seja, brincadeiras, comida). Essa reintrodução gradual à escovação ajudaria Ebony a aceitar isso de forma melhor e seria finalmente capaz de tolerar a limpeza de dentes e orelhas, o corte das unhas, *etc.*

Quando acabei todas as minhas recomendações, perguntei à senhora Stanley se ela desejava tentar essas coisas antes de desistir de Ebony, uma vez que o gato significava muito para o seu marido. Se ao menos tentasse mudar o comportamento, estaria mostrando a seu marido que estava tentando encontrar a melhor solução. O rosto da senhora Stanley se suavizou quando eu disse isso.

Senti que apelar para seu relacionamento com seu marido era o caminho a seguir, em vez de explicar o quanto é terrível sacrificar um gato perfeitamente sadio. Meu argumento funcionou, e ela concordou em tentar do meu jeito. Dei-lhes meu cartão com instruções para me ligarem a qualquer hora.

Acompanhamento

Ao deixar a gaiola à vista e colocar uma guloseima lá dentro, Ebony finalmente ficou à vontade com a sua presença. Ele até mesmo a usou para dormir lá dentro.

Agora, Ebony aceita e até mesmo gosta de ser escovado. Demorou um pouco, e eu recebi várias mensagens da senhora Stanley na minha secretária eletrônica sobre pêlo de gato, mas finalmente deu certo. A senhora Stanley disse que, hoje, Ebony ronrona ao ser escovado. Eles progrediram muito.

A sensibilização gradual com relação ao consultório veterinário também funcionou bem. Os Stanley confessaram terem se sentido tolos ao levar seu gato no consultório só para dizer "olá", mas finalmente ficou mais fácil de se lidar com Ebony. Isso se mostrou muito útil, pois oito meses depois que encontrei os Stanley, Ebony teve uma infecção nos olhos. O doutor Fields relatou que foi muito fácil lidar com ele e que ninguém foi arranhado. As mordidas de brincadeira acabaram desde que o senhor Stanley parou de usar seus dedos para provocá-lo e, em vez disso, usa brinquedos interativos. E, finalmente, ao fazer sessões de brincadeira com Ebony, a senhora Stanley começou a gostar do gato preto. Uma noite, quando Ebony e o senhor Stanley estavam na poltrona, o gato se ergueu e deitou-se no sofá ao lado da senhora Stanley.

Observações Adicionais

Para evitar problemas de agressão em potencial no veterinário, se você tem um gato, tente levá-lo periodicamente para dizer "olá". Minha experiência demonstra que o pessoal de quase todos os hospitais veterinários recebe bem essas visitas e entende sua importância.

Se você tiver um gato extremamente agressivo no veterinário, mudar o tipo de gaiola na qual você o transporta pode tornar a visita menos perigosa para todos os envolvidos. Para gatos realmente agressivos, acho que a gaiola com abertura em cima é a que melhor funciona. Com esse tipo de gaiola, quando o técnico ou o veterinário a abrem, eles têm um ângulo melhor para segurar o gato com segurança (geralmente ao segurar pela pele da nuca com uma mão e as patas traseiras com a outra). Quanto mais rapidamente ele for imobilizado, menos vai lutar e seu nível de estresse não vai subir muito. As gaiolas com a parte superior removível também são mais fáceis para se colocar o gato de volta.

Outro erro comum que as pessoas cometem ao escolher uma gaiola de gatos é pegar uma que seja grande demais. Quanto maior for a gaiola, mais difícil será levá-la, e seu gato, escorregando lá dentro, ficará sendo jogado de um lado ao outro. Sentir as paredes da gaiola à sua volta também cria uma sensação de segurança para o gato, fazendo-o sentir que ele está num bom esconderijo. Você já deve ter visto como os gatos entram em pequenas caixas e sacos — eles preferem sentir a segurança de ter paredes ao seu redor.

Uma opção adicional para gatos agressivos demais, no veterinário, é pedir que seja usado um tranquilizante leve. Se você conseguir medicar seu gato em casa, seu veterinário pode prescrever uma medicação que pode baixar o nível de pânico do seu gato. Se você sentir que seu gato está num ponto de precisar de medicamento, fale com seu veterinário.

Finalmente, alguns gatos que demonstram agressividade no veterinário comportam-se melhor quando o veterinário vem até sua casa. Muitos veterinários fazem visitas, e muitas cidades têm serviço de unidade veterinária móvel.

Capítulo Três

Gatos Como Decoradores de Interiores • Mobília arranhada

Qualquer pessoa que tenha um gato que arranha a mobília pode dizer o quanto isso é frustrante. É o tipo de comportamento que faz os gatos serem punidos, terem suas garras retiradas, serem doados, expulsos ou sacrificados.

Os donos fazem qualquer coisa para que os gatos parem de arranhar a mobília. E aqui há um problema. Eles tentam fazer seus gatos pararem de fazer algo que eles sabem que devem fazer.

Para um gato, arranhar é tão natural quanto caçar um camundongo, tirar um cochilo depois de comer, ronronar, miar... diabos! É tão natural quanto respirar. Arranhar serve a muitas funções vitais do gato. Deixa as garras em boas condições ao remover a cobertura exterior morta das unhas; deixa uma marca visual (lembre-se de que os gatos são territoriais); além de deixar uma marca olfativa, pois o animal possui glândulas de odor nas almofadas das patas.

Outro benefício menos óbvio (mas certamente não menos importante) de poder arranhar é que isso serve para descarregar emoções. Você pode notar que a hora que seu gato escolhe para arranhar a mobília é quando você entra em casa depois de ter passado o dia todo fora, ou quando ele observa ansiosamente você preparar sua comida.

Poder arranhar é um aspecto tão importante da saúde física e emocional do seu gato que eu odeio ver os donos sem entender as intenções do seu gato, rotulando-as de destruição intencional.

Não poderia incluir um capítulo referente ao ato de arranhar sem tocar no assunto da remoção das garras. Isso é, e provavelmente sempre será, um tópico controverso entre os donos de gatos. Muitos consideram um ato de barbarismo submeter o gato a uma cirurgia de remoção de garras. Outros acham que, depois da cicatrização, o gato não vai nem perceber que suas garras foram retiradas.

Continua a arranhar os móveis, só que sem os efeitos destrutivos. Os dois partidos — contra e a favor da remoção das garras — não são formados pôr pessoas insensíveis que odeiam os gatos de um lado e de fanáticos por gatos de outro. Estamos falando de veterinários, profissionais de comportamento, de gatos e de donos. Como há tantas pessoas educadas, profissionais e informadas que compartilham essas opiniões opostas acerca da remoção das garras, sinto que o assunto continuará a ser debatido durante muito tempo.

Meu ponto de vista a respeito do assunto é de que é um procedimento realmente inumano e desnecessário. Baseio essa opinião nos meus anos como profissional de comportamento animal, tendo trabalhado em várias ocasiões bem-sucedidas para treinar gatos a usarem um poste para arranhar. Também baseio minha opinião nos meus anos trabalhando num hospital veterinário, atendendo os gatos que saíam da anestesia depois da cirurgia de remoção de garras. Eu os observei se batendo contra as paredes da gaiola, de um jeito diferente daquele que os gatos que acordam de outras cirurgias fazem.

Segurei gatos que sentiam tanta dor a ponto de não conseguirem ficar de pé para usar a caixa de areia ou comer. Imagine ter todas as juntas dos seus dedos amputados e daí ter de usar suas mãos. Soa doloroso, não?

Tendo dito isso, asseguro a vocês que há meios de treinar o seu gato para usar um poste de arranhar. No entanto, nem todos os postes são iguais.

Alguns são muito bons, e outros não são bons nem como lenha. Para que um poste de arranhar seja bom, deve obedecer a quatro preceitos:

1. Resistência;
2. Altura apropriada;
3. Material atraente;
4. Boa localização.

Muitos postes falham nos quatro pontos. Vamos analisá-los individualmente:

Resistência

Vá até uma loja de animais de estimação e manuseie os postes de arranhar. Ponha sua mão no alto e tente forçar o poste. Muitas vezes ele cede, pois está

mal colocado na sua base. Como o gato pode se apoiar nisso e arranhar sem que o poste caia? Esse é um motivo pelo qual ele usa seu sofá e sua cadeira. Ele sabe que essas coisas não vão a lugar algum. Escolha um poste bem robusto, com uma base grande e pesada. Talvez seja mais caro, mas de qualquer forma é muito mais barato do que comprar mobília nova.

Altura apropriada

Quando seu gato tinha três meses, o poste que você comprou era ótimo.

Ele não só podia arranhá-lo como também subia e descia por ele. Mas uma coisa engraçada aconteceu à medida que ele crescia — o poste não crescia com ele.

Se acontecer de você ter um gato alto (como eu tenho), quando ele se estica para arranhar, ocupa uma área muito grande. Talvez seja por isso que as costas do sofá seja o lugar onde ele escolheu para arranhar. Ele pode cobrir uma grande área numa só arranhada.

Material atraente

Escolher um poste coberto com carpete é um convite à destruição de móveis. Os postes revestidos com carpete são macios demais e difíceis para o gato arranhar de maneira eficiente.

As melhores escolhas podem não parecer atraentes para você, mas parecerão mais atraentes para o seu gato. Qualquer material áspero onde seu gato possa cravar as unhas fará com que ele continue voltando ao poste. Postes recobertos com sisal, ou qualquer outro material áspero e duro, são bons. Até mesmo madeira é uma boa superfície para arranhar. Pense apenas em algo áspero.

Fazer o seu próprio poste pode não ser tão difícil quanto parece, e possibilita que você o faça segundo as necessidades do seu gato (ou seja, altura e escolha do material de revestimento). Para fazer um poste básico, cole ou pregue um pedaço de madeira 4x4 a uma base pesada de madeira. Determine a altura do poste de acordo com o comprimento aproximado do seu gato quando ele está esticado. Para a base, faça-a grande o bastante para que o gato não a derrube quando se apoiar no poste. Para postes muito grandes, faça a base larga o bastante para que seu gato ponha suas patas sobre ela para conseguir mais estabilidade.

Cubra o poste com qualquer material atraente. Escolhi envolver o meu com corda, fixada no alto e em baixo com grampos pesados. Quando fica muito usada, é só desenrolar a corda e substituí-la por outra nova. Você pode cobrir a base com qualquer tipo de tapete, ou simplesmente deixá-la sem revestimento.

Boa localização

Colocar um ótimo poste de arranhar num lugar péssimo não atrairá seu gato. Gaste um pouco mais de tempo para ver onde e quando seu gato arranha e coloque o poste como uma resposta às suas necessidades. Por exemplo, um gato que adora espreguiçar-se e arranhar, depois de uma soneca, deve ter um poste no seu lugar de dormir preferido.

Meus gatos têm três postes em três locais diferentes, segundo suas preferências. Tenho um gato que sempre se espreguiça depois das refeições.

Aquele poste é colocado ao lado da vasilha de ração. Meu outro gato adora se espreguiçar e arranhar depois de uma soneca. Ele também prefere dormir num lugar mais alto. Comprei uma árvore de gato com os suportes do poste envoltos por corda. Olive dorme no alto da árvore e, então, pula para o chão para usar o poste de arranhar da árvore depois que acorda.

Meu terceiro poste fica perto da porta de entrada para permitir que meus gatos expressem sua alegria quando eu ou meu marido chegamos no fim do dia.

Depois de nos cumprimentar, eles correm até o poste e arranham. Tudo o que fiz foi observar o padrão dos meus gatos e arranjar uma solução que agradasse a todos nós. Eles costumam arranhar, e eu costumo manter minha mobília intacta.

Seja tão criativo quanto for preciso para planejar o poste de arranhar do seu gato. Não economize em nada, ou você estará jogando fora sua poltrona preferida, pois você não vai conseguir arrumá-la.

Verticais e Horizontais

Certa noite, durante um evento para arrecadação de fundos, um veterinário se aproximou e apresentou-se a mim. Ele clinicava a 65 quilômetros de Nashvil e. Nós já tínhamos conversado diversas vezes pelo telefone e ele me enviou muitas referências durante anos, mas nunca tínhamos nos encontrado. Eu estava esperando na fila para me servir do bufê, conversando com amigos, quando vi aquele cavalheiro vindo na minha direção.

"Pam, é fácil reconhecê-la num grupo, pois já a vi várias vezes na TV. Os clientes que mandei para você voltaram todos com relatos positivos."

Conforme o homem continuava a falar, sua voz soava familiar, e eu tentei ver o nome no seu crachá de identificação, pois não tinha a menor idéia de quem era ele. Quando li o nome, senti meu rosto se ruborizar, uma vez que minha confusão se transformou em reconhecimento. Tendo falado com aquele veterinário no telefone pelo menos vinte vezes nos últimos anos, eu tinha feito um retrato mental dele. Lembro-me de ter pensado que sua voz soava distinta e atraente. A riqueza do seu tom misturado à maneira calma com que falava me fez pensar em quantos clientes tiveram dificuldade em prestar atenção nas instruções que ele dava e perderam-se no som da sua voz. Eu o imaginei alto, inacreditavelmente bonito e de constituição grande. Imaginei cabelos escuros começando a ficar grisalhos, os olhos azuis de Paul Newman e um sorriso comprometedor.

Bem, isso era demais para minha habilidade de ligar a voz ao rosto.

Digamos apenas que o homem na minha frente teria sorte se medisse 1,65 m com sapatos. Estou certa de que ele já teve cabelo em alguma época da sua vida (e pode até ter sido escuro), mas agora mal havia sinal de cabelos. Ele estava realmente ficando grisalho, mas acima das têmporas, o único lugar onde havia cabelo. E, embora tivesse olhos azuis, Paul Newman certamente não teria de se preocupar.

"Se você tiver um minuto, podemos conversar um pouco?", pediu.

Apresentamo-nos formalmente e, enquanto esperávamos na fila do bufê, ele me perguntou acerca de uma cliente que me havia indicado há vários meses.

A cliente, uma mulher de quase 40 anos, tinha um gato macho de nove anos que tinha destruído a mobília dela durante quase toda a sua vida.

Aparentemente, os esforços da dona para treinar o gato falharam a ponto de ela simplesmente desistir e deixar o gato estragar a mobília.

O doutor Biondi me ligou pela primeira vez por causa dessa cliente quando ela foi consultá-lo sobre retirar as garras do gato. Parecia que ela tinha acabado de se casar e Michael, seu marido, não queria que a mobília do casamento fosse destruída (um pedido razoável). Como seu jogo de sofá e poltronas estava em

condições muito melhores que o jogo dela, eles se livraram da mobília arruinada dela.

Andréa Cal oway contou ao doutor Biondi que, em questão de horas, Rudy arranhou o sofá. Em pânico, Andréa jogou algumas almofadas no sofá, explicando que elas davam um toque decorativo. Mas Rudy só estava se aquecendo. Havia nascido para arranhar e agora tinha toda aquela mobília à sua disposição. Logo, o sofá e as poltronas de Michael pareciam seus predecessores.

O doutor Biondi tentou desencorajar Andréa a submeter seu gato de nove anos a uma cirurgia de remoção de garras. Perguntou se ela tinha postes de arranhar, e ela respondeu que os tinha espalhados por toda a casa, mas Rudy os ignorava completamente.

Andréa e Michael Cal oway queriam comprar mobília nova, mas sabiam que era impossível enquanto Rudy tivesse garras. O tempo estava se acabando para Rudy, pois Michael não era tão apegado a ele quanto Andréa, nem era tão tolerante com relação às suas tendências destrutivas. O gato precisava ter as garras removidas, ou então ficar restrito ao quintal. Andréa estava muito preocupada, pois Rudy tinha sido criado dentro de casa desde que veio viver com ela.

Começou quando ela viu alguns adolescentes fora do supermercado com uma caixa cheia de filhotes de gato. Andréa passou por eles, sem nem ao menos estar certa de que gostava de gatos. Entrou no mercado, fez suas compras e saiu, parando ao lado da caixa dos adolescentes o tempo suficiente para perceber que só dois gatos tinham sido deixados para trás. Eles eram uma gracinha, pensou ela, mas aquela não era uma boa hora para ter um animal de estimação.

Quando Andréa chegou em casa e descarregou suas compras, percebeu que estivera pensando no gato com listras cinza. Andréa vestiu o casaco de novo, pegou as chaves e voltou para o supermercado. Se o gato cinza estivesse lá, é porque era para ser. Se ele já tivesse sido dado, simplesmente voltaria para casa.

Ao chegar na entrada do supermercado, ela viu os adolescentes andando no estacionamento com a caixa vazia. Todos os gatos tinham sido dados.

Estranho, pensou, mas ela estava desapontada. Esperava que o cinza listrado encontrasse um bom lar. Andréa estava para ir embora quando notou uma garotinha e sua mãe andando rapidamente em direção aos adolescentes. Nas mãos da mãe havia um gatinho. Que gato era aquele? Andréa procurou ver melhor e, enquanto a mãe entregava o gatinho para um dos adolescentes, Andréa pôde ver que era o cinza listrado. A mãe pegou a mão da garotinha e foi embora. O rosto bravo da mãe fez Andréa pensar que a garotinha tinha pegado o gatinho sem permissão da mãe. A mãe aparentemente não compartilhava o entusiasmo da filha.

Andréa guiou até os adolescentes. "Vocês ainda estão doando este gato?", perguntou.

"Sim, claro", um dos garotos respondeu sem acreditar na sua boa sorte.

"Nossa mãe nos disse que tínhamos que lhes arranjar uma casa. Pensamos que nos livráramos de todos, mas a mãe da garotinha a fez devolver." Ele sorria para Andréa e passava o gato para ela. O gatinho lutava para se livrar dele. "Você o quer?"

"Ele é saudável? Qual é a idade dele?", perguntou Andréa, sabendo que já se havia apaixonado pelo gato e que idade ou saúde eram irrelevantes.

"Ah... tem sete ou oito semanas. E, sim, é saudável. Vamos, é de graça, o que mais você quer?", respondeu o impaciente adolescente.

Andréa pôs o braço para fora da janela e pegou o gato do garoto. O

gatinho estava tremendo, e o úmido novembro não ajudava. Ela abriu seu casaco, colocou o filhote lá dentro e fechou o casaco de novo. "Isso vai mantê-lo quente até chegarmos em casa", disse ao gato enquanto acariciava seu pescoço.

No caminho de casa, Andréa parou na loja de produtos veterinários e comprou coisas para seu novo amigo: ração, vasilhas, areia, caixa de areia, brinquedos e um poste de arranhar.

Nove anos e vários postes depois, Andréa tinha agora uma decisão a tomar: seu gato ou seu marido. Michael estava ficando cada vez menos tolerante com os hábitos de Rudy e achava que a falta de sucesso de Andréa em treinar o gato indicava que era hora de uma solução mais permanente: retirar as garras do gato ou mantê-lo fora de casa.

Na primeira vez que o doutor Biondi me ligou para falar a respeito do gato de Andréa, pedi que ele descobrisse quais tipos de postes de arranhar ela tinha comprado. Recomendei que ela usasse o Felix Post (1-800-24-FELIX), um poste de arranhar com o qual eu tivera sucessos repetidos ao longo dos anos. Também recomendei que o poste fosse colocado ao lado do sofá. O sofá e as cadeiras deveriam ser cobertos com duas camadas de plástico preso com fita adesiva, ou recoberto com um lençol cujas extremidades deveriam ser presas.

Instruí o doutor Biondi para fazer a Andréa meu discurso comum a respeito de não castigar o gato por arranhar o sofá e, em vez disso, recompensá-

lo quando ele usasse o poste. Eu achava que uma mudança para um poste melhor faria uma diferença, e Andréa teria resultados positivos em breve.

Uma semana depois, recebi um telefonema do doutor Biondi. Andréa tinha comprado o poste de arranhar que eu recomendara e coberto a mobília conforme minhas instruções. Rudy não só tinha ignorado o poste, como começara a arranhar o carpete, coisa que nunca tinha feito antes. A cirurgia para retirar as garras estava marcada para a semana seguinte. Não fiquei contente!

"Oh, oh", disse, "parece que temos um gato que arranha na horizontal. Esse era o problema desses anos todos. E melhor eu falar com ela." Demorou um pouco para convencê-la, mas o doutor Biondi finalmente convenceu Andréa a receber uma visita.

Quando cheguei lá, percebi por que o marido de Andréa estava tão aborrecido. Freddie Kreuger não teria feito trabalho melhor retalhando e rasgando a mobília. Rudy, tendo sido durante toda a vida continuamente estimulado a arranhar, fazia isso até com o dono no mesmo quarto. O relacionamento entre Andréa e o seu gato tinha se deteriorado a tal ponto que ele a evitava completamente. Eu tinha muito trabalho a fazer para consertar os estragos emocionais.

O dano ao sofá e às poltronas era o esperado. As costas e os lados dos móveis continuavam intocados. Todo o estrago estava concentrado no alto e em todas as almofadas. Rudy era, de fato, um gato que arranhava na horizontal. Era por isso que todos os postes de arranhar não o interessavam. Todos eram verticais.

É claro que, de início, Andréa pensou que eu fosse louca ao falar de gatos horizontais e verticais, mas isso começou a fazer sentido quando ela olhou de perto seus móveis e o carpete recém-estragado.

"A maioria dos gatos arranha superfícies verticais", expliquei, "por exemplo, um gato selvagem provavelmente vai arranhar uma árvore. É por isso que aconselhamos o uso da árvore de gato com poste de arranhar dentro de casa. Também há muitos gatos que arranham nos dois sentidos, talvez porque alongue seus músculos de duas formas diferentes. Alguns gatos arranham horizontalmente pela simples preferência por um determinado material. Por exemplo, eles podem preferir a textura áspera do tapetinho de entrada, portanto eles alteram suas maneiras de arranhar para experimentar a melhor superfície.

Continuei a explicar que há gatos que, por algum motivo, preferem arranhar horizontalmente em vez de verticalmente. Baseando-se na evidência diante de nós, Rudy era obviamente um desses gatos.

"Então não precisamos remover suas garras?", ela perguntou esperançosa.

"Não. Acho que você não vai precisar remover suas garras", respondi. "Temos apenas que transformar seus verticais em horizontais."

Plano de Tratamento

Há muitos tapetes de arranhar baratos nas lojas de produtos veterinários.

São feitos de cartolina corrugada (algo que os gatos gostam muito de arranhar.

As almofadas têm várias formas e tamanhos. Muitas são tratadas com erva-dos-gatos para aumentar o estímulo. Eu queria que Andréa comprasse alguns desses e colocasse-os próximo à mobília. O sofá e as poltronas deveriam continuar cobertos por um tempo.

Rudy tinha sido repreendido várias vezes por arranhar; por isso, instruí Andréa sobre como usar um brinquedo interativo para diminuir sua hesitação. Ao brincar em cima e ao redor dos tapetes de arranhar, suas garras sentiriam a cartolina. Ao experimentar a sensação da cartolina, especialmente durante a alegria da brincadeira, Rudy iria querer arranhá-la. Ao perceber que não seria castigado por arranhar, ele ficaria mais relaxado, e o seu relacionamento com Andréa começaria a melhorar. Diariamente, a terapia de brincadeiras faria maravilhas para trazer a família de volta ao equilíbrio emocional. Andréa não deveria comprar mobília nova até que o novo hábito de Rudy estivesse consolidado.

Andréa já tinha um Felix Post em casa com um incrível material de revestimento. Aconselhei-a a colocá-lo deitado para que Rudy o arranhasse horizontalmente. Ela poderia fazer isso com todos os postes da casa. Alguns gatos que arranham na horizontal podem passar a arranhar na vertical se um dos postes que usava para arranhar horizontalmente for erguido. Depois de nove anos arranhando na horizontal, eu não estava certa de que Rudy seria capaz de estar aberto para algo novo, mas disse a Andréa para tentar.

Acompanhamento

Rudy teve sua cirurgia cancelada e nunca precisou marcar outra. Só foi preciso determinar o seu padrão e pensar numa solução que satisfizesse tanto a ele quanto à dona. Usar a imaginação é, às vezes, a melhor maneira de resolver um problema comportamental. Nem todos os gatos lêem o manual de como ser um gato típico, e isso quer dizer que você terá de arranjar soluções pouco típicas. Há sempre uma. Você só precisa encontrá-la — às vezes é horizontal; às vezes, vertical.

Por que Pulverizar Quando se Pode Arranhar?

Theresa Alvin pensava que conhecia seu gato. Conway, somali avermelhado de sete anos, tinha sido um gato perfeito. Brincalhão, carinhoso, amigável com todos os convidados de Theresa e nunca se havia comportado mal. Originalmente de Chicago, onde moravam num apartamento no alto de um prédio, Theresa e seu gato se mudaram para Nashvil e, onde pôde finalmente comprar sua casa própria. Divorciada há 15 anos, Thereza, de 53, queria estar perto do seu primeiro amor, a música country. Com sua família espalhada por todo o país, pensou que não importaria onde ela morasse e decidiu que era hora de realizar seu sonho.

Conway parecia extremamente feliz com sua nova casa. Havia muitos lugares para brincar e esconder-se. Com janelas que davam para um quintal, um mundo novo se abria para o gato de sete anos que não tinha visto nada além de nuvens antes disso. Ele passava horas observando os pássaros nas árvores e ficava fascinado com as folhas que a brisa varria pelo gramado. E Theresa observava satisfeita seu gato aproveitar a vida. Ela até mesmo pusera uma fonte para os pássaros se banharem no quintal para Conway se entreter ainda mais.

Ele adorou.

Além dos cardeais, azulões e outros pássaros, a fonte, infelizmente, atraiu outros visitantes que não eram bem-vindos ao quintal de Theresa, ou seja, os gatos da vizinhança. Foi só quando ouviu uma batida na janela que Theresa se deu conta do quanto sua fonte era popular entre os felinos locais. Ela veio correndo do quarto e viu Conway de pé sobre suas patas traseiras, atacando a janela com uma das suas patas dianteiras. Theresa chegou na janela a tempo de ver um grande gato laranja correndo pelo quintal com um pássaro na boca. Dois outros gatos estavam sentados ao lado da fonte, esperando uma oportunidade de pegar seu almoço. "Sinto muito, Conway", disse ela, "mas vou ter de me livrar da fonte." No dia seguinte, Theresa desmontou pesarosamente a fonte e colocou-a na garagem. Quando andava de volta para casa, viu que Conway a observava da janela, o que a fez se sentir ainda pior.

Sem a fonte, Theresa achou que seu problema com os gatos vizinhos tinha acabado. Bem, estava para ela, mas a lembrança de Conway estava mais difícil de se apagar. Theresa notou o problema pela primeira vez quando viu Conway correr até a janela, virar as costas para ela e começar a borrifar. Até então, tudo o que ele tinha feito era miar e torcer o rabo, mas Theresa sabia que isso não era um bom sinal.

Na manhã seguinte, a primeira coisa que fez foi levar seu gato ao

veterinário para ter certeza de que ele não tinha uma Doença do Trato Urinário Inferior (DTUI). Depois de Conway ter recebido um atestado de boa saúde, Theresa o trouxe de volta para casa, aliviada por ele não estar doente, mas preocupada por ele estar prestes a exibir algum comportamento desagradável.

Na semana seguinte, Conway continuou a se virar para a janela e enrolar seu rabo, mas não borrifou. Ele estava deixando Theresa nervosa. "Se é para você fazer isso, bem, então faça logo e pare de me torturar", ela disse ao seu gato surpreso numa noite, depois de tê-lo visto torcer o rabo pelo que parecia ser a trigésima vez. A única resposta de Conway foi um miado vindo da garganta.

"Não posso suportar mais isso", disse Theresa, na manhã seguinte, ao veterinário, o qual lhe deu o número do meu telefone.

Durante nossa conversa telefônica inicial, instruí Theresa a bloquear a visão de Conway pela janela. Sugeri que ela a cobrisse com cartolina para que Conway não pudesse ver o quintal. Minha sugestão seguinte foi de colocar uma ou duas vasilhas de comida encostadas na parede para estabelecer que aquela área não devia ser marcada. Antes de acabar nossa conversa, eu disse para Theresa usar a terapia de brincadeiras para tirar Conway de perto da janela e tentar quebrar o padrão de comportamento que ele estava demonstrando. Ela me agradeceu e concordou em telefonar em poucos dias com novas informações. Se essas sugestões não funcionassem, eu marcaria uma visita. Três dias depois, Theresa me ligou e disse que Conway estava indo menos até a janela, mas ainda se voltava para a parede periodicamente, torcendo o rabo. Concordei com uma visita. Sei que você deve estar pensando que esta história não devia estar no capítulo sobre arranhar, mas acabou tendo mais a ver com arranhar do que com borrifar. Incluí esta história para mostrar como é importante ver todo o ambiente do gato e não só a área onde o problema se restringe. Você vai ver o que quero dizer, conforme for lendo.

Durante a visita, achei Conway nervoso. Seu falso borrifo vinha sempre que ele não estava certo para onde dirigir sua energia. A mudança para a casa nova certamente abriu um mundo completamente novo para ele, mas também criou ansiedade. Por algum motivo (e Theresa tivera muita sorte), até agora Conway se contentava em passar pela emoção de borrifar, sem de fato fazê-lo.

Enquanto eu caminhava pela casa de Theresa com minha luz negra (só para me certificar de que Conway não tinha realmente borrifado), notei que o gato não tinha um poste de arranhar. Lembrei que Theresa tinha dito que o gato não tivera as garras removidas, por isso pensei que simplesmente não o tinha visto quando andei pela casa. Quando perguntei a Theresa acerca da ausência do objeto, ela disse que Conway nunca pareceu ter precisado de um. "E nunca arranhou a mobília?", perguntei. "Nunca vi", respondeu ela.

Plano de Tratamento

Considerando a tensão de Conway e a necessidade (embora sutil) de demarcar seu território, eu queria colocar um poste de arranhar ao lado da janela.

Por dois motivos: primeiro, ele poderia satisfazer-se demarcando seu território arranhando (lembre-se de que o ato de arranhar deixa uma marca tanto visual quanto olfativa); segundo, se arranhar pode ser um comportamento para desencorajar invasores, achei que o poste lhe daria uma válvula de escape emocional mais positiva. Além do poste de arranhar comum, sugeri que Theresa conseguisse uma árvore de gato para que Conway pudesse escalar e ter mais uma atividade para liberar energia.

Quando Conway morava no apartamento, no alto do prédio, sempre havia pouca coisa para estimulá-lo. Na casa nova, ele era exposto a coisas mais excitantes e estava tentando reagir de maneira apropriada.

Theresa foi instruída a realizar sessões diárias de terapia de brincadeiras para ajudá-lo a dirigir sua energia e estresse a algo positivo.

Acompanhamento

A instalação da árvore de gato e do poste de arranhar deu a Conway a válvula de escape de que ele precisava. Transferiu seu desejo de demarcar, que se havia manifestado no ato de se virar para a parede e torcer o rabo, para o novo comportamento de arranhar o seu poste. Sempre que sua energia começava a dominá-lo, ele subia na sua árvore — o sinal para Theresa saber que era hora da terapia de brincadeiras. Poucos dias depois de ganhar o poste de arranhar e a árvore de gato, Theresa tirou as vasilhas de comida encostadas na parede.

A cartolina foi tirada da janela duas semanas mais tarde.

Hoje, Conway usa seu poste toda vez que vê um gato estranho do lado de fora. Ele não torce mais o rabo, não importa a ansiedade que a cena exterior possa trazer.

O que É Meu, É Meu

O que você faria se tivesse o gato mais teimoso do mundo? Que fazer depois de você usar todos os tipos de postes de arranhar? Que fazer se o seu gato ainda torce o focinho para o seu poste? Horizontal, vertical, de corda, de carpete, de madeira — nada funciona. Seu gato ainda insiste em arranhar coisas que não pode.

Conheci um gato desses quando encontrei Hannah, uma calico de dois anos cujos donos eram Donna e Rick Catalano. Hannah era a aquisição mais recente da família, que incluía mais três gatos.

Rick tinha resgatado Hannah dois meses antes, quando a encontrou meio congelada debaixo do seu carro, na entrada da garagem. Era uma noite gelada, e a temperatura tinha caído rapidamente. Rick estava do lado de fora tentando cobrir quantas plantas fosse possível. Logo, ele viu uma gatinha magrela olhando detrás da roda dianteira. Quando foi até ela, a gata estava fraca demais até mesmo para correr. Rick pegou um dos cobertores de cima de um arbusto e o enrolou ao redor da gatinha amedrontada. Ele, então, levou-a para dentro de casa e colocou-a num dos banheiros extras. Ele colocou uma pequena caixa de papelão forrada com plástico e encheu-a de areia. Pegou, na cozinha, duas vasilhas e encheu uma com água e a outra com ração em lata para gatos.

Quando viu que ela estava fraca demais para comer, alimentou-a com seu próprio dedo.

Quando Donna chegou em casa, à noite, com as meninas e viu os três gatos acampados do lado de fora do banheiro, soube que havia algo errado.

Ninguém jamais usava aquele banheiro, pois os canos faziam um barulho horrível quando alguém ligava a torneira. Então, ela se perguntou o que estaria acontecendo?, "Rick?", chamou ela à porta, "você está aí?" Ela olhou para os três gatos.

Todos estavam totalmente alertas, os olhos fixos na porta. Algo estava acontecendo. "Rick?"

"Adivinhe o que nós temos?", respondeu a voz de Rick do outro lado da porta.

"Não me diga que tem um gato aí dentro", disse ela, julgando, pela reação dos seus gatos, que havia um animal lá dentro.

Silêncio.

"Rick?", ela chamou de novo e encostou o ouvido na porta.

"Tudo bem. Então eu não digo nada."

Donna afastou-se da porta. "Rick, você tem ou não tem um gato aí dentro?",

perguntou ela de novo, com mais ênfase dessa vez.

"Bom, você disse para não dizer", veio a resposta.

Donna riu.

Dois meses e várias visitas ao veterinário depois, uma saudável Hannah era agora um membro oficial da família Catalano. Os três outros gatos aparentemente aceitaram a mudança sem reclamações. Um trio confiante, deixaram claro para Hannah que eles é que mandavam. Hannah aceitou o seu lugar na família e, em pouco tempo, pararam os miados, os pêlos eriçados e as patadas. Numa casa com muitos gatos, deve haver uma hierarquia. Mesmo que haja apenas dois gatos, um emergirá como o mais dominante. Pode-se refletir no comportamento, observando aquele que escolhe a área para dormir ou que tem acesso à vasilha primeiro. Sempre que você aumentar o número de gatos, deve-se esperar que haja um período de adaptação no qual o novato aprende a respeito de quais territórios pertencem aos veteranos.

O que julgo interessante nos pequenos territórios (isto é, o sofá, a árvore de gato, a poltrona grande, a cama, etc.) é que o gato que reclama o território pode ser diferente dependendo da hora do dia. Por exemplo, o gato que dorme no poleiro mais alto da árvore de gato durante o dia pode ter um território diferente à noite. Isso quer dizer que outro gato pode requisitar a árvore de gato, desde que haja um acordo no programa de divisão dos territórios. Essa versão felina da dança das cadeiras ajuda a manter a harmonia na casa. Às vezes, há alguns lugares que não são, nem nunca serão, negociáveis. Hannah logo descobriu isso.

Donna e Rick telefonaram-se para ir vê-los na sua casa a fim de saber se havia um jeito de treinar Hannah para usar o poste de arranhar. Os outros três gatos usavam postes de arranhar, mas Hannah escolheu arranhar as portas, as paredes e até mesmo os tijolos aparentes da lareira. Não queriam remover suas garras, porém se Hannah não mudasse seus hábitos, Rick e Donna teriam de fazer isso. Os gatos gostam de uma vida dentro e fora de casa, assim Hannah poderia ser condenada a uma existência confinada.

Durante a visita, perguntei a Rick e Donna se eles já tinham visto Hannah usando o poste, ao menos uma vez. "Bem, no começo ela usou", respondeu Rick, "mas era perseguida pelos outros gatos. Eles ainda não estavam acostumados com ela."

Na minha volta pela casa, vi três postes bem arranhados e três tapetes de arranhar feitos de papelão. Donna disse que, até eles adotarem Hannah, seus gatos nunca tinham danificado nada na casa. Todos usavam os postes desde o começo. Observando os lugares que Hannah escolheu para arranhar, notei que todos pareciam estar em áreas neutras, o que quer dizer lugares que não tinham interesse territorial para os outros gatos. Por exemplo, Hannah arranhava as

portas do corredor do andar de cima, a lareira e a menor das paredes da sala, onde havia um aparador. Ela também arranhava o papel de parede da sala de jantar e inclusive as pernas de uma das cadeiras. Era a cadeira, segundo Rick, que nenhum dos gatos usava. As outras três cadeiras tinham almofadas feitas por Donna, mas ela ainda não tinha acabado aquela da quarta cadeira. Enquanto andava pela casa, comecei a ver que os três gatos tinham estabelecido seus territórios sobre os postes de arranhar há muito tempo e continuavam territoriais depois da chegada de Hannah. Ao aprofundar minhas perguntas a Rick e Donna, eles começaram a dizer que se lembravam de observar rotinas particulares de cada gato com relação a postes específicos. Quando Hannah entrou em cena, nenhum deles queria dividir o seu com ela. Depois de ter sido suficientemente perseguida pelos outros gatos, Hannah captou a mensagem e decidiu encontrar lugares alternativos para arranhar.

Plano de Tratamento

Como Rick e Donna não compraram um novo poste quando adotaram Hannah, sugeri que fizessem isso agora. Para ajudá-la a se identificar com o poste e para que os outros gatos soubessem que era dela, sugeri que o impregnassem com o cheiro de Hannah. Para fazer isso, um dos dois deveria colocar um par de meias nas mãos e esfregar todo o corpo de Hannah com elas, concentrando-se especialmente nas áreas das suas glândulas odoríferas (bochechas, almofadas das patas, alto da cabeça). Após tê-la esfregado bem, deveriam distribuir o cheiro pelo poste de arranhar, esfregando-o com as meias.

Durante a primeira semana, deveriam reforçar o cheiro repetindo o processo de esfregar Hannah com as meias e depois esfregá-las no poste diariamente.

A segunda parte do plano era fazer sessões de terapia de brincadeira com Hannah ao redor do poste, usando um brinquedo interativo.

Para desestimular Hannah a arranhar as paredes, Rick e Donna deveriam cobrir as áreas arranhadas com grandes folhas de papel presas com fita adesiva às paredes. Tiras de fitas duplas deveriam ser afixadas no papel. O papel seria removido apenas quando estivéssemos certos de que os hábitos de arranhar de Hannah estivessem redirecionados para o poste.

Acompanhamento

Ter um poste sem os cheiros dos outros gatos fez Hannah se sentir bem ao usá-lo. O processo de esfregá-lo com meias acelerou o fato de ele se tornar território de Hannah. Ela agora arranha o poste e não se interessa mais pelas paredes, lareira ou móveis.

Em duas semanas, o papel começou a ser gradualmente removido das paredes.

Como os tapetes de arranhar ficaram completamente desgastados, Rick os substituiu lentamente. Durante o processo, Hannah teve a oportunidade de arranhá-los. Com os novos tapetes de papelão, os gatos estão desejando compartilhá-los, mas permanecem ligados individualmente aos seus postes de arranhar verticais.

Capítulo Quatro

Comportamentos Sobre os Quais Eles Nunca Avisaram

Há donos de gatos que têm a sorte de nunca terem resolvido outro problema comportamental mais estranho além de evitar que o gato pule no balcão. Mas há outros que, digamos, recebem um desafio extra na vida. É para esses que eu digo, mantenham seu senso de humor. Lembrem-se do amor que sentem pelo seu gato e, não importa o que todos os vizinhos lhes digam, vocês não têm um gato dos infernos.

Torneiras Fascinantes

É comum saber de um gato que desenvolva fascinação ou obsessão por algum item em particular. Pode ser um ponto na parede que seu gato nunca pára de prestar atenção, acreditando sempre ser um inseto. Alguns gatos ficam fascinados com certos movimentos da TV. Meu gato fica hipnotizado com o cursor do meu computador. Um dos meus clientes tem um gato que vigia o aparelho de vídeo, observando atentamente o horário que fica piscando no painel.

Enquanto esses objetos fascinantes ocupam apenas pequena parte da corrida agenda do gato, há felinos que estão sempre perseguindo o objeto da sua obsessão, quase a ponto de não perceber o que está acontecendo à sua volta.

Spencer é um perfeito exemplo desse tipo de gato.

Spencer, um malhado avermelhado de dois anos, tinha fascinação por água. Geralmente, é comum um gato ficar observando a água pingar de uma torneira, ocasionalmente dando patadas na água. Alguns gatos ficam fascinados pela água na sua vasilha e colocam a pata nela para observarem seu movimento ondulante. Há, também, gatos que se recusam a beber a água da vasilha, preferindo, em vez disso, a água das torneiras. Para muitos donos, o que começa como uma brincadeira engraçada do seu gatinho acaba tornando-se uma síndrome de demanda de água — quando quer água, o gato se senta ao lado da torneira e espera pelo seu fiel dono para que ele a abra. Alguns gatos têm sorte de terem donos tão bem treinados!

Para Spencer, simplesmente brincar com as gotas da torneira ou com um cubo de gelo se derretendo no chão da cozinha não lhe trazia satisfação. Uma divertida curiosidade, antes, acabou virando obsessão. Spencer tinha de estar sempre perto de água corrente. Quando Spencer era apenas um gatinho, seus donos, Bil e Nancy Brock, achavam uma gracinha quando ele subia pelas suas pernas e sentava-se na pia para observar os pratos sendo lavados.

"Ele costumava sentar no canto da pia e não tirava os olhos da água o tempo todo enquanto eu lavava os pratos", contou Nancy durante nossa conversa ao telefone. "Então, quando ficou maior e conseguiu subir na pia por si só, ele se sentava na pia e ficava olhando a torneira."

Para divertir Spencer quando não estava lavando pratos, Nancy abria a torneira de forma que só algumas gotas caíam. Isso logo se tornou rotina, não só na cozinha, mas também nos banheiros.

"Bil não concordava com as torneiras pingando", disse Nancy, "mas se não as deixássemos abertas, Spencer sentava na pia e ficava miando."

Spencer até mesmo foi apelidado de "Pingo" pelos seus donos. Ele perdeu o interesse por todas as atividades, exceto comer, e mesmo assim ele o fazia rapidamente para voltar à torneira. Finalmente, começou a dormir na pia.

Isso partiu o coração de Nancy, pois desde filhote sempre dormia entre Nancy e seu marido.

Os Brocks, embora não apreciassem a obsessão de Spencer, desejavam tolerá-la, ou pelo menos até que seu comportamento começasse a ficar realmente preocupante.

Começou com as portas não trancadas. Spencer estava aceitando contentar-se com as torneiras que pingavam e com os cubos de gelo que se derretiam na sua vasilha de água e que lá eram colocados regularmente, mas, se ouvisse uma torneira ou a descarga do vaso sanitário (ele adorava até mesmo observar sua vasilha ser enchida com água) e estivesse atrás de alguma porta fechada, ele miava, arranhava a porta e, se não estivesse trancada, ele entrava assustando o insuspeito usuário. Spencer não dava a mínima para a privacidade dos outros quando se tratava de observar a água.

Durante os meses seguintes, desde que alguém segurasse firmemente a porta do banheiro, Spencer parecia resignado ao seu ritual diário de observar Nancy lavar os pratos. Mas a paz na casa dos Brocks seria apenas temporária.

Spencer fazia planos, e sua obsessão estava para alcançar níveis ainda mais elevados.

De acordo com Nancy, começou como um dia normal (tão normal quanto a vida com Spencer podia ser). Bil tinha saído para o trabalho, e Nancy estava lavando a louça do café. Como de costume, Spencer estava esticado ao lado da pia, supervisionando cada gota que caía da torneira. Nancy acabou de enxaguar os pratos e colocou-os na máquina de lavar, enquanto Spencer bocejou, esticou-se preguiçosamente e, então, adormeceu.

Com o trabalho da cozinha feito, Nancy deu um beijo no focinho do seu gato adormecido e foi até o banheiro tomar o banho matinal.

Nancy despiu-se, ligou o chuveiro grata por Bil ter esquentado o banheiro com o banho que tomara antes. Alguns minutos depois, ela sentiu uma pequena corrente de vento. Nancy imaginou não ter trancado a porta e que Spencer havia entrado. Sentindo o frio, ela reajustou a temperatura da água, enquanto notou com o rabo dos olhos a cortina se mexendo. "Deve ser a corrente de vento", pensou, enquanto lavava o cabelo. A cortina moveu-se de novo. Nancy pôs a cabeça para fora da cortina para ver o quanto Spencer tinha deixado a porta aberta. Esticou o braço e fechou a porta, notando que Spencer não estava à vista. E entrou de novo no chuveiro, tremendo de frio.

Sentindo-se mais quente e relaxada, Nancy decidiu tomar um banho mais

longo e até ousou cantar. No meio de "I Wil Always Love You", Nancy ouviu algo que parecia um miado. Ela espiou para fora do chuveiro: "Spencer?", chamou enquanto procurava ao redor sem ver o gato.

Nancy voltou para o seu banho e para a sua canção, quando ouviu um segundo espirro. Uma vez mais, ela pôs a cabeça para fora do chuveiro e procurou pelo banheiro. "Spencer?"

"Miau", foi a resposta.

Que estranho, pensou Nancy. Parecia que o miado vinha detrás dela, de dentro do chuveiro. Ela se virou vagarosamente.

"Miau."

Sentado no boxe, exatamente atrás dela estava um gato encharcado.

"Spencer!", gritou Nancy e abriu a cortina, pulou para fora, agarrada a uma toalha, seu coração palpitando loucamente. Ela voltou para o boxe para fechar a torneira, achando que Spencer havia fugido, mas lá estava ele. Nancy fechou a torneira e olhou para o seu gato que fitava as últimas gotas penduradas na torneira do chuveiro.

Você deve estar pensando que os Brocks me chamaram para trabalhar com Spencer logo depois desse incidente. Ainda não. Nancy e Bil apenas decidiram ser mais disciplinados em manter a porta do banheiro trancada. Era um casal tolerante.

Não foi antes do segundo incidente no chuveiro que eu fui chamada.

Esse incidente envolveu a mãe de Bil que os estava visitando por alguns dias.

Sem gostar muito de gatos, Elena Brock não se espantou quando Spencer aparecia de repente ao seu lado sempre que ela se aproximava de uma torneira, fosse para pegar um copo de água, ou para escovar os dentes. Ela tinha sido avisada a respeito do comportamento do gato e estava relutante, mas desejando tolerar isso durante sua visita.

O segundo episódio aconteceu no terceiro dia da visita. Foi de manhã cedo, no domingo, e Elena não conseguia dormir mais. Ela se levantou, passou café para si mesma e leu jornal. Até mesmo Spencer devia estar profundamente adormecido em algum lugar, pois não se aproximou da pia quando Elena fez o café. Ela achou estranho, mas estava grata pela ausência daquele gato irritante.

Elena decidiu tomar uma ducha, enquanto esperava Bil Nancy acordarem. Ligou o chuveiro para esquentar a banheira antes de entrar. Odiava pisar numa banheira fria, especialmente de manhã cedo.

Enquanto esperava a água esquentar, Elena foi até o quarto de hóspedes pegar suas roupas e levá-las de volta ao banheiro. Fechando a porta atrás de si, puxou-a duas vezes para ter certeza de que estava fechada. Bil havia até mesmo

colocado um aviso na porta para os hóspedes se assegurarem de que a porta estava fechada. Elena resmungou para si sobre o quanto seu filho tinha ficado bobo por causa de um gato.

Elena tirou seu robe, pendurou-o atrás da porta e tirou seus óculos. A água quente estava gostosa quando ela entrou no boxe. Fechando os olhos, deixou que a água corresse pela sua cabeça e, de repente, sentiu um toque no seu calcanhar direito. Olhou para baixo e não viu nada além do redemoinho de água e continuou com seu banho.

Começou a lavar o cabelo quando sentiu um outro cutucão, dessa vez no outro pé. Ela olhou para baixo de novo. Por um segundo, ela julgou ter visto algo escuro ao lado do seu pé, mas sem óculos ela não enxergava muito bem.

Quando aconteceu de novo, Elena estava certa de que algo tinha de fato tocado o seu pé. Olhou para baixo, franzindo os olhos numa tentativa de focá-los.

Mesmo sem óculos e com o xampu escorrendo pelos seus olhos, tinha certeza de que algo havia se mexido. Rapidamente se virou e olhou para baixo. Nada.

Então, a cortina do boxe começou a se mexer.

"Que está acontecendo?", perguntou Elena, brava, enquanto desligava o chuveiro. A cortina parou de se mexer. Elena a abriu e espiou para fora da banheira. Foi quando ela viu os olhos de Spencer fixos nos dela, a meio caminho das cortinas do boxe. Ambos estavam pingando de molhados; eles se olharam incrédulos por alguns segundos antes de Elena gritar. Spencer pegou essa deixa para fugir e esconder-se atrás do vaso sanitário. Elena saiu da banheira, ainda com xampu no cabelo, para expulsar Spencer do banheiro. Tendo-se certificado de que a porta estava realmente trancada, voltou ao chuveiro e ouviu Nancy e Bil baterem preocupados na porta. "Este gato tem de ir embora", resmungou Elena, enquanto ajeitava a cortina do boxe. "Ele é uma ameaça."

Nancy Brock ligou-me naquela tarde por recomendação do seu veterinário. Spencer estava ficando fora de controle.

Quando visitei a casa de Bil e Nancy, conheci o lar de duas pessoas extremamente ocupadas. A mobília parecia mais funcional do que decorativa. O lugar estava mais para um escritório do que para uma casa.

"Peço desculpas pela casa estar um tanto empoeirada", disse Nancy, enquanto tentava afofar as almofadas do sofá. "Não consigo mais cuidar da casa como fazia antes." Olhei ao redor da sala, repleta de prateleiras cheias de livros.

A mesa de café estava coberta com papéis, uma pasta, um laptop, um celular e muitos papéis de bala não identificados.

Bil sentou-se na cadeira em frente à minha. "Nancy e eu somos advogados.

Trabalhamos muitas horas no escritório e aqui também", disse ele, enquanto puxava os papéis da mesinha de café para o lado, revelando marcas de café e de copos, provavelmente das longas horas de trabalho noturno.

Assim que surgiu um espaço na mesa, Spencer apareceu pulando sobre a mesinha, sentando-se diretamente na minha frente e olhando direto nos meus olhos. Ele piscou vagarosamente, e eu notei pequenas gotas de água na sua cabeça.

"Você foi para a pia de novo, não foi?", disse, enquanto esticava minha mão para ele cheirar.

Outra piscada vagarosa foi sua confissão de culpa.

"Spencer, desça da mesa", ralhou Bil , enquanto empurrava o gato para o chão.

Depois de pegar informação suficiente dos Brocks, andei pela casa (vi, até mesmo, todas as torneiras) e passei algum tempo com Spencer. Sua obsessão por água era a mais radical que eu já vira. Mas, depois de passar um bom tempo com ele, tive a sensação de que a água era a única fonte de diversão para Spencer naquela casa.

"Isso não faz sentido", disse Bil depois de eu dar minha opinião. "Ele tem uma caixa cheia de brinquedos."

"Mas você brinca com ele?", perguntei.

Bil riu e coçou a cabeça. "Nós não temos tempo. É por isso que temos um gato, pois dizem que dá menos trabalho do que um cão."

"Não há estímulo suficiente para ele", disse eu, apontando para os brinquedos na caixa. "Todos esses brinquedos requerem que Spencer tenha muito trabalho para trazê-los à vida. A água que pinga das torneiras dão o movimento que lhe interessa. E, como ele se sente confortável molhado, decidiu fazer o jogo máximo... o chuveiro. Ele está apenas seguindo o padrão que você e Nancy estabeleceram para ele."

Levei Bil e Nancy para darem uma volta pela própria casa para poderem vê-la com os olhos de Spencer. Ele viram, então, como a sua casa não era interessante para um gato. Não havia locais elevados onde ele pudesse empoleirar-se, ou acesso disponível para qualquer janela. Todas as mesas estavam cobertas com pilhas de livros e papéis. Spencer era reprimido imediatamente se tentasse subir em qualquer lugar além da pia, que tinha sido pré-aprovada para ele. Ele estava entediado e solitário.

Plano de Tratamento

Em alguns casos de comportamento obsessivo, a ajuda da terapia com drogas se faz necessária. Prozac e drogas semelhantes têm sido úteis para quebrar o padrão. Enquanto deixei a opção de usar essa droga em aberto, queria tentar algumas outras estratégias primeiro. Eu tinha um palpite de que Spencer responderia bem sem o auxílio de remédios. Achava que o tédio era o problema principal.

Meu plano para Spencer consistia em várias estratégias. Primeiro, mostrei a Nancy e Bil como usar brinquedos interativos para entretê-lo diariamente.

"Quinze minutos, três vezes por dia, é o que quero de vocês", disse eu, orientando-os a respeito das técnicas básicas. "Perseguir um desses brinquedos será muito mais interessante do que ficar observando a água pingar da torneira."

Spencer respondeu aos brinquedos com saltos, pulos e botes precisos.

"Sei que vocês são muito ocupados, mas se vocês pudessem dispor de apenas um pouco de tempo para brincar com Spencer, isso faria uma tremenda diferença para ele. Ele precisa de estímulo", expliquei, enquanto Nancy e Bil observavam seu gato correndo feliz ao redor da sala.

"A gente dá um jeito", respondeu Nancy.

O tópico seguinte a tratar era como manter Spencer entretido durante as muitas horas que passava sozinho. Sugeri a possibilidade de outro gato. Ambos concordaram que valia a pena tentar.

"Mesmo com outro gato, vocês precisam fazer essa casa tornar-se mais confortável para um gato", disse eu. "Um gato precisa de um lugar para se empoleirar. Ele se sente mais seguro quando está acima do chão. Também lhe dá um bom ponto de observação para vigiar seu território. Spencer precisa da sua própria mobília."

Discutimos a possibilidade de eles colocarem duas árvores de gato na casa. Uma devia ficar na sala, em frente à grande janela ensolarada, e a outra no andar de cima, no escritório, onde Bil e Nancy passavam tanto tempo. Dessa forma, Spencer poderia ter seu próprio lugar, em vez de ser constantemente empurrado para fora da mesa.

Minha outra sugestão foi de que Nancy e Bil comprassem um aquário para divertir Spencer.

"Como ele adora o movimento da água, um aquário poderia diverti-lo durante horas", disse eu. "Vocês têm de conseguir um com a tampa bem segura, mas poderia ser uma boa alternativa para a torneira."

"Poderíamos colocá-lo no escritório", sugeriu Nancy. "Pode ter um efeito calmante para nós, enquanto trabalhamos. Gosto da idéia."

Bil concordou, mas estava preocupado quanto a ter tempo para limpá-lo.

Disselhe para pedir na loja de peixes ornamentais que mandassem alguém para fazer a manutenção periódica do aquário.

A última coisa que eu queria fazer era instalar um pequeno aparelho que serviria como vasilha de água com uma bomba para criar movimento. Levei esse produto chamado Kitty Kreek. Essa vasilha é feita especialmente para gatos. A bomba faz a água circular até a superfície para simular as ondas produzidas por pedras caindo na água. O Kitty Kreek tem ajudado os gatos a saírem de perto das torneiras. Também é recomendado para gatos que insistem em beber no vaso sanitário. A vasilha Kitty Kreek ajudaria a manter Spencer longe da pia e do chuveiro.

Como Nancy costumava empilhar os pratos usados durante o dia para lavá-los à noite, sugeri que, nessa hora, Bil levasse Spencer para o escritório para a terapia de brincadeiras. Isso ajudaria a quebrar o padrão de sentar na pia enquanto lavavam os pratos.

Acompanhamento

No dia seguinte, além de comprar alguns brinquedos interativos, os Brocks trouxeram para casa um aquário. Nancy ligou-me dizendo que Spencer tinha sido cativado pelo aquário. Bil também parecia fascinado por ele.

Uma semana depois, as árvores de gato que tinham sido encomendadas pelo catálogo chegaram. Fui até lá para ajudar Nancy a colocá-las nos lugares certos e para estimular Spencer a tomar posse delas.

Lá pelo final da semana, Spencer não estava mais interessado pela torneira da cozinha nem pelo chuveiro. Ele passava seu tempo observando os peixes no aquário, sentado na sua árvore, observando os pássaros do lado de fora, algumas vezes olhando a água na sua vasilha e brincando nas sessões de brincadeiras com os Brocks.

Dois meses depois, telefonei para Nancy para dizer a ela que tinha encontrado um gato, cuja personalidade eu achava compatível com a de Spencer. Bil e Nancy vieram conhecer a pequena Ruthie. Ela conquistou seus corações.

Seis meses se passaram, e a casa dos Brocks está feliz agora... bem, quase. As boas-novas são que Spencer está completamente livre da sua obsessão, e que ele e Ruthie estão se dando muito bem. Brincam tanto que sempre estão espalhando os papéis com os quais Bil e Nancy estão trabalhando.

As más notícias são que Elena Brock não passa mais as noites lá, quando vai visitá-los (ela prefere ficar num hotel), pois da última vez ela achou Ruthie dormindo na banheira e quase a afogou ao ligar a torneira. Ela está convencida de que não se pode mais tomar um banho seguro na casa do seu filho. Nancy tentou explicar que Ruthie gostava de dormir na banheira fresca, quando estava muito quente, mas Elena não comprou esse peixe. Na verdade, Nancy confessou que não ter mais a mãe de Bil dormindo na casa dele não era tão ruim assim. De fato, ela não era tão louca pela sua sogra.

Não Acaricie Pickles

Meu pager estava tocando pela terceira vez em sete minutos. Eu estava no meio de uma consulta, na casa de um cliente, e normalmente não respondo ao pager durante uma sessão, mas pensei que, se não respondesse, quem estivesse ligando não desistiria. Desculpei-me, fui até o telefone, verifiquei no pager e vi no visor que o mesmo número tinha ligado as três vezes. Peguei o telefone e disquei o número, preparando-me para o que parecia ser uma emergência.

"Alô", disse uma voz trêmula do outro lado da linha.

"Aqui é Pam Johnson-Bennett retornando uma mensagem", disse eu calmamente.

"Meu gato não me deixa entrar em casa!", guinchou a mulher no telefone.

"Eu abri a porta da frente e ele me atacou. Tentei ir pelos fundos, e ele estava lá.

Ele virou um louco. Está com um brilho selvagem nos olhos." Então, ela deu alguns suspiros nervosos. "Não posso entrar em casa. Liguei para o veterinário e ele me disse para telefonar para você. Você pode vir imediatamente?"

"Estou no meio de uma consulta agora", respondi olhando meu relógio.

"Terei acabado em trinta minutos. Ligo do meu carro logo que estiver indo."

"Você não entende", ela respondeu pausadamente para dar mais efeito.

"Não posso entrar na minha casa! Meu gato não me deixa passar por nenhuma porta. Tenho compras no carro e preciso entrar."

Olhei para meus clientes que esperavam pacientemente pelo meu retorno. "O melhor que posso fazer é telefonar em 30 minutos. Tenho consultas marcadas para o dia todo, mas vou tentar chegar aí o mais rápido possível."

A mulher do outro lado da linha suspirou derrotada e concordou em esperar pela minha ligação. Anotei seu nome e telefone e prometi que iria até ela imediatamente. Vinte e cinco minutos depois, eu estava no meu carro contatando Marion Estee, a mulher recentemente banida de casa pelo seu gato. Depois de receber orientações sobre como chegar no seu endereço, liguei para meus clientes seguintes para lhes dizer que chegaria um pouco atrasada.

Enquanto entrava na garagem de Marion, uma mulher saiu abruptamente da casa vizinha e veio correndo em minha direção, com outra mulher correndo bem atrás dela. Pelo olhar sério da mulher que vinha em minha direção, imaginei que fosse Marion Estee, e a segunda mulher, com um olhar divertido, sua vizinha.

Sempre sinto uma pontada no estômago quando um cliente vem correndo

para me encontrar. Nunca é alguma coisa boa. Cruzei meus braços.

"Graças a Deus, oh, graças a Deus", Marion gritou enquanto se aproximava do meu carro e abria a porta, antes mesmo de eu ter desligado o motor. "Isso nunca aconteceu antes. Não posso acreditar que ele esteja fazendo isso." As palavras jorravam da sua boca enquanto tentava levar-me pela porta da frente.

"Espere um momento", disse eu, levantando meus braços para evitar que ela me puxasse para fora do carro. "Antes de entrar, preciso de algumas informações a respeito do que aconteceu."

Marion deve ter percebido que estava começando a parecer histérica. Ela visivelmente deu um suspiro profundo, arrumou alguns fios de cabelo e falou um pouco mais calmamente. "Eu cheguei em casa após as compras, pus a chave na porta e a abri; Pickles estava sentado lá, rosnando para mim com olhos vidrados.

Tentei abrir a porta um pouco mais para poder entrar e acalmá-lo, mas ele fez um barulho horrível e ameaçador. Ainda posso ouvi-lo fazendo esse barulho terrível.

Eu voltei e fechei a porta. Esperei alguns minutos para ele se acalmar e, então, tentei entrar de novo. Assim que abri a porta, ele me ameaçou de novo com aquele grito." Marion olhou para sua vizinha em busca de apoio e continuou sua história. "Decidi entrar pela porta dos fundos, mas, quando a abri, Pickles estava lá. Ele pulou em mim. Eu fechei a porta e fui para a garagem", disse Marion enquanto apontava na direção da casa. Sua voz estava começando a tremer de novo. "O outro único jeito de entrar é pela porta que liga a casa à garagem.

Tentei ficar bem quieta, achando que Pickles continuava na porta da cozinha." A brisa aumentava, e Marion distraidamente arrumou os fios de cabelo que escapavam do seu rabo de cavalo. "Eu mal tinha aberto a porta, e ele pulou sobre mim, mas consegui que ele soltasse a manga da minha blusa", disse ela, apontando para o braço esquerdo; "então corri até a casa da Cara. A propósito, essa é Cara, minha vizinha."

Cara sorriu, parecendo um pouco sem graça. "Oi", disse ela rapidamente.

"Oi", respondi, e voltei minha atenção para Marion. "Pickles já tinha feito algo assim?"

"Não", ela sacudiu a cabeça, o que fez os fios de cabelo solto voarem em todas as direções. "Quero dizer, não o tenho há muito tempo; eu o adotei oficialmente há três semanas. Ele costumava ficar do lado de fora da minha porta dos fundos, esperando que eu lhe desse comida. Eu sempre deixava uma vasilha de comida lá, e, então, ele finalmente tomou coragem para entrar. Ele já tinha sido esterilizado e foi fácil ele aprender a usar a caixa de areia. Achei que ele tinha pertencido a alguém. Talvez tivesse se perdido ou alguém o abandonou por

algum motivo. Coloquei um anúncio no jornal, mas ninguém ligou. Ele parecia ser um gato legal." Marion parou de falar e olhou para a casa com a testa franzida, "pelo menos até hoje."

"Ele já foi ao veterinário?", perguntei.

"Não, mas eu planejava levá-lo logo. Agora, quero que ele se acostume com minha casa."

"Há outros animais na casa?"

Marion balançou a cabeça. "Nem bichos, nem gente. Somos só eu e Pickles."

Instruí Marion e sua vizinha a ficar do lado de fora enquanto eu entrava e ia ver Pickles. Primeiro, fui até meu carro e peguei um cobertor, caso precisasse de proteção contra possíveis ataques do gato. Também peguei uma gaiola de gatos. Informei Marion que eu iria pela entrada da garagem e que ela deveria fechar a porta da garagem atrás de mim. Assim, se Pickles tentasse fugir, ele ficaria preso na garagem e não se perderia. Minha preocupação inicial era de que Pickles pudesse machucar-se e eu não queria que ele fugisse. Sendo um ex-gato de rua, Pickles pode ter entrado em pânico na casa, por algum motivo, e possivelmente se machucou ao tentar sair, ou se assustou com alguma coisa.

Entrei na garagem e ouvi a porta sendo fechada atrás de mim. Marion não estava dando nenhuma margem a erros. Ela nem mesmo me deu tempo para ver onde era o interruptor, por isso fui tateando a escuridão até tocar a parede. Acendi a luz e girei a maçaneta, preparando-me para encontrar Pickles.

Vagarosamente, abri a porta apenas alguns centímetros. Então, segurando o cobertor com ambas as mãos, abri um pouco mais a porta com meu sapato.

Procurei Pickles. A casa estava silenciosa e não havia sinal dele. Abri a porta mais um pouco. Podia ouvir Marion e sua vizinha do outro lado da porta da garagem. Marion estava falando algo a respeito de ter esquecido sorvete e verduras congeladas no porta-malas do carro. Abri a porta mais uns cinco centímetros. Ainda não havia sinal de Pickles. De fora da garagem, pude ouvir o ruído do porta-malas sendo fechado. O sorvete derretido e as verduras murchas de Marion estavam indo para a geladeira de Cara, ou para o lixo.

Concentrando-me de novo em Pickles, continuei a abrir a porta o suficiente para entrar rapidamente. Olhei ao redor da porta.

Quando notei que não havia gato à vista, fechei a porta atrás de mim.

Dando alguns passos de bebê, entrei pelo corredor. Ainda não havia gato. Fui até a janela da frente e acenei para Marion e Cara. Fiz sinal para que ficassem onde estavam. Marion roia suas unhas inclinada sobre o carro. Cara estava ao lado, braços cruzados e um sorrisinho nos lábios, o olhar de uma cética se divertindo.

Marion e Cara formavam uma estranha dupla naquele momento. Era como se estivessem vendo duas cenas completamente diferentes. E, de alguma forma, estavam.

Vagarosamente fui ao quarto, agarrando o cobertor nas minhas mãos, pronta para me proteger, caso fosse preciso. De repente, do outro lado do quarto estava um siamês de aparência frágil. Sua expressão parecia de delicada curiosidade. Coloquei o cobertor no chão e então me ajoelhei para ficar da sua altura. Após esperar um pouco, ele se aproximou e farejou meus sapatos.

Satisfeito porque eu não representava ameaça, ele me cumprimentou com o indefectível miado do siamês, virou-se e correu para longe da minha vista. Ele parecia ter superado qualquer coisa que o tivesse agitado.

Antes de deixar Marion voltar para sua casa, verifiquei todos os cômodos para tentar encontrar a possível causa da agressividade de Pickles. Tudo parecia estar em ordem. Achei a caixa de areia no banheiro e parecia ser normal.

Entrando no quarto principal, encontrei Pickles deitado na cama. Eu tinha trazido um dos meus brinquedos interativos para distrair Pickles, caso ele estivesse muito agitado. Sentei-me no meio do quarto e, casualmente, comecei a balançar o brinquedo no carpete. Pickles observava com intenso interesse. Ele imediatamente pulou da cama e deu um bote no brinquedo. Enquanto eu puxava o brinquedo pelo chão, ele o seguia com patadas brincalhonas e saltos rápidos.

Apesar do trauma emocional ou físico que Pickles pudesse ter vivido recentemente, naquele momento, ele parecia um gato perfeitamente feliz.

Depois de brincar com ele por uns dez minutos, acabei o jogo com Pickles deitado ao meu lado, esfregando sua cabeça na minha perna. "Queria que você pudesse contar-me o que aconteceu entre você e Marion", disse a ele, enquanto esticava minha mão para acariciar gentilmente o alto da sua cabeça.

Sua resposta foi um ronronado. Como ele estava relaxado e confortável comigo, examinei-o fisicamente para ver se encontrava algum sinal de dores ou machucados que pudessem explicar sua agressão repentina. Até onde eu podia dizer, ele não tinha machucados. Durante meu rápido exame físico, notei que sua pele se retesava um pouco quando eu o tocava. Ele ainda podia estar excitado pelo seu recente problema com Marion, mas mentalmente eu tomei nota disso.

Precisava perguntar a Marion se ela notara sua pele se retesando quando ela o acariciava. É claro que o próximo passo seria levá-lo ao veterinário para fazer um exame completo.

Quando achei que já havia passado tempo o bastante para Pickles e Marion se reunirem de novo, eu calmamente deixei o gato e fui até a porta da frente. Ao abri-la, notei que Marion andava preocupada pela entrada da garagem.

Ouvindo a porta abrir-se, ela parou abruptamente, jogou o cigarro que

estava fumando e esmagou-o com o sapato. Imaginei que havia vários outros tocos de cigarro esmagados ao longo da entrada da garagem.

"Ele parece ter voltado ao normal", disse eu. "Você pode entrar agora."

Marion começou a andar rapidamente em direção à casa. "Já era hora", resmungou ao chegar na porta. "Que droga está acontecendo com ele?"

"Ainda não sei."

Marion olhou para mim com os olhos arregalados. "Não sabe ainda?

Pensei que você era especialista em gatos", disse ela, colocando seu indicador a apenas alguns centímetros do meu nariz.

Não gosto quando as pessoas me chamam de especialista em gatos.

Não gosto quando os donos olham para mim de olhos arregalados esperando que eu realize milagres nos seus gatos. E, realmente, não gosto quando as pessoas apontam seu dedo para mim. Além disso, naquele momento, eu não estava gostando muito da Marion.

Respirei fundo, dei um passo atrás para sair de perto do dedo dela e, então, ofereci a Marion minha melhor tentativa de um sorriso amigável. "Por que eu não ajudo você com as compras, então nos sentamos e conversamos?"

Marion olhou para mim com suspeita, depois concordou. Uma vez com compras já guardadas e Cara de volta à sua casa, Marion e eu nos sentamos à mesa da cozinha e, bebericando chá gelado, pedi que ela calmamente recapitulasse os eventos daquele dia. Conforme falava, ficou evidente que estava magoada porque o gato que adotara tinha repentinamente se voltado contra ela.

Ao levantar a história de Pickles, perguntei a Marion acerca da pele se retesando que eu tinha testemunhado. Ela disse que o gato sempre fazia aquilo, sempre que era acariciado e, de fato, ele tolerava pouca afeição física antes de sair de perto.

"A primeira coisa que precisa ser feita é levá-lo ao veterinário e fazer um exame físico completo, fazer exames de FELV7FIV(vírus da leucemia felina/vírus da imunodeficiência felina) e vaciná-lo", disse eu, enquanto Marion bebia nervosamente seu chá gelado, seus olhos dardejando de um lado para outro à procura de Pickles. "Quando Pickles tiver um atestado de ótima saúde do veterinário, poderemos tirá-lo de lá." Nesse ponto, eu não sabia o que tinha causado a agressão repentina. Poderia ter sido um incidente isolado causado pelo aparecimento de outro gato no quintal, mas, como todos os meus casos, uma visita ao veterinário era a primeira coisa a se fazer.

"Vou levá-lo na semana que vem, no meu dia de folga", Marion concordou.

"Se for possível, é melhor levá-lo o quanto antes. Apenas no caso de o episódio de agressão não ser um incidente isolado. Se houver um motivo médico por trás disso, você vai querer saber o quanto antes"

"Eu farei isso assim que puder", disse ela.

Sugeri que voltássemos à sala, onde Pickles estava sentado; dessa forma, eu podia passar um pouco mais de tempo com ele. A pele se retesando me preocupava. Marion concordou relutantemente em me acompanhar.

Pickles respondeu ao meu brinquedo interativo e parecia estar normal e feliz. Ele até mesmo foi ao lado de Marion e esfregou seu focinho na perna dela.

Ela baixou a mão e acariciou atrás da orelha dele. Ele adorou isso. No entanto, quando ela passou a mão nas suas costas, notei a pele se retesando de novo.

Disse a ela para mencionar aquilo para o veterinário.

Quando tive certeza de que tanto o gato quanto sua dona estavam bem um com o outro, fui embora. Repeti a Marion a importância de levar Pickles ao veterinário tão logo quanto possível. Ela balançou a cabeça concordando. Liguei para Marion aquela noite para ver como as coisas estavam indo e saber a respeito da consulta com o veterinário, mas tudo o que consegui foi deixar uma mensagem na sua secretária eletrônica para ela me ligar. Dois dias se passaram e ela não me ligou de volta. Deixei outra mensagem na secretária eletrônica.

Outro dia se passou.

Às vezes, quando faço uma visita inicial a uma casa ou até mesmo quando falo ao telefone, eles me prometem uma visita ao veterinário e nunca vão. Estou certa de que eles provavelmente pensam que exageraram em relação ao mau comportamento do gato e, na calma do dia, não consideram que alguma outra ação seja necessária. Embora eu os estimule, não posso forçar um dono a levar seu gato para uma consulta. Achei que esse era o caso de Marion Estee.

Ela provavelmente achou que a crise havia passado. Na semana seguinte, havia uma mensagem de Marion na minha secretária eletrônica, desculpando-se por não voltar minhas ligações, mas ela queria que eu soubesse que tudo estava normal com Pickles. Ela o tinha levado ao veterinário para tomar vacinas e fazer exames.

Depois de ouvir a mensagem, peguei o telefone e disquei o número de Marion.

"Alô?"

"Marion, aqui é Pam Johnson-Bennett. Obrigada por me ligar de volta.

Estou feliz porque está tudo bem com Pickles, mas eu queria saber o que o veterinário tem a dizer a respeito da pele que se retesa."

"Ah, eu não falei nada sobre isso, nem sobre o dia que você veio aqui em casa. Pickles está normal de novo e eu não queria fazer um monte de exames caros só para saber que está tudo bem com ele. Imaginei que, se o veterinário não disse nada quando o examinou, é porque não há nada de errado com ele."

O sorriso deixou meu rosto e foi substituído pelo que deve ter sido um óbvio olhar de preocupação, pois minha cachorra saiu de onde estava, cruzou a sala e sentou-se ao meu lado. Ela olhou para mim com uma expressão confusa.

Fiz-lhe agrados na cabeça e reassegurei que ela não era o motivo da minha preocupação.

Embora a incitasse, não consegui convencer Marion a fazer os exames em Pickles. Quando desliguei o telefone, ainda podia ouvir a voz de Marion insistindo enfaticamente que tinha tido uma reação anormal e que estava muito constrangida por isso. Meus instintos me diziam que alguma coisa estava acontecendo com o gato e que isso precisava de mais investigação, mas eu não posso obrigar um dono a fazer algo que ele não queira. Eu realmente liguei para o veterinário dela a fim de transmitir-lhe minha preocupação com a pele de Pickles que se retesava ao toque. Eu sentia essa reação ser mais do que um estado de agitação e queria que constasse no seu registro médico caso isso acontecesse de novo. O veterinário me disse que verificaria da próxima vez que Pickles fosse lá.

Quatro dias se passaram, e eu não tive notícias de Marion. Talvez eu estivesse enganada a respeito da pele de Pickles, que se retesava. Era fim de tarde quando acabei meu último cliente; então, aproveitei para ir à academia exercitar-me. Estava na esteira, quando ouvi duas mulheres conversando no step ao meu lado. Uma delas mencionava o fato de o pager de alguém não parar de tocar no armário do vestiário.

"Você acha que devemos falar com o gerente para ele avisar pelo alto-falante?", perguntou a outra para sua amiga, que se esforçava para manter um ritmo no step.

"Todo mundo tem pagers hoje em dia. Todas as mulheres deste lugar irão até o vestiário."

"Mas deve ser uma emergência mesmo. O negócio está tocando a cada dois minutos", disse a primeira mulher, apoiando-se nas barras próximas do step.

Obviamente ela estava tendo dificuldade para falar e fazer o exercício ao mesmo tempo.

"As pessoas que têm pagers são mal-educadas", disse a segunda mulher suspirando, enquanto tentava encontrar um ritmo confortável. "Elas se julgam muito importantes."

Deixe-me ver, pensei comigo mesma. Um pager que toca a cada dois minutos. Hum, isso parece incrivelmente com o tipo de mensagens que eu recebo periodicamente. E quem foi que me enviou mensagens dessa maneira recentemente? Ah, sim, Marion Estee, será que é ela...

Diminuí meu passo até parar completamente. Enquanto eu pegava minhas

toalhas e passava pelas duas mulheres, parei o suficiente para agradecê-las. "Tenho a sensação de que é o meu pager que está tocando no vestiário. Obrigada", disse.

"Você é médica?", perguntou uma delas.

"Uma profissional de comportamento felino", respondi enquanto andava.

"Uma o quê? gritou a mulher.

"Ela falou felino?", ouvi uma mulher perguntar para sua amiga. "Isso não é..."

"GATOS! Estão mandando mensagens para ela por causa de um GATO!"

Aproximei-me do meu armário e pude ouvir meu pager emitindo bipes curtos para me informar que eu tinha uma mensagem sem ser respondida. Lendo o visor, havia dez, sim, dez ligações do mesmo número. O número pertencia a Marion Estee.

Pesquei na minha bolsa uma moeda de 250 e liguei para Marion do telefone público do vestiário. Ela atendeu ao primeiro toque.

"Estou enviando mensagens há uma hora", disse ela.

"Estou na academia e meu pager estava no armário", expliquei.

"Por que você não o leva com você?"

"Marion, há certos lugares e horários onde e quando o pager não é bem-vindo. Qual é o problema? Por que você me passou a mensagem?"

"Estou no posto de gasolina, na esquina da minha casa. Pickles não me deixa entrar em casa de novo. Nenhum dos meus vizinhos está. Você pode vir?"

"Estarei já aí", respondi. Desliguei, depois peguei minhas coisas do armário e saí correndo da academia. Nem mesmo tomei uma ducha, mas imaginei que Marion não faria julgamentos a respeito da minha higiene.

Entrei na garagem de Marion e encontrei-a de pé ao lado do carro, fumando, nervosa, um cigarro. Ela correu até o meu carro assim que parei e, como da outra vez, abriu minha porta antes mesmo de eu desligar o motor.

"Desta vez ele está pior do que da outra. Ele parece maluco. Acho que ele se machucou também", disse ela entre baforadas de cigarro.

"A porta da frente está destrancada?", perguntei.

"Sim. As chaves ainda estão na fechadura", disse Marion gesticulando em direção da casa. Então ela se voltou para mim. "Acho que eu devia ter ouvido você, não é?" Sua voz estava muito baixa, quase como se ela não quisesse que Pickles ouvisse sua afirmação. "As contrações da pele que você mostrou ficaram piores na última semana. Ele mia toda vez que eu tento acariciar suas costas. Eu só achei que ele estava bravo comigo por causa da vez que liguei para você.

"Marion, Pickles precisa fazer exames no veterinário."

"Eu percebo isso agora, mas como vamos pegá-lo?"

"Espere aqui", disse enquanto apontava o local onde ele estava. Fui até a varanda e espiei pela janela. Pickles estava sentado no meio da sala. Sua cabeça estava abaixada. Parecia haver fezes espalhadas pelo carpete. Imaginei que também deveria haver urina. Pickles mudou de posição e deu a impressão de se largar no chão. Qualquer crise que tivesse acontecido parecia ter acabado agora. Ele pareceu relaxado (ou simplesmente exausto) o bastante para eu entrar na casa.

Quando abri a porta da frente, Pickles se virou e olhou para mim. Pude ver que, de fato, ele tinha urinado em todo o tapete e, de onde eu estava, parecia que tinha urinado em si mesmo também. Aproximei-me alguns passos. O gato levantou-se e, com várias contrações na pele, foi até a cozinha. Com Pickles fora da sala, saí de casa e voltei a Marion, que obedientemente me esperava à entrada da garagem.

"Dê-me alguns minutos com ele, OK?", pedi. Marion só balançou a cabeça em consentimento.

Do porta-malas do meu carro, peguei uma garrafa de limpador à base de enzima para limpar manchas feitas por animais de estimação e neutralizar o cheiro. Então, voltei para a casa.

Pickles, imaginei, ainda estava na cozinha, por isso fui até a sala e coloquei o limpador no tapete.

Depois de limpar todas as manchas, sentei no carpete da sala com um brinquedo interativo nas mãos. Com a comprida vara do brinquedo pude colocar a pequena presa no final da linha, um pouco além do tapete, para deslizá-la pelo chão até a sala de jantar. Eu esperava que o som atraísse a curiosidade de Pickles o suficiente para que ele voltasse e eu pudesse examiná-lo.

Não demorou muito para a cabeça de Pickles aparecer. Vendo o brinquedo, ele se agachou e foi aproximando-se devagar. Em questão de segundos, ele estava fazendo tudo o que um gato normal faz — saltando, dando botes e patadas. Até aquele momento, estava tudo bem.

Depois de alguns minutos de diversão, eu diminuí o ritmo do jogo, deixando Pickles saborear sua vitória. Sentindo-se um caçador vitorioso, ele veio até mim e esfregou sua cabeça na palma da minha mão. Eu o acariciei atrás das orelhas e debaixo do queixo. Até então, a pele não se contraiu.

Ao som do latido de um cãozinho, do lado de fora, as orelhas de Pickles se ergueram e ele se dirigiu até a janela da frente. Com um gracioso pulo, aterrizou no largo parapeito para dar uma olhada melhor. Tudo parecia normal, mas, de repente, notei sua pele se contraindo. Fui até a janela cuidadosamente para não distraí-lo. Conforme eu me aproximava, vi que as contrações de pele estavam aumentando à medida que Pickles andava no parapeito de um lado para outro.

Também notei outra coisa. As pontas da cortina, leves e rendadas, ficavam tocando na suas costas conforme ele andava. Sua cauda erguida ficava tocando-as, fazendo o tecido correr ao longo da sua espinha. Pickles começou a emitir rosnado e miados altos. Em segundos, ele pulou do parapeito e começou a rasgar tudo o que via, batendo contra a mobília.

Tão calmamente quanto pude, pus as mãos atrás de mim e peguei duas almofadas do sofá. Eu estava para colocá-las na frente do armarinho de vidro da estante onde ficava o aparelho de som, para evitar que ele se machucasse, mas, em vez disso, tive de usá-las como escudos, pois Pickles veio para cima de mim, totalmente fora de controle. Pus as almofadas na frente do meu rosto, enquanto escutava o barulho de dentes contra o tecido. Pelo menos não era o som de dentes contra carne... minha carne.

Tudo acabou em questão de minutos. Vagarosamente, baixei as almofadas para localizar Pickles. Ele estava no tapete, a alguns metros de mim.

Seu peito estava arfando e ele parecia "chapado". Alguns segundos mais tarde, ele estava andando ao redor da sala como se nada tivesse acontecido.

Saí da casa e fui até Marion ansiosa para contar o que tinha acontecido.

"Por que ele está fazendo isso?", perguntou ela.

"Pode haver alguns motivos. Mas acho que tenho uma idéia, embora precisemos que ele seja examinado por um veterinário."

"Acabamos de fazer isso", respondeu ela impacientemente.

"Desta vez há coisas muito específicas que quero que ele procure.

Temos de estabelecer prioridades, mas tenho idéia de algo", respondi.

"O que você acha que é?"

"Penso que seja uma Síndrome de Hiperestesia Felina."

"Que diabo é isso?", perguntou Marion, tirando um cigarro.

"Basicamente, é uma sensibilidade excessiva ao toque. O problema pode apresentar-se como agressão não provocada. Alguns médicos sentem que o comportamento é causado por apreensões parciais", respondi. "A única maneira de conseguir um diagnóstico preciso é falando primeiro com o seu veterinário.

Temos de verificar outras condições psicológicas como problemas na espinha, dor, problemas de pele, *etc.* Seu veterinário pode mandá-lo a um especialista para que um exame completo possa ser feito." Vi que Marion estava ficando impaciente, provavelmente somando o custo de tudo isso na sua cabeça.

"Primeiro, vamos levar Pickles ao veterinário para discutir as opções."

Voltei para a casa e pude colocar Pickles numa gaiola, enquanto Marion ligava para o seu veterinário para avisar que estávamos indo.

Fomos no meu carro e acompanhei-os até a sala de exames para ter certeza de que todos os sintomas de Pickles seriam comunicados ao médico. O resultado

de todos os exames veterinários foi que Pickles não tinha epilepsia, problemas de coluna, de pele ou qualquer machucado que pudesse provocar aquela agressão. Conforme eu esperava, uma hora foi marcada com um especialista para um exame completo em Pickles.

O diagnóstico do especialista foi Síndrome de Hiperestesia Felina. Ele explicou a Marion que aquela condição era um mau funcionamento dos neurotransmissores, semelhante aos ataques de pânico em humanos.

A Síndrome de Hiperestesia Felina não é comum, mas sempre que seu gato demostrar agressão, especialmente não provocada, você deve consultar seu veterinário. A hiperestesia aparece mais comumente nas raças siamesa, Himalaia e abissínia. Os gatos afetados têm, em geral, cinco anos de idade, mas essa doença pode se apresentar em gatos mais velhos. Gatos com estresse correm mais riscos.

Plano de Tratamento

No caso de Pickles, depois de passar mais algum tempo com ele, fui capaz de determinar que seu estresse era resultado de dois gatos que vinham para seu quintal. Marion sequer sabia disso, pois eles subiam na janela, e, quando Pickles aparecia, eles simplesmente fugiam. Foi sorte que, durante uma sessão, eu testemunhei um encontro.

Outra forma de estresse que Pickles sofria era que ele não podia subir na mobília e não tinha árvores de gato para se empoleirar. Ficar confinado no chão não o permitia sentir-se adequadamente seguro. Os gatos preferem ficar no alto.

Com o diagnóstico correto, o veterinário pôde começar um plano de tratamento que incluía o uso de uma medicação antiansiedade.

Para reduzir seu estresse, recomendei que Marion fizesse algumas mudanças no seu ambiente. Primeiro, tínhamos de descobrir se aqueles dois gatos pertenciam a alguém. Marion perguntou aos vizinhos, mas ninguém sabia se os gatos eram de alguém. Tentamos usar uma armadilha que não lhes causaria nem danos nem traumas, mas eles nos enganaram todas as vezes.

Entrementes, tínhamos de reduzir a influência deles sobre Pickles. Tive uma idéia.

Primeiro, consegui que Marion se livrasse das suas cortinas. Eram suficientemente leves para ficar nas costas de Pickles, causando uma sensação desagradável e disparando o quadro de agressividade.

Depois, eu tinha de bloquear aquela janela para que Pickles não visse mais os gatos. Tinha de arranjar algo que cobrisse a janela e que agradasse a Marion, mas que não afetasse Pickles de maneira adversa. Decidi por persianas.

Seu uso permitiria que Marion bloqueasse para Pickles a janela em questão.

Agradava a Marion a idéia do ponto de vista decorativo e prometeu começar o projeto imediatamente.

A próxima providência da lista era criar poleiros ou mobília de gato para permitir que Pickles aproveitasse a segurança de espaços elevados. Consegui isso dando a Marion a idéia de uma árvore de gatos. Muitas empresas fabricam árvores que você mesmo pode projetar. Você escolhe o tipo de tapete, cor e altura. Você também pode escolher entre casca de árvore ou madeira como suporte. Algumas empresas dão a você a opção da corda enrolada ao redor da árvore para criar uma combinação de poste de arranhar e árvore.

Juntas, Marion e eu pudemos chegar a um estilo que tinha a ver com sua decoração e também possuía os requerimentos básicos para satisfazer um gato.

A árvore de gatos deveria ser colocada numa janela ensolarada (uma na qual Pickles apreciasse ficar observando, mas que os outros gatos não o incomodassem).

Um aspecto muito importante do tratamento de Pickles era a terapia de brincadeiras usada para aliviar o estresse. As sessões também ajudariam Marion a fortalecer seus laços com o gato.

A última parte do tratamento de Pickles dizia respeito à sua dieta. Ele deveria ter uma dieta mais natural, livre de aditivos e conservantes artificiais.

Marion o alimentara, até então, com qualquer coisa que achasse à venda no supermercado, suplementando com os restos das suas refeições.

Acompanhamento

Pickles é monitorado pelo veterinário regularmente. Seu remédio antiansiedade foi ajustado algumas vezes e, agora, ele toma uma dose menor.

A instalação das persianas na janela, a árvore de gato (recentemente, uma segunda foi colocada no quarto), o programa nutricional e a terapia de brincadeiras tiveram um impacto positivo em Pickles. Ele fica relaxado perto das companhias e é mais receptivo à afeição física — ele e Marion desenvolveram uma relação especial e amorosa.

Gostos Estranhos

Muitos donos já viram, ouviram falar, ou ficaram loucos por causa disso: sugar lã. É um comportamento estranho que alguns gatos apresentam. Consiste em sugar e morder coisas como os cantos do cobertor, ou o cabelo do seu dono.

Esse comportamento é chamado de sugar lã porque muitos gatos realizam essa atividade exclusivamente em lã ou tecidos iguais à lã, como cobertores, malhas e meias.

Os donos de gatos que chupam ocasionalmente as extremidades de um blusão de moletom podem achar bonitinho, mas os donos de gatos que chupam e mordem até fazer buracos nos cobertores e malhas caras vêm procurar-me com os nervos à flor da pele.

O que significa sugar a lã e por que alguns gatos ficam obcecados por esse bizarro comportamento oral? Uma resposta definitiva ainda é um mistério.

Uma teoria que os profissionais de comportamento animal continuam a sustentar é a interrupção prematura da amamentação. Sugar a lã se assemelha a mamar, incluindo o gesto de mamar, que é o movimento que os filhotes fazem com suas patas para estimular a saída de leite da mãe. Considero muito válida a teoria de que o hábito de sugar a lã é causado pela interrupção prematura ou abrupta da amamentação porque muitos dos gatos dos quais trato, por estarem chupando lã, foram resgatados ou adotados muito cedo (quatro a seis semanas), cedo demais para serem separados das suas mães.

Só para provocar mais confusão a um comportamento que já causa perplexidade, a teoria do comportamento de sugar lã tem um componente adicional. Parece haver um elo genético — algumas raças em particular tendem a apresentar essa fixação oral. Raças orientais como siamês, tonkinese, himalaio e birmanês tendem a encabeçar a lista dos chupadores de lã. Por meio dos meus arquivos, posso até mesmo dizer que vejo, predominantemente, mais siameses que chupam lã do que qualquer outra raça. Eu mesma tive um pequeno chupador de lã, meu vira-lata Albert que, pela forma e tamanho da sua cabeça e seu miado de siamês — que parece um sino —, possui provavelmente sangue siamês.

Repito, o comportamento de sugar lã varia do chupador ocasional ao destruidor de tecidos que não pára 24 horas. A discussão entre os profissionais de comportamento centra-se agora na possibilidade de o comportamento de sugar lã ser uma versão felina da DOC (Desordem Obsessiva Compulsiva). Se o comportamento que esses gatos apresentam pode realmente estar ligado à forma humana de DOC, essa é uma questão que ainda está aberta ao debate.

No entanto, o que se pode concluir da comparação é que é um comportamento compulsivo. Por uma perspectiva branda, muitos filhotes com essa fixação a superam quando sua atenção é desviada para atividades mais interessantes. Eu consegui ajudar Albert a superar sua atração pelo lóbulo da minha orelha por meio de um brinquedo com o qual eu desviava sua atenção para a brincadeira.

Ele tinha 11 semanas na época em que esse comportamento se apresentou e, em três semanas, já havia esquecido de sugar o lóbulo da minha orelha. Meu dolorido lóbulo suspirou aliviado. Quando olhei ao meu redor, percebi como tenho sorte, ao ver experiências pelas quais alguns dos meus clientes têm passado.

Wishbone era um animal que veio a mim por indicação do veterinário por causa do seu enorme apetite pelas roupas do seu dono. O bicho passou por um exame completo e foi determinado que ele estava em perfeitas condições de saúde — bem, ao menos físicas.

Quando toquei a campainha do apartamento de Vanessa Teague, fui recebida por uma mulher jovem segurando um par de meias. As meias vermelhas continham vários buracos, alguns ainda úmidos, indicando um "crime" bem recente. "A amiga que divide o apartamento comigo se esqueceu da regra de não deixar roupas para fora. Ela deixou estas no alto da secadora, hoje." Ela passou as meias para uma só mão e balançou-as na direção de um bicho sem raça definida que apareceu na porta. "Você é uma gata má, gata má!", disse ela brava e, então, voltou sua atenção para mim. "Viu só no que você tem de dar um jeito?

Não entendo por que ela está fazendo isso." Ela fez sinal para eu entrar.

"Desculpe. É que estou tão frustrada." Ela estendeu a mão, a que não tinha meias. "Sou Vanessa e aquela é a Libby, a amiga que divide o apartamento comigo", ela gesticulou na direção do sofá. Não pude deixar de reparar a roupa: camisa vermelha, calça xadrez vermelha e preta e... descalça. Imaginei que as meias que ela ia calçar estavam agora destruídas nas mãos de Vanessa.

Minha primeira pergunta para Vanessa foi a respeito da idade e do passado de Wishbone. Ela me respondeu que era uma gata, sem raça definida, de um ano e meio. Vanessa a apanhara no estacionamento do seu escritório, quando ela era só uma filhotinha. O veterinário tinha estimado que sua idade era de cerca de cinco semanas àquela época. Estava muito magra e precisava de cuidados. "Ela quase se foi, mas Libby e eu a ajudamos a recuperar-se", disse Vanessa.

Minha pergunta seguinte era sobre quando o comportamento tinha começado. Vanessa deu um longo suspiro antes de responder. "Desde pequena ela mordia cadarços, mas não pensávamos que havia algo de errado, pois ela não

os comia nem estragava nada. Achamos que, com a vida dura que tivera, precisava de um pouco de prazer extra."

"Quando começou a ficar mais sério?", perguntei, enquanto observava Wishbone, que parecia estar avaliando o casaco que coloquei em cima da minha pasta. Só por segurança, peguei-o e coloquei-o no meu colo. Wishbone pareceu desapontada. "Há mais ou menos seis semanas, começamos a notar manchas nos cobertores e em quaisquer roupas que deixássemos de fora. No começo, pensei que ela estivesse fazendo xixi, mas não havia cheiro", disse Vanessa.

Então, Libby entrou na conversa, colocando as pernas cruzadas sobre o sofá, seus pés descalços sumiram debaixo das pernas. "Começamos a ver tufos e nós nos cobertores e em alguns suéteres. Então, pegamos a gata no flagra."

Libby balançou a cabeça. "Vanessa já tentou de tudo. Brigamos com ela, jogamos água nela e até mesmo tentamos dar uma meia só para ela, mas ela continua a mastigar nossas coisas."

Vanessa olhou para Wishbone com uma expressão triste. "Pensamos que, se sempre guardássemos nossas roupas, ela acabaria se esquecendo delas."

"Guardar minhas roupas nem sempre é fácil, pois eu trabalho à noite e chego em casa tarde", acrescentou Libby . "Chego cansada demais para pendurar tudo."

"Siga-me", instruiu Vanessa, enquanto levantava e gesticulava para mim.

Fui levada a um quarto onde havia uma cadeira bloqueando a porta do armário.

"Colocamos isso na frente da porta porque, se não estiver fechado direito, Wishbone consegue abrir."

Enquanto Vanessa punha a cadeira de lado, Wishbone estava do seu lado, pronta para a oportunidade de fazer um lanchinho de lã. Libby abaixou-se e pegou Wishbone para que Vanessa pudesse abrir a porta do armário. Quando olhei dentro dele, reparei que a haste dos cabides estava excessivamente alta.

Logicamente, uma medida que tiveram de tomar para evitar que Wishbone pudesse mordiscar as pontas das roupas. Vanessa, então, fechou a porta e colocou a cadeira de volta na sua posição, e Libby pôde soltar a gata que se debatia. Wishbone imediatamente pulou na cadeira e ficou olhando a porta, como se desejasse que ela abrisse.

"Estou ficando com o pavio curto", confessou Vanessa. "Wishbone é minha responsabilidade, por isso eu paguei as roupas de Libby que foram estragadas, além de ter de substituir as minhas. Eu trabalho meio período, pois ainda estou na faculdade, portanto, não posso ficar pagando".

Libby percebeu que Vanessa estava ficando engasgada, então continuou: "Vanessa pensou que talvez tivesse de sacrificar Wishbone. Ela não poderia doar

a gata, sabendo o estrago que ela faz. Quando falamos isso para a veterinária, ela sugeriu que falássemos com você. Você acha que pode ajudar?"

Tanto Vanessa quanto Libby olharam bem dentro dos meus olhos, esperando que eu pudesse dizer a palavra que queriam ouvir. À essa altura, tive até mesmo a atenção de Wishbone. Não posso, em sã consciência, dizer "sim"

às cegas. Tenho de qualificar a resposta com "vou fazer todo o possível". Com certeza, não era a resposta que elas queriam ouvir, mas eu me senti realmente otimista com relação àquela situação. Eu já havia tido sucesso com gatos que sugavam lã antes e achava que ainda tínhamos uma boa chance de vencer a obsessão de Wishbone.

Plano de Tratamento

A primeira instrução que dei a Libby e Vanessa era que continuassem a fazer o que já estavam fazendo — mantendo a roupa suja longe. No caso de Libby, isso significava colocar uma cesta com tampa no seu quarto; assim ela só precisava colocar as roupas lá dentro. Ambas precisavam ser impecáveis nos seus esforços para manter a lã longe da boca de Wishbone. Não precisava ter uma atitude rigorosa sempre, mas por enquanto precisávamos tirar toda a tentação.

O passo número dois era parar com qualquer tipo de castigo. Como isso era um comportamento compulsivo verdadeiramente fora do controle de Wishbone, o qual poderia ou não ser causado por estresse, eu não queria que elas jogassem lenha na fogueira.

O passo número três envolvia uma abordagem interessante para o tratamento de chupar lã: manipulação da dieta. Perguntei a Vanessa o que ela dava a Wishbone. Sua resposta foi que Wishbone comia uma comida em lata de alta qualidade recomendada pelo veterinário. Aparentemente, Wishbone sempre teve problemas por ganhar peso demais. Quando era filhote, comida em lata era a única coisa que ela aceitava; então, suas donas começaram a lhe dar uma latinha pequena de manhã e outra à noite.

"Gostaria de tentar acrescentar comida seca à dieta dela", disse eu, explicando que houve sucesso no tratamento do comportamento de sugar lã quando foram acrescentadas fibras à dieta. Como, naquela altura da sua vida, Wishbone não estava abaixo do peso, queria que Vanessa usasse uma prescrição, ração seca rica em fibras disponível na veterinária dela. "Deixe uma vasilha para

ela comer à vontade. Pode ser o suficiente para satisfazer sua vontade. Comece a diminuir a ração em lata, servindo porções cada vez menores, até retirar completamente."

"Quanta ração seca servimos?", perguntou Vanessa.

"Uma tigela grande. Assim, quando Wishbone tiver vontade, ela sempre terá uma alternativa ao tecido. A ração é usada para reduzir o peso; portanto, tem menos gordura e calorias do que a que você está usando agora."

E claro, também dei minhas instruções costumeiras sobre sessões regulares de terapia de brincadeira e como usá-la para desviar a atenção de Wishbone se ela continuasse com fixação pela porta do armário. Também ajudaria nos casos em que chupar lã fosse intensificado pelo estresse.

Finalmente, disse a Vanessa e Libby que, se não notassem melhora suficiente por meio da modificação de comportamento e manipulação de dieta, eu falaria com o veterinário a respeito do uso de terapia com droga. Apesar de não haver ligação comprovada entre o comportamento de sugar lã em gatos e DOC em humanos, drogas antiansiedade usadas em desordens compulsivas, como prozac, têm sido eficazes. Prozac e drogas semelhantes têm sido usadas para tratar o impulso de chupar o rabo, perseguir o rabo, miar excessivamente, sugar lã e outras desordens comportamentais do tipo DOC. Não vejo o prozac como uma droga maravilhosa e certamente não o recomendo a um cliente impulsivamente. Sempre tento a modificação de comportamento primeiro e, nesse caso, queria que Vanessa e Libby soubessem que eu contava com que elas trabalhassem diligentemente durante as semanas seguintes.

Vanessa e Libby concordaram em fazer tudo o que podiam com relação às técnicas de modificação de comportamento. Depois de me abraçar e de dizer que faria qualquer coisa para ficar com Wishbone, Vanessa me levou até a porta da frente. Disse a ela que eu esperava um retorno não antes de uma semana, a não ser que ela precisasse de mim logo.

Dizendo adeus, e indo embora, ouvi ainda Libby dizendo a Vanessa, enquanto fechavam a porta atrás de mim: "Você acredita que eles dão prozac para gatos, agora?"

Acompanhamento

Depois de uma semana, Vanessa ligou com um relatório. A mania de sugar lã de Wishbone tinha diminuído em cerca de 90%. Tinha havido um incidente

com as mangas de um blusão de moletom que estava pendurado fora da cesta. Libby tinha chegado extremamente cansada numa noite e não colocou toda a roupa na cesta. Apesar disso, Vanessa disse que só havia um pequeno furo nela, em vez dos quatro ou cinco que Wishbone sempre fazia nas mangas.

No começo da segunda semana, não havia recebido notícias de Vanessa. Presumi que tudo ia bem. Quatro dias depois, recebi um telefonema dizendo que Wishbone tinha mastigado as meias de Libby enquanto esta as usava. Ela tinha adormecido no sofá e Wishbone aproveitara a oportunidade.

Fiquei muito decepcionada.

"Quanta ração seca ela está comendo?", perguntei. "Como ela se adaptou à ração seca?"

Houve um momento de silêncio antes de Vanessa responder. "Nós ainda estamos dando a ração em lata. Ela continua a procurá-la de manhã; portanto, achamos que poderíamos dar a ela tanto a ração seca quanto a em lata."

Ela deve diminuir a alimentação com ração enlatada para que possamos dar-lhe uma quantidade adequada de fibra na sua dieta."

"OK", concordou Vanessa.

O próximo retorno que recebi foi na semana seguinte. Wishbone estava feliz alimentando-se exclusivamente com a ração seca, rica em fibras. Minhas instruções a Vanessa foram para manter todas as roupas longe de Wishbone por uma semana mais e, então, deixasse uma meia velha no chão como experiência.

Precisávamos saber onde estávamos em termos do desejo de Wishbone sugar lã.

"Bem, temos montes de meias desemparceiradas graças a Wishbone, portanto poderemos fazer isso", brincou Vanessa.

O retorno da semana seguinte foi muito bom. Wishbone ignorou a meia completamente e continuou com sua ração seca.

Um ano depois, Wishbone continuava a ser uma ex-chupadora de lã, e Libby estava contente por voltar ao seu hábito de jogar suas roupas no chão.

Vanessa me disse que desejava que a modificação de comportamento no gato tivesse um efeito mais duradouro na falta de ordem de Libby.

Os Gatos Choram?

Willy era o rei da casa. Aos 16 anos, esse mestiço de border com collie tinha vida resolvida. Dormia até tarde de manhã e, depois de tomar um tranquilo desjejum com sua ração favorita prescrita especialmente para ele, saía para uma caminhada e para tomar um pouco de sol. Seu donos, Wanda e Arnie Tansmores e sua filha Angela, todos o mimavam. Para Angela, Willy era seu irmão mais velho, sempre a mantendo longe de encrencas ao latir toda vez que ela se aproximava dos limites da propriedade.

Outro membro da família que gostava de Willy era Eek, uma gata malhada laranja de 12 anos a qual dividia a casa dos Tansmores com o cão. Eek tinha sido adotada pelos Tansmores quando Arnie e Willy a encontraram há dez anos, numa vala ao lado da estrada, numa das caminhadas noturnas costumeiras de Arnie e Willy. Aparentemente, ela tinha sido atropelada por um carro e conseguiu arrastar-se até a vala ao lado da estrada, onde desmaiou. Foi Willy que a percebeu e latiu, puxando repetidamente a sua guia.

De início, Arnie não viu nada e tentou tirá-lo daquele local, temendo que os latidos do cão incomodassem os vizinhos, mas Willy manteve sua posição.

Lembrando-se que seu cachorro só latia quando havia motivo, Arnie voltou à vala e agachou-se para examiná-la mais de perto. "É melhor que você não esteja me levando até um gambá", disse brincando ao seu cachorro.

Estava difícil de ver, mas Arnie julgou ter visto alguma coisa laranja misturada com lama. "Aí se vão meus sapatos novos", disse ele, enquanto descia à vala e via um gato enrolado sobre si mesmo, coberto de sangue e lama.

"Meu Deus", disse ele, enquanto amarrava a guia de Willy no seu cinto para ficar com as duas mãos livres. "Acho que ele está morto", gritou enquanto tocava o animal sem vida. Como não houve resposta, Arnie pegou o gato com cuidado e tirou-o da vala. Willy ficou observando silenciosamente, sem tirar os olhos da criatura por um segundo. Arnie colocou o gato na estrada e, então, tirou a camisa. "Não posso levá-lo assim para que Wanda o veja", disse enquanto abria a camisa e colocava o gato lá dentro.

Enquanto envolvia o gato, sentiu um pequeno movimento. Intrigado, agachou-se e colocou a mão no peito do gato. "Ele está respirando, Willy", disse, e cuidadosamente envolveu o gato na camisa. "Temos de levá-lo ao veterinário."

Correu para casa um Arnie descamisado, com um gato nas mãos, seguido por Willy, ainda preso ao seu cinto.

Wanda viu seu marido sem camisa correndo pela entrada da garagem com o cachorro o puxando de maneira estabanada de um lado para outro, e saiu de robe

para ver o que estava acontecendo.

"Wanda, pegue as chaves do carro", gritou ele conforme ela se aproximava correndo. "Achamos um gato machucado. Tenho de levá-lo ao pronto-socorro." Sem hesitar, Wanda deu meia-volta e correu para casa. Ela e Arnie já tinham passado muitas noites cuidando de pássaros e coelhos até eles melhorarem, portanto não havia questão contra ajudar um gato.

Correndo para fora da casa com as chaves nas mãos, Wanda perguntou se o gato estava muito ferido. Ela sorriu para seu marido e disse "eu te amo", enquanto abria a porta do carro para ele. "Você pode fazer isso sozinho?", perguntou enquanto ele colocava o gato no banco de passageiro da frente.

"Claro, só pegue Willy", disse ele, desamarrando a guia de Willy do seu cinto.

"Bom garoto", Arnie disse a Willy e o acariciou na cabeça. "Você encontrou o gato. Bom garoto." Wanda e Willy ficaram na calçada, observando o carro sair pela estrada até não poder mais ser visto.

Com um prognóstico ruim, Arnie voltou para casa para informar sua esposa de que o gato tinha sido muito machucado por um carro. Primeiro, Arnie pensou que a coisa mais humana a fazer seria sacrificar o animal, mas, enquanto o veterinário estava examinando o gato, ele abriu os olhos e olhou para Arnie. Ele disse a Wanda que o gato não tirou os olhos dele até que o levaram da sala. "Eu não podia deixá-la na mão", disse ele com pesar.

"Ela?", perguntou Wanda. "É uma fêmea?", ela sempre quisera uma gata.

"Sim", respondeu ele. "E aposto que ela é uma graça, quando não está coberta de lama."

E era isso mesmo. Daquele momento em diante, Arnie e Wanda verificaram o progresso da gata todos os dias. Ela foi transferida para o veterinário deles, muito mais perto, e assim eles puderam visitá-la com frequência.

Wanda colocou anúncios no jornal e colou cartazes, esperando que alguém fosse reclamar o gato, mas não houve resposta.

Onze dias depois, a gata estava bem o suficiente para receber alta do hospital e começou sua longa estrada de volta à recuperação. Com duas pernas quebradas, muitas lacerações e com arames na mandíbula, precisou de muitos cuidados de Wanda e de Arnie para trazê-la de volta ao normal. Eles já haviam se comprometido financeiramente com as despesas médicas da gata e agora também percebiam um grande comprometimento emocional.

Logo que sua filha de dois anos, Angela, viu a gata, gritou "eek!" Daquele momento em diante, ela continuava a gritar "eek!" sempre que a via. A gata laranja veio a ser oficialmente conhecida como Eek.

Do momento em que Eek foi trazida para casa, Willy ficou ao seu lado.

Eek dormia no calor dos pêlos macios de Willy e era lambida pela sua grande língua úmida. Durante o dia, Willy só saía de perto de Eek o tempo suficiente para comer e para sair a fim de fazer suas tarefas caninas.

Com o tempo, quando Eek melhorou e os pinos e o arame foram removidos, Willy instituiu sua própria forma de terapia ao empurrar gentilmente Eek com o focinho para que ela o perseguisse. Não precisava convencê-la muito, pois, sem os pinos, Eek era rápida como um raio. Juntos, eles corriam pela casa, derrapavam pelos cantos e paravam repentinamente na porta da frente.

Pelos dez anos seguintes, Eek e Willy eram quase que uma só mente.

Eles patrulhavam o quintal juntos, comiam juntos (sempre experimentando a comida um do outro) e dormiam na mesma posição desde o primeiro dia, com Eek deitada sobre o pêlo de Willy.

E, conforme o tempo e a idade se acumulavam neles, Eek e Willy passavam a maior parte das suas horas tomando sol e caminhando vagarosamente pela propriedade. Desde que encontrara Eek há dez anos, Willy a protegia e latia para qualquer cão ou gato que tentava entrar na propriedade. Eek não tinha nenhuma preocupação na vida, pois ela tinha Willy.

Foi no inverno em que Nashvil e teve várias tempestades de neve. As estradas ficavam repentinamente congeladas com frequência, devido à queda súbita de temperatura. A chuva virava gelo e tornava o ato de dirigir um pesadelo.

Foi numa dessas repentinas mudanças de tempo que Arnie e Willy se viram com problemas.

A tarde começara com uma chuva ininterrupta. Willy tinha ido ao veterinário para exames e para receber comprimidos para um problema cardíaco que tinha desenvolvido. Arnie o tinha deixado lá de manhã e deveria buscá-lo às 4h30. Eek tinha estado muito impaciente aquele dia sem seu amigo. Distraída, ela caminhou e caminhou, parando apenas para olhar pela janela, procurando por Willy.

Quando Arnie foi ao veterinário, as estradas estavam começando a ficar escorregadias, mas ele era um motorista cuidadoso, acostumado às estradas congeladas de Nashvil e.

No veterinário, houve uma espera de 20 minutos, antes que Arnie pudesse falar com o doutor, por causa de um atendimento de emergência.

Quando Arnie foi levado à sala de exames, Willy foi imediatamente trazido até ele. Eles se cumprimentaram entusiasticamente e, momentos depois, o veterinário entrou. A condição cardíaca de Willy tinha piorado um pouco; portanto, Arnie recebeu uma nova prescrição para seu cachorro. Marcaram uma consulta de retorno, e Arnie foi embora com Willy.

Mesmo sendo um motorista cuidadoso, Arnie não pôde controlar as ações de outro motorista, menos cuidadoso, que perdeu o controle e bateu no seu carro, do lado do passageiro. Os machucados de Arnie não foram sérios, alguns cortes e escoriações, mas ele ficou muito abalado. Quando se recuperou do choque, imediatamente procurou pelo seu cão, que estava deitado sem se mover. Arnie chamou seu nome, mas sabia que não haveria resposta. O lado direito do carro estava totalmente amassado. Willy não sobrevivera ao acidente; A semana seguinte foi cheia de pesar, confusão e dor. Arnie, ainda abalado pelo acidente, recuperava-se das suas escoriações, mas, como o resto da família, ele tinha um longo caminho pela frente em termos de dor emocional.

A ausência de Willy foi insuportável para todos. Até mesmo os vizinhos sentiam-se mal ao olhar pela janela e não ver o border col ie no gramado da casa.

Enquanto Arnie, Wanda e sua filha tentaram confortar um ao outro, Eek procurava por Willy, observando a janela, comendo pouco e andando pela casa à noite, depois de todos irem dormir, antes de finalmente se recolher. Como ela estava muito retirada e mostrando muito do seu desconforto apenas depois de a família ter-se recolhido para dormir, os Tansmores pensaram que ela se recuperava excepcionalmente bem.

Uma tarde, duas semanas depois, houve uma comoção na entrada da garagem. Um som alto de latido agudo foi ouvido do minúsculo pacote, mexendo-se, que Arnie trazia nos braços. Angela saiu da casa correndo, com Wanda logo atrás dela. Logo, Angela viu o filhote de golden retriever que se remexia, e insistiu em pegá-lo no colo. Arnie observava sua filha feliz. Em duas semanas, ele não a tinha visto nem ao menos sorrir. Ele e Wanda tinham discutido a situação e decidido comprar um cachorro novo para aliviar a dor causada pela morte de Willy.

Eek observava a súbita explosão de atividade da janela. Quando viu Angela levando o filhote para dentro de casa, fugiu para a segurança da banheira. As tentativas de Arnie e Wanda ajudarem Eek a ficar amiga do novo filhote foram respondidas com miados, patadas e longos períodos em que ela ficava escondida. A vida para Eek começou a ser uma constante perseguição, empurrões, patadas e aborrecimento causados pelo exuberante filhote. Quatro meses depois, as coisas foram de mal a pior. Eek fugiu. Ela não foi longe, mas o suficiente para amedrontar a todos. Foi encontrada, três dias depois, por um vizinho, a algumas casas rua abaixo. Eek tinha buscado refúgio no barracão de ferramentas do vizinho. Ela se havia espremido em um buraco na parte posterior do barracão.

Quando Eek voltou, fui chamada. Os Tansmores não sabiam o que fazer para ajudar Eek a aceitar Bob, o filhote.

Durante minha visita à casa dos Tansmores, notei que, em quase todas as

fotos da família nas paredes e mesas, Willy e Eek estavam no centro. Havia lindas fotos de Willy e Eek dormindo juntos e brincando no quintal A ligação que tinham estava evidente em todas as fotos.

Enquanto eu entrevistava Wanda e Arnie, Bob andava pela sala, excitado, com seu rabo balançando. Ele pulava impacientemente de Wanda para Arnie em busca de atenção. As tentativas de Arnie para reprimi-lo eram recebidas com total indiferença. O filhote tinha ouvido seletivo.

Quando fui até o cômodo onde Eek estava, fui tocada imediatamente pela sua aparência. Mesmo levando em consideração a sua idade, o bicho para o qual eu estava olhando tinha pouca semelhança com a gata das fotos. Essa gata tinha pêlo seco, acinzentado e ralo. Seus olhos pareciam vagos. Ela estava sentada como uma estátua na alta penteadeira do quarto. Era o seu lugar usual, disseme Wanda quando entramos no quarto. Sem dúvida, pensei comigo, é o único lugar onde o cão não consegue alcançá-la.

Enquanto os Tansmores pensavam estar fazendo o melhor possível para sua família no sentido de minimizar a dor, estavam, na verdade, criando uma situação pior para a pobre Eek. Ela não podia ficar triste por causa de Willy, nem encontrar consolo na família.

Há um equilíbrio a ser alcançado entre o gato enquanto gato e o gato enquanto membro da família. Sempre estou pregando aos donos para se lembrarem de que, embora eles vejam o gato como filho, eles devem ter certeza de que satisfazem as necessidades de gato do seu gato. Conforme descrevi no começo deste livro, isso envolve ver o mundo através dos olhos do seu gato e dar condições a ele de ter saúde emocional, física e mental. Para isso, você deve também considerar que o gato vive muitas das emoções que nós vivemos. Por exemplo, estresse, depressão, medo, *etc.* E não vamos nos esquecer da dor causada pelo luto.

Imaginem a confusão avassaladora de Eek, quando Willy desapareceu da sua vida. Aqui estava uma gata, uma criatura que tem hábitos, que teve tudo na sua vida virado de cabeça para baixo. Ela ainda consegue sentir o cheiro de Willy, mas ele não está em lugar nenhum. E para piorar as coisas, Eek olha para sua família, Wanda, Arnie e Angela, e a vê agindo de forma diferente. Como eu disse, tudo na sua vida virado de cabeça para baixo. Ela ficou ansiosa e estressada.

Para uma gata estressada que ainda não superou a morte do seu companheiro, o repentino acréscimo de um filhote certamente não era bem-vindo e acontecia numa má hora. Eek perdera toda a área de segurança porque o filhote passava por ela como um trator. A vida se tornou uma busca diária por um lugar para se esconder.

Treinar um filhote dá muito trabalho, por isso os Tansmores se tornaram muito ocupados com essa árdua tarefa. E não perceberam que Eek estava sendo perdida na confusão.

"Mas nós adotamos Bob para Eek também. Pensamos que ela ia querer um outro companheiro", disse Arnie defendendo-se.

"Eek precisava de tempo para se recuperar e precisava da sua atenção para saber que nada na sua vida havia mudado. E não se esqueça de que ela é uma gata mais velha. A chegada de um filhote cheio de energia pode ser demais", respondi.

"Será que os gatos choram?", perguntou Wanda. "Os gatos são muito estóicos, mas sentem muitas das emoções que nós sentimos", respondi. "Como eles parecem ser muito confiantes, às vezes, subestimamos a dor que podem estar sentindo."

"Eek precisava de nós, e nós a deixamos na mão", disse Arnie, balançando a cabeça.

"Eek precisa de vocês agora e vocês podem estar lá para ela", disse eu, enquanto observava o filhote começar a morder o canto da minha pasta. "Vamos começar agora mesmo com Bob."

Plano de Tratamento

A primeira coisa a fazer era os Tansmores marcarem dois importantes compromissos. O primeiro, no veterinário, para examinar o estado presente de saúde de Eek. Não gostei da aparência dela e queria ter certeza de que não tinha a saúde comprometida.

O segundo compromisso era com um adestrador de cães, que eu conhecia e com o qual trabalhava frequentemente. Além de tentar colocar Eek e Bob juntos, o cão precisava de um sério treinamento de obediência. Bob era um monte de energia mal direcionada e incontrolável. Sem o treinamento adequado, ele se tornaria o tipo de animal de estimação de que ninguém gosta — aquele que pula sobre as visitas, puxa sua guia, ignora as ordens do dono e torna-se o terror da vizinhança. Se você quer que seus vizinhos odeiem você, arranje um cachorro grande que não pode ser controlado.

Expliquei como, por meio de treinamento apropriado, Wanda e Arnie poderiam usar uma guia para ensinar Bob a respeitar o espaço de Eek. A gata precisava sentir-se segura na própria casa. Até esse ponto, ela nunca havia tido a

chance de decidir se gostava ou não de Bob. No momento em que ele entrou em casa, ela tinha de ficar em alerta máximo. Mesmo sem considerar o fato de que ainda sentia a perda de Willy, o filhote era muito intruso para Eek.

No treinamento, uma das ordens mais importantes para Bob aprender, em termos de conquistar a aprovação de Eek, seria "deita". Mandar Bob ficar numa posição relaxada, deitado no chão, facilitaria a aceitação de Eek, conforme ela se aventurasse novamente pela parte principal da casa.

Eek também precisava de tempo exclusivo com seus donos. Instruí Wanda e Arnie para dedicarem um tempo todos os dias para ela. Nessa hora, eles poderiam brincar, acariciar, enfim, fazer tudo o que Eek gostava. Angela também deveria fazer o mesmo para Eek.

A gata adorava sair, mas os Tansmores não mais a permitiram sair desde que fugira, temendo novo desaparecimento. Compreendi sua preocupação, mas senti que Eek estava deprimida com o seu aprisionamento. Recomendei que conseguissem uma guia para ela, para que novamente pudesse sair e divertir-se.

Wanda disse que Eek adorava tomar banho de sol na varanda. Com a guia, disse Wanda, poderia sair com ela e dar-lhe o tempo tão necessário durante a parada para o chá.

Também instruí Wanda e Arnie sobre como conduzir sessões de terapia de brincadeira bem calmas com Eek. Eu não estava certa em relação a quanto ela seria ativa durante a brincadeira, mas achei melhor os Tansmores começarem gradualmente e deixar Eek determinar o ritmo. Não precisava ser uma brincadeira rápida como um raio para Eek beneficiar-se. Tendo seus instintos de predadora despertados e desenferrujados, ela poderia ter mais estímulo em sua vida.

Acompanhamento Bob passou por um treino de obediência e é um cão que se comporta quase perfeitamente. Ele responde a comandos verbais e é excelente no "fique no chão", exceto quando está fora. A distração causada por outros cães ainda o fazem ter lapsos momentâneos de julgamento, mas Arnie e Wanda continuam a trabalhar com ele.

Eek aprendeu a aceitar Bob na sua vida. Embora a ligação não fosse a mesma que ela tinha com Willy; ela, de fato, começou a dormir com ele. Em vez de se enrolar no seu peito, como fazia com Willy, ela escolheu acomodar-se no alto de Bob. Curioso, por ela o ver como uma cama, é que Bob nem ligava para o rabo dela roçando nas suas orelhas.

O exame inicial de Eek não mostrou problemas maiores, a não ser pelo veterinário ter recomendado vitaminas, pois ela havia perdido peso. Com a ajuda da modificação de comportamento e do poder curativo do tempo, ela continuou a melhorar emocionalmente.

Três anos depois da morte de Willy, Eek teve diagnosticado um tumor canceroso. Apesar do melhor cuidado médico, seu prognóstico era muito grave.

Wanda e Arnie ficaram em agonia, pensando no que fazer. Finalmente, como viam que sua preciosa gata ficava cada vez mais fraca, eles tomaram a dolorosa decisão de acabar com o seu sofrimento. Wanda ligou para o veterinário e marcou uma hora para o dia seguinte.

Mas Eek nunca foi ao veterinário. Morreu tranquilamente nos braços de Wanda naquela mesma noite, cercada pela família que a amava tanto. No dia seguinte, Arnie abriu uma cova e ela foi enterrada ao lado do seu amado Willy.

Assim, uma vez mais, ele podia cuidar dela.

Wanda e Arnie foram muito cuidadosos ao lidar com a dor que Bob sentia pela perda de Eek. Eles cuidaram de oferecer-lhe muito amor e carinho. Wanda telefonou-me para saber como adotar um outro filhote de cão ou de gato. "Como vou saber a hora certa de adotar um outro animal de estimação."

"Você simplesmente vai saber', foi minha resposta.

Sete meses depois, um gato branco muito sujo, infestado de pulgas, magro, apareceu no quintal e nunca mais foi embora. Hoje, Kelsey é um gato adulto saudável que recebe muita atenção de Bob.

"Acho que era a hora certa", disseme Wanda pelo telefone.

Sim.

Observação Adicional

Quando você tiver lidado com a morte de um animal de estimação, lembre-se de que o animal que sobreviveu precisa passar pelo seu próprio processo de luto. O tempo adicional que você passar brincando com ele pode ajudá-lo a ter menos trauma e a passar por esse período de transição de forma menos solitária.

Acho que não é pegar o animal de estimação no colo e acariciá-lo que é vital, mas simplesmente passar algum tempo envolvido numa brincadeira com ele. Ás vezes, quando estamos sofrendo por causa de luto, pegamos o gato sobrevivente e agarramo-nos a ele, quase de forma dependente. Isso pode levantar uma bandeira vermelha para o gato, dizendo que algo muito, muito ruim está acontecendo na casa. Pode até deixá-lo mais nervoso. Seja confortador, mas não sufocador. Encontre um equilíbrio para que você e o seu gato possam encontrar conforto um no outro. Dar mais atenção ao seu gato pode realmente ter o benefício adicional de ajudá-lo a superar sua própria tristeza.

Quando perdi meu pai, há alguns anos, percebi que sempre que me pegava soluçando, sentindo-me desesperançadamente perdida, meus gatos se aproximavam de mim miando. Andavam impacientemente ao meu redor e miavam cada vez mais alto. Percebi que eles nunca tinham testemunhado aquele comportamento em mim antes. Eu devia tê-los confundido e deixando-os ansiosos. Para diminuir seu desconforto, eu costumava pegar um brinquedo interativo e fazia uma sessão de terapia de brincadeira. Antes que pudesse perceber, estava me sentindo melhor e curtindo observar meus gatos atacando e perseguindo o brinquedo. No fim da brincadeira, eu me perguntava quem de nós estava realmente confortando e quem estava sendo confortado. E é isso o que eu adoro nos gatos — eles estão sempre me ensinando muito a respeito da vida.

Antes de acabar esta seção referente a mais comportamentos incomuns, pensei em incluir uma história acerca de um dono com um comportamento fora do comum. E, uma vez que este livro enfoca o comportamento felino frustrante e indesejável, gostaria de fechá-lo com uma história que realmente refletisse o amor incondicional que pode acontecer entre um gato e seu dono, especialmente quando menos esperam. Esse amor nos permite encontrar soluções para o comportamento aparentemente mistificante do nosso gato e possibilita aos nossos gatos tolerarem nossas tentativas, quase sempre estabanadas, de comunicação.

Uma Lição de Amor

O senhor Vinsley foi um dos clientes mais memoráveis que já tive.

Originalmente da Inglaterra, era um senhor idoso, viúvo há muitos anos e vivia numa bela mansão em Kentucky.

"Meu problema é muito incomum", disse ele no começo da nossa conversa telefônica, mas se recusou a dar mais detalhes.

"Por favor, senhor Vinsley", pedi-lhe, "prefiro ter uma idéia de qual comportamento o gato está demonstrando, caso ache que uma visita ao veterinário seja necessária."

"Eu juro a você que um veterinário não é necessário para esta situação", respondeu. Então, fez uma pausa e acrescentou: "Eu asseguro a você que não sou um maníaco."

Comecei a discutir o meu preço, mas ele me interrompeu de novo: "Não importa; pago o que você pedir."

Expliquei a ele que, se eu fosse até a sua casa e achasse que uma visita ao veterinário era necessária, teria de remarcar nossa sessão. Ele concordou.

Quatro dias depois, eu estava indo para Kentucky.

A residência do senhor Vinsley se localizava numa estrada linda e reclusa. A longa entrada de carros levava até a magnífica casa. Havia dois carros estacionados na entrada da garagem, um brilhante Mercedes negro e um Honda empoeirado. Parei meu carro ao lado do Honda.

Fui recebida na porta pela empregada. Ela viu minhas mãos cheias de brinquedos de gatos e ergueu as sobrancelhas.

"Sou a consultora de comportamento felino", sorri.

"A psicóloga de gatos", corrigiu-me ela.

Fui levada até a sala, onde fui informada de que o senhor Vinsley me encontraria dali a pouco. Sentei-me num sofá enorme e observei o cômodo decorado com antigüidades. Peças maciças de mobília dominavam as longas paredes. Cada vaso e estátua parecia ter uma história fascinante. Pesadas cortinas penduravam-se em grandes janelas, bloqueando o sol. Sentime como se estivesse num museu.

Enquanto esperava pelo senhor Vinsley, arranjei ordenadamente todos os meus brinquedos de gatos no tapete ao lado do sofá. Meu caderno de anotações estava aberto e minha caneta pronta para anotar a história do cliente.

Tudo o que eu precisava era do cliente. Portanto, esperei. E esperei. Meu cliente estava agora 12 minutos atrasado.

A empregada reapareceu no corredor. "O senhor Vinsley pede desculpas

pelo atraso. Ele vem direto para cá", disse ela com frieza. "Você gostaria de algo para beber?"

"Não, obrigada", respondi, e a empregada desapareceu rapidamente.

Outros dez minutos se passaram. Comecei a ficar com sono. O sofá era bem confortável e o cômodo um tanto escuro. "Vou dar a ele mais cinco minutos e depois vou embora", disse para mim mesma, ou ao menos pensei ter dito.

"Desculpe-me, senhorita Johnson."

Ergui minha cabeça e olhei na direção da voz com sotaque britânico. No corredor, estava um homem magro, muito distinto, com um terno de três peças.

Achei que ele devia ter quase oitenta anos. Sua cabeça era totalmente coberta por cabelos brancos, penteados com estilo. Veio em minha direção e estendeu a mão. "Por favor, perdoe minha grosseria", disse ele, enquanto nos cumprimentávamos. "Tive de fazer um telefonema muito importante porém irritante."

"Compreendo", disse balançando a cabeça. "Por que não começamos?", peguei o caderno de notas, mas ele se levantou e foi até a porta.

"Vamos tomar chá", disse ele. "Ou você prefere café?". Comecei a dizer que sua empregada já tinha oferecido e eu recusara, mas ele não aceitaria um não como resposta. Então, escolhi chá.

Enquanto tomávamos nosso chá e comíamos biscoitos feitos pela empregada (que me lançou outro olhar cético quando trouxe a bandeja), comecei a perguntar ao senhor Vinsley acerca do seu gato. "Que comportamento seu gato tem demonstrado?", perguntei, preparando-me para tomar notas.

"Ah, ele é um bom gato", afirmou ele ao pegar um biscoito. "Não há nada de errado com seu comportamento."

Eu olhei atrás do meu caderno de anotações. "Não há nada de errado com seu comportamento."

Ele viu minha reação e recostou-se na poltrona. "Eu realmente tenho um problema com meu gato, mas não tem nada a ver com o seu comportamento."

"Tudo bem, então. Como posso ajudá-lo?" Eu estava tentada a lembrá-lo de que eu era, afinal de contas, uma consultora de comportamento felino, mas havia algo naquele homem de que eu gostava. Ele parecia sincero. Sincero sobre o quê eu não sabia, mas era sincero, de qualquer forma.

"Preciso encontrar uma boa casa para o meu gato."

Tirei meus óculos e esfreguei os olhos. "Senhor Vinsley, eu não gerencio adoção de animais. Trabalho com comportamento animal. Posso dar ao senhor os nomes de algumas pessoas maravilhosas que..."

"Não", interrompeu ele. "Quero especificamente que você encontre um lar para ele."

"Por que eu?"

"Senhorita Johnson, eu li seus livros, vi você na TV e também ouvi falar do seu trabalho. Você realmente entende de gatos. Meu gato, Dancer, é tudo o que eu tenho e eu quero o melhor para ele. Pago a você por todo o tempo que gastar procurando."

Eu estava confusa. "Por que o senhor precisa achar um outro lar para ele?"

O senhor Vinsley olhou para mim, seus olhos ficaram enevoados por um momento e, então, ele recuperou o controle. "Senhor Vinsley, o senhor está bem?", perguntei.

"Estou com câncer", disse, quase num sussurro. Passou, então, a explicar o porquê de me ligar. Seu médico lhe dissera que ele tinha menos de nove meses de vida. Ele não tinha medo de morrer, assegurou-me. Afinal de contas, tinha vivido bem seus 77 anos. Tinha todos os confortos, nunca precisara de nada e estava querendo encarar o fim da vida com dignidade. Todos os seus negócios estavam em ordem. Ele não tinha família e queria que o dinheiro da sua propriedade fosse para uma instituição de pesquisa de câncer infantil e várias organizações para o bem-estar dos animais.

"Há apenas uma coisa importante a fazer", disse, com pesar, o senhor Vinsley. "Preciso cuidar do Dancer. Eu o encontrei há quatro anos e desde então se tornou meu melhor amigo. Preciso que você encontre um lar para ele enquanto ainda estou vivo. Quero ter certeza de que ele terá o amor e o cuidado que merece. Pagarei suas despesas de alimentação e o veterinário." Ele baixou os olhos para suas mãos e, então, olhou para mim. "Não conheço mais ninguém que não pense que sou um velho tolo, preocupando-me com um gato, mas ele tem estado ao meu lado por esses últimos anos, que têm sido muito duros.

Quando eu estava doente a ponto de não poder sair da cama, Dancer ficava o tempo todo comigo. Ele é um amigo maravilhoso, e quero ter certeza de que ele terá uma boa vida sem mim."

Eu não sabia o que dizer. O senhor Vinsley levantou-se quebrando o embaraçoso silêncio.

"Vou apresentar Dancer a você." Com isso, ele deixou o quarto.

Foi então que percebi que eu tinha contido minha respiração enquanto ele falava. Eu não esperava nada assim.

Alguns minutos depois, o senhor Vinsley voltou, trazendo um gato cinza nos braços. Dancer era um macho de aparência dura que tinha obviamente tido muitas brigas, antes de se tornar um residente da casa do senhor Vinsley. Era um gato enorme. Não gordo, mas grande. Ambas as orelhas não tinham pontas, e seu focinho trazia velhas cicatrizes.

Apesar da rude aparência exterior, a personalidade de Dancer era doce e

gentil. Envolto nos braços do seu dono, seu alto ronronado soava como o motor de um velho carro. O senhor Vinsley o colocou no chão, e ele veio me cumprimentar. Não contente em ser apenas agradado, Dancer pulou no meu colo e esfregou o rosto em mim.

O senhor Vinsley encontrara Dancer deitado no seu carro, numa fria manhã de inverno. Sem ter nenhuma afeição por gato, o senhor Vinsley espantou Dancer imediatamente, e acabou! Ou assim pensou o senhor Vinsley. Todas as manhãs, durante a semana seguinte, lá estava aquele gato cinza deitado no teto do seu lindo Mercedes.

Uma manhã, o senhor Vinsley estava assistindo ao noticiário matinal na TV da sua cama e ouviu que a temperatura continuaria a cair durante o dia. À noite, estaria tudo congelado. Mesmo não gostando de gatos, ele odiava a idéia de que aquela pobre criatura pudesse congelar lá fora. É óbvio que ele devia pertencer a alguém. O senhor Vinsley planejava dizer ao dono do gato que o mantivesse na sua propriedade! Talvez ele tenha uma coleira com endereço, pensou o senhor Vinsley. Assim, ele se vestiu rapidamente e saiu, esperando encontrar o grande gato cinza deitado no seu carro como de costume. Abriu a porta da frente, sentiu o sopro gelado e olhou para fora. Nada de gato.

O senhor Vinsley nunca gostou de animais. Mesmo assim, ele se viu olhando para fora poucos minutos, esperando pelo gato. Repetia para si mesmo que tudo o que queria era encontrar o dono daquele felino.

Quando a empregada chegou das suas compras matinais, encontrou o senhor Vinsley na cozinha, de roupão, virando uma lata de atum num prato. Ela não perguntou o que ele estava fazendo. Ele não estava comendo bem ultimamente, portanto, se ele queria comer atum às sete da manhã, por que incomodá-lo?

O senhor Vinsley correu para fora, colocou o prato de atum no teto do seu carro e voltou à sua casa aquecida para esperar. Seu plano era levar o gato ao abrigo local, caso não tivesse identificação. Ele se livraria daquele vira-lata, de um jeito ou de outro.

Viúvo por 25 anos, o senhor Vinsley viveu mais que o único filho. Sem netos e sem parentes vivos, ele estava acostumado a viver sozinho. Passava os dias lendo, ouvindo música, andando pelos belos arredores da sua propriedade.

Ele estava bem, sozinho, e não lhe interessava fazer amigos e ficar de conversa fiada com os vizinhos. Por brincadeira, sua empregada se referia a ele como "Patinhas".

No fim do dia, o atum, agora congelado, foi tirado do carro. A empregada observava, mas não falava nada. "Faça do seu jeito, gato burro!", disse o senhor Vinsley ao entrar em casa e jogar o atum no lixo.

Antes de ir dormir, naquela noite, o senhor Vinsley pôs a cabeça para fora da porta mais uma vez, à procura do gato irritante. Como ele não estava lá, Vinsley trancou a porta e foi para a cama. Mais ou menos às duas da manhã, acordou. Ele jura que foi uma sede terrível que o tirou da cama e o fez ir até a cozinha. No caminho, parou para dar uma rápida olhada na porta da frente — sem sinal de gato no carro. Mas, quando estava para fechar a porta, ele viu alguma coisa mancando na sua direção. Vindo pela entrada da garagem, lá estava o gato cinza. Seu pêlo estava sujo e sua pata direita pendurada no ar. O senhor Vinsley saiu para a varanda, mas, logo que o fez, o gato parou.

"Não vou machucá-lo", disse ao gato. "Venha aqui e vou ajudá-lo."

O gato apenas olhou para ele sem se mover. O senhor Vinsley não sabia se devia ou não entrar e pegar mais comida. E se o gato fugisse? Mas sabia que tinha de fazer algo logo — o ar frio atravessava seu roupão fino.

Deixando a porta da frente aberta, caminhou vagarosamente para dentro de casa e foi até a cozinha, onde colocou alguns restos de frango num grande prato. Ele temia que o gato se fosse, mas, quando voltou para a varanda da frente, lá estava o gato, na entrada da garagem com a pata no ar.

O senhor Vinsley colocou a comida na varanda e encostou-se na porta. O velho e o gato apenas olharam um para o outro.

O senhor Vinsley não se tinha importado com ninguém durante muito tempo e não sabia por que estava tão preocupado com aquele gato.

Simplesmente, havia alguma coisa nele. Ali estavam dois caras velhos e duros, tão acostumados a ficar sozinhos que sequer sabiam pedir ajuda.

"Eu geralmente não ligo para a sua espécie, você sabe", disse o senhor Vinsley ao felino hesitante, "mas, por favor, deixe-me ajudá-lo. Venha, está muito frio para eu ficar aqui."

Alguns minutos se passaram. O senhor Vinsley estava tremendo. O gato o observava intensamente. Parecia estar tomando uma decisão. Alquebrado, o velho gato cinza mancou até a varanda, farejou o prato de comida e passou, muito fraco, pela porta e para dentro de casa.

Surpreso porque o gato tinha voluntariamente entrado na casa, o senhor Vinsley o seguiu e fechou a porta. "Não culpo você por recusar frango", disse ao gato. "Regina não é uma boa cozinheira."

Depois de alguma hesitação, o gato permitiu que o senhor Vinsley examinasse sua pata machucada. Precisava de cuidado médico logo de manhã cedo. Entrementes, aquela coisa velha e suja passaria a noite na cozinha.

Quando o senhor Vinsley se agachou para pegá-lo, ele correu com suas três patas sãs em direção às escadas. Antes que pudesse ser impedido, ele foi até os quartos.

Planejando tirar o gato naquele momento, o senhor Vinsley voltou para fechar a porta da frente. Com frio e cansado, subiu as escadas. Achando que o animal amedrontado estaria escondido deixo de uma das camas, ele ligou a luz para começar sua busca, mas o gato já havia decidido que na cama do senhor Vinsley era muito mais confortável. E lá estava ele, enrodilhado no pé da cama enorme.

"Você podia ao menos ter escolhido um dos quartos de hóspedes", comentou o senhor Vinsley. Mas ele estava cansado demais para brigar; portanto, entrou debaixo dos cobertores, esticou as pernas ao lado do gato e apagou a luz. "Não se acostume com isso. Você vai embora de manhã."

Na manhã seguinte, a caminho da sua própria consulta médica, Senhor Vinsley deixou o gato no hospital veterinário mais próximo.

Foi nessa visita ao médico que o senhor Vinsley soube que estava com câncer. Deprimido e amedrontado, foi para casa, quase esquecendo de parar no veterinário. De fato, quando percebeu que estava para passar defronte do hospital para animais, considerou seriamente deixar o gato lá para que o veterinário cuidasse dele. Mas ele parou.

O gato cinza estava com a pata quebrada. O técnico de veterinário trouxe o gato com uma grande tala. O senhor Vinsley pagou a conta e saiu com o gato.

Mesmo sem saber por que, sentiu um puxão no coração quando pegou o gato no colo.

Três semanas depois do começo desse novo relacionamento, a saúde do senhor Vinsley deu uma guinada para pior e ele ficou confinado na sua cama. O gato, que agora se chamava "Dancer" — pois podia mover-se graciosamente, apesar da pesada tala —, só saiu do seu lado para comer ou usar a caixa de areia.

A amizade foi ficando cada vez maior. Quando o senhor Vinsley estava bem o bastante, os amigos passeavam pelo terreno, ou se sentavam ao sol.

Dancer adorava dormir no colo do senhor Vinsley enquanto este ouvia música clássica, ou lia um livro.

E uma outra coisa aconteceu. O senhor Vinsley começou a conversar com seus vizinhos a respeito de animais de estimação. Trocavam histórias e conselhos. Depois desses anos todos, o senhor Vinsley estava se importando com as pessoas de novo. Logo, seus vizinhos se tornaram amigos que iam visitá-

lo e paravam para tomar uma xícara de chá, ou jogar cartas.

Enquanto eu ouvia o senhor Vinsley falar sobre Dancer, eu disse a mim mesma que faria qualquer coisa para realizar seu desejo.

Fiz várias viagens para visitar o senhor Vinsley e Dancer. Tomávamos chá juntos e conversávamos. Eu adorava essas visitas e penso nelas com frequência.

Depois de uma extensa procura, encontrei uma casa em potencial para

Dancer — uma mulher muito doce e gentil que tinha perdido o marido há alguns anos. Pensei que era uma bela chance para Dancer dar a essa pessoa solitária o mesmo amor que ele havia dado ao senhor Vinsley.

Quando Ruth Leeson conheceu o senhor Vinsley e Dancer, os três se deram muito bem, e o senhor Vinsley tinha muito prazer em contar para Ruth os gostos e as aversões de Dancer.

Oito meses depois que o encontrei pela primeira vez, o senhor Vinsley foi levado ao hospital. Sua empregada me ligou dizendo que o senhor Vinsley queria que eu fosse até lá, pegasse Dancer e o levasse para a sua casa nova. Cancelei meus compromissos daquele dia e liguei para Ruth para dizer-lhe para esperar por Dancer.

Fui até a casa do senhor Vinsley. A empregada me deixou pegar as coisas de Dancer. Como soubesse o que estava para acontecer, Dancer esperava por mim no quarto do senhor Vinsley. Estava sentadinho quieto na cama.

A empregada me acompanhou até o carro. Ela tocou meu braço e agradeceu-me pelo que eu estava fazendo ao senhor Vinsley. Havia lágrimas nos seus olhos. Ela tinha trabalhado para ele durante quinze anos.

Mais tarde, no mesmo dia, visitei o senhor Vinsley no hospital e disselhe que Dancer já estava no seu novo lar e que Ruth estava fazendo tudo o que podia para ele se sentir em casa. Ele sorriu. Conversamos um pouco mais, e ele dormiu. Eu levantei silenciosamente e fiquei de pé ao lado da cama por um momento. "Vou cuidar do Dancer para você", sussurrei e saí do quarto.

Dois dias depois, o senhor Vinsley morreu.

Desde então, visitei Dancer na sua casa nova muitas vezes, e ele está muito feliz. Ele segue Ruth da mesma forma que fazia com o senhor Vinsley. E

percebi que Ruth está muito mais contente do que quando a conheci. Ela me contou orgulhosamente que Dancer dorme na sua própria almofada, ao lado da cama dela.

Dancer, o gato que uma vez fora sujo, vadio e durão, ensinou o senhor Vinsley a amar de novo. E agora, esse professor de pêlo cinza, de orelhas rasgadas e com um ronronado que parece o motor de um carro velho, está ajudando Ruth a aprender a mesma lição.

Considerações Finais

Para algumas pessoas, os gatos são criaturas graciosas, companheiros leais e os mais intuitivos amigos das nossas vidas. Mas, para outras, os gatos são mistérios frustrantes, tigre em pele de bichano e tão difíceis de dobrar quanto o velho carvalho no jardim. Espero que este livro tenha ajudado a minimizar algumas das frustrações de donos de gatos que consideram cada dia uma batalha contra essa bola de pêlos, com quatro patas, que parece um anjo, mas age como um demônio. Você já se perguntou o que os gatos pensam de nós?

Pergunto a mim mesma se eles não nos acham gigantes confusos, de humor instável, amedrontadores e imprevisíveis. Tenho a impressão de que nós os frustramos mais do que eles poderiam nos frustrar.

No nosso relacionamento com nossos gatos, são eles que se comprometem mais a se adaptar às nossas regras, mesmo quando essas regras não fazem nenhum sentido para eles. Os gatos se doam tão sem esforço que, às vezes, contamos com isso de antemão.

Quando vivem num ambiente selvagem, os gatos precisam de poucas coisas: água, um companheiro (se tiverem sorte), uma árvore ou duas para marcar e trepar, um pouco de terra para aquelas funções "pessoais" e uma fonte modesta de presas para apanhar. Então, nós entramos em cena e é "não suba aí... não arranhe ali... não faça xixi lá... não persiga aquela coisa... não seja um gato!"

Lembre-se: olhe para o seu mundo com os olhos do seu gato e você encontrará soluções para os problemas de comportamento e formas de melhorar sua qualidade de vida. A positiva modificação de comportamento ganha folgadamente da disciplina e do castigo.

Se você acha que não consegue lidar com um problema de comportamento, há muita ajuda por aí para você. Consulte seu veterinário. Ele pode recomendar um profissional de comportamento animal, se necessário. Os profissionais de comportamento animal fazem visitas, dão consultas pelo telefone ou atendem em clínicas.

É uma vida de gato... faça com que seja boa!

FIM

Table of Contents

Introdução
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Considerações Finais